

**POR UMA ABORDAGEM PERFORMATIVA
DAS LÍNGUAS DE SINAIS**

por

Maria Helena Figueira Glass

Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística Aplicada do Instituto
de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas
como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Linguística Aplicada (Tradução).

Orientador: Kanavillil Rajagopalan

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1996

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

G463p Glass, Maria Helena Figueira
Por uma abordagem performativa das línguas
de sinais. / Maria Helena Figueira Glass. --
Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador: Kanavillil Rajagopalan
Dissertação (mestrado) - Universidade Es-
tadual de Campinas, Instituto de Estudos da
Linguagem.

1. Linguística. 2. Atos da fala. 3. Sur-
dos - meios de comunicação. 4. Tradução e in-
terpretação. I. Rajagopalan, Kanavillil. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto
de Estudos da Linguagem. III. Título.

Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan (Orientador)

Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

Profa. Dra. Mariluce Novaes

A
George e Helena Glass,
meus pais.

Meus agradecimentos especiais a

- .Raja, pela confiança.
- .Neuza e Norma, pela amizade e apoio.
- .Maria Laura e Coracini, pelas observações na Qualificação.
- .Mari, Damião, Bete e Gel, pela participação nas gravações.
- .Maria Cristina (Derdic), pelo auxílio bibliográfico.
- .Marta Pimentel e Mário Jr., pelas informações.
- .Maria Lúcia, pelo carinho, apoio e revisão ortográfica.
- .Zilma e Roque, pelo apoio e companheirismo.
- .Lu, pelo apoio distante.
- .FAEP (UNICAMP), por financiar minha participação na conferência "TAPESTRIES IN PROGRESS- Multicultural Issues in Treatment of Deaf and Hard-of-hearing client", Julho 96, em São Francisco, EUA.
- .Enfim, a todos os familiares e amigos que pacientemente suportaram essa fase de isolamento e introspecção tão necessária para a famigerada serendipidade.

E ao CNPq, sem o qual este trabalho não seria possível.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I - Linguística & Língua de Sinais	17
1. Línguas de sinais.....	17
2. Tradução de/para língua de sinais.....	29
3. Tradução de/para língua de sinais no Brasil.....	34
CAPÍTULO II - Língua de Sinais versus Linguística	39
1. IAI (Interpreter Assessment Instrument).....	40
2. RID NTS (RID National Testing System).....	56
CAPÍTULO III - Escapando das amarras	68
1. A filmagem.....	69
2. Os tradutores de/para língua de sinais.....	72
3. Os TLS segundo a proposta IAI.....	73
4. Os TLS segundo a proposta RID NTS.....	85
5. Línguas de sinais enquanto atos ilocucionários.....	90
6. Os TLS sob a perspectiva performativa.....	95
CONCLUSÃO.....	97
SUMMARY.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	104
APÊNDICE 1.....	106
APÊNDICE 2.....	124
APÊNDICE 3.....	150
APÊNDICE 4.....	152
APÊNDICE 5.....	173

RESUMO

Neste trabalho, problematizo a procedência do estudo das Línguas de Sinais realizado no âmbito da Lingüística. Minha argumentação se baseia no fato de que, como os modelos teóricos dessa ciência foram criados a partir das línguas faladas, eles não são aplicáveis às Línguas de Sinais. Como ilustração à minha argumentação, analiso e questiono a validade da utilização de dois programas de avaliação (IAI e RID) de Tradutores de/para Língua de Sinais, considerando que tais programas foram concebidos segundo os modelos teóricos da Lingüística.

Uma vez questionada a procedência do estudo das Línguas de Sinais no âmbito da Lingüística, argumento que estudos a respeito de um tipo de manifestação de linguagem em três dimensões, como são essas línguas viso-espaciais, demandam uma concepção de linguagem diferente daquela que norteia a Lingüística. Sugiro, então, que as Línguas de Sinais sejam concebidas a partir de uma abordagem performativa da linguagem, ou seja, enquanto atos ilocucionários.

Palavras-chave: Lingüística, Língua de Sinais, Tradução, Atos ilocucionários.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, desde as mais remotas datas, a linguagem humana vem despertando o interesse de estudiosos e filósofos; é objeto de pesquisa e de inspiração para a elaboração das mais diversas teorias que têm como objetivo não apenas explicar o próprio fenômeno da linguagem como explicar a própria existência humana. Afinal, a linguagem sempre esteve presente nos questionamentos filosóficos e, de alguma maneira, até determinou esses mesmos questionamentos, considerando que "qualquer empreendimento filosófico envolve ou (...) se resume a uma tomada de posição ante a linguagem" (Rajagopalan, 1992b:41). E tomar uma posição ante a linguagem significa relacioná-la a algum aspecto da realidade humana para, então, explicá-la. Tradicionalmente, este relacionar se dá ou com a realidade propriamente dita ou com a mente humana. Estejam os estudos voltados para um ou outro aspecto da realidade humana, as conseqüências teóricas são praticamente as mesmas: a linguagem é sempre concebida a partir de uma visão idealizada do homem.

A Lingüística, resultado acadêmico desse enorme interesse pela linguagem, naturalmente partilha dessa

visão. (Por Lingüística, refiro-me aos estudos científicos pós-saussurianos, sincrônicos, estruturalistas e de natureza fonocêntrica da linguagem humana.) Esta ciência, seja numa linha pré-chomskiniana ou chomskiniana, está elaborada a partir do que se imagina um falante ideal. Há um conceito de falante norteando a Lingüística que pressupõe uma identidade que, por sua vez, implica um conceito de indivíduo. O próprio conceito de indivíduo, etimologicamente falando, é carregado de informações que nos indica a visão de homem adotada pela Lingüística. Segundo Rajagopalan (1995:5), 'indivíduo' é "invariavelmente concebido enquanto um ser único e indivisível". A idealização do indivíduo, que naturalmente leva à pressuposição da existência de uma identidade, é uma das providências necessárias para a sustentação do caráter científico da Lingüística. Como diz Derrida (1973:40): "a cientificidade da lingüística tem, com efeito, como condição, que o campo lingüístico tenha fronteiras rigorosas, que este seja um sistema regido por uma Necessidade interna e que, de uma certa maneira, sua estrutura seja fechada". E tais fronteiras rigorosas se fazem, principalmente, a partir da noção de indivíduo ideal, de identidade.

A questão da identidade é, então, fundamental para a Lingüística. Mas quem seria esse indivíduo que corresponde ao ideal dessa ciência? Estariam incluídas as crianças, com sua característica comunicativa tão peculiar? E os

esquizofrênicos com seus dizeres estranhos? Teriam eles um lugar nessas teorias? E que pensar dos surdos, com seus dizeres que mais parecem um fazer?

Não. O indivíduo ideal da Lingüística não comporta nem as crianças, nem os esquizofrênicos, nem os surdos. O indivíduo (ou falante) ideal dessa ciência é adulto, nativo, "normal" e tem pleno controle de seus dizeres. É o sujeito cartesiano, dotado de uma identidade. Da mesma identidade que é elemento necessário para a garantia das "fronteiras rigorosas" da Lingüística, sobre as quais comentou Derrida. Identidade, que "é o que é inerente, conseqüentemente, considerada uma posse e, ainda assim, é ela que possui o indivíduo"¹ (Racevskis, 1993:39).

O indivíduo ideal da Lingüística não poderia comportar, portanto, nem as crianças, nem os esquizofrênicos, nem os surdos. As crianças "não contam; elas são como larvas, objetos de curiosidade que são interessantes apenas na medida em que podem nos ajudar a compreender melhor aqueles que são lingüisticamente adultos" (Rajagopalan, 1995:5). Os esquizofrênicos também não se encaixam nesse ideal, eles denunciam a todo instante que é "uma busca vã procurar a Lingüística para garantir a cientificidade de procedimentos e autenticação de rótulos para lidar com o estranhamento provocado pelos dizeres na esquizofrenia" (Novaes, 1995:66). Os surdos são naturalmente diferenciados pois são vistos em oposição à

¹ Esta e todas as demais citações retiradas de textos em inglês foram traduzidas por mim.

"normalidade". A mesma "normalidade" que se impõe enquanto padrão e condena tudo e todos que ameaçam sua legitimidade com o carimbo de patologia. Não é à-toa que as teorias da linguagem sempre deixam claro que são "aplicáveis aos normais e não dizem respeito a patologias" (Stokoe, 1986:175).

Se o indivíduo ideal da Linguística não comporta nem as crianças, nem os esquizofrênicos, nem os surdos, isso naturalmente significa que a questão da identidade, "central para as construções teóricas" (Rajagopalan, 1995:5) desta ciência, gera exclusão. Gera exclusão, mas não resolve a questão. Afinal, as crianças, os esquizofrênicos e os surdos existem e estão a todo instante colocando em xeque as teorias.

Abandonemos por ora as crianças e os esquizofrênicos e fixemos nossa atenção nos surdos.

Os surdos sempre foram alvo de muita curiosidade, seja por serem considerados um desvio da normalidade, seja por viverem fechados em suas comunidades. A curiosidade é natural pois a incidência mundial é alta, em torno de 1,5% da população². Os surdos, que aparentemente não denunciam a existência de nenhuma "anormalidade", pois a "deficiência" não é fisicamente visível, podem subitamente se fazerem notar ao utilizarem sua linguagem peculiar - a Língua de Sinais. Língua de Sinais é uma expressão de linguagem viso-

² Segundo consta na brochura informativa "A SURDEZ PODE SER EVITADA - Projeto de Prevenção da Surdez", publicada pelo Centro SUVAG de Pernambuco, em 1987.

gestual que é utilizada naturalmente pelos surdos. Utilizando a Língua de Sinais, os surdos se comunicam, "expressam conceitos abstratos" (Ferreira Brito, 1994: 357), expressam sentimentos e até mentem.

Até pouco tempo, precisamente trinta e seis anos atrás, as Línguas de Sinais não eram consideradas propriamente línguas. Imaginava-se, até então, que elas, além de serem o "sintoma visível da surdez" (Massone, 1993:76), eram apenas uma "coleção solta de gestos" (Klima & Bellugi, 1980:30) através dos quais não seria possível a expressão de idéias com a mesma propriedade como acontece através das línguas faladas. Os estudos lingüísticos que predominavam até então excluía "implícita ou explicitamente (...) qualquer sistema que não utilizasse sinais orais, sonoros" (Massone, 1993:78).

Hoje, as Línguas de Sinais gozam de outro status: são consideradas línguas naturais ou, como diz Behares (1993:44), são consideradas "sistemas lingüísticos com as mesmas propriedades das línguas orais". Afinal, grande número dos lingüistas atuais consideram que "a estrutura subjacente da linguagem é independente da modalidade de expressão auditivo-vocal, viso-gráfica, viso-gestual" (Massone, 1993:78). As Línguas de Sinais deixaram, então, de ser um sintoma de "anormalidade" e hoje são estudadas "dentro do âmbito científico" (*Id. ibid.*). Essas línguas são hoje descritas, normatizadas e legitimadas pela

Linguística, apesar dos modelos teóricos dessa ciência terem sido criados para as línguas faladas.

Mas tal legitimação tem um preço. Como se trata da linguagem de uma parcela da humanidade que é naturalmente considerada "anormal", muito distante daquele indivíduo ideal da Linguística, sua legitimação só poderia partir "daqueles que a sociedade vê como autorizados, os linguistas" (Massone, 1993:85), que são, obviamente, ouvintes, letrados, "normais".

Massone (1993:82) nos lembra que "as Línguas de Sinais pertencem a comunidades ágrafas e o linguista pretende apropriar-se delas a partir das teorias e metodologias convencionais, quando aquelas pertencem a uma realidade exterior à nossa experiência de sociedade alfabetizada". Ocorre, ainda segundo a autora, uma reprodução do "status-quo (sic) ouvinte" (Id.p.81). Há de se convir que um movimento de ruptura em relação à tradição fonocêntrica a qual pertencemos exige grande esforço. São séculos de crença na linguagem enquanto phoné. E Derrida (1973:9) nos informa que esse "privilégio da *phoné* não depende de uma escolha que teria sido possível evitar. Responde a um momento da *economia* (digamos, da 'vida' da 'história' ou do 'ser como relação a si')". Afinal, a voz é tida como "produtora dos *primeiros símbolos*" que "tem com a alma uma relação de proximidade essencial e imediata" (Derrida, 1973:13).

A observação ouvinte da linguagem do surdo demanda, portanto, mais que entusiasmo e boa vontade. Há que se realizar rompimentos necessários. Ou, pelo menos, há que se enfrentar a tradição fonocêntrica *sob rasura*, nos termos de Derrida. De outra maneira, a apropriação ouvinte da linguagem surda apenas resulta na perpetuação da desigualdade já presente entre os ditos "normais" (ouvintes) e os ditos "anormais" (surdos). Afinal, como diz Massone (1993:86), "representar a cultura surda e sua língua em nossos termos implicaria mais na (*sic*) distorção do que no (*sic*) reconhecimento".

Por concordar com a autora, elenco neste trabalho algumas consequências de tal distorção. Para tanto, analiso dois programas de avaliação de Tradutores de/para Língua de Sinais³ (ambos concebidos no âmbito da Lingüística) e levanto os problemas provenientes do fato deles terem sido concebidos a partir dos modelos teóricos dessa "ciência". Os programas analisados aqui são: (1) o IAI (Interpreters Assessment Instrument) da Universidade da Califórnia em São Francisco, EUA, e (2) o RID NTS, Sistema Nacional de Avaliação do "Register of the Interpreters for the Deaf", órgão de porte nacional dos EUA que avalia e concede

³ Contrariando o uso comum, que denomina essa profissão/profissional de Interpretação/Intérprete, estarei utilizando os termos tradução/tradutor de/para Língua de Sinais neste trabalho, pois não concordo com a existência de divisão terminológica na área da tradução para designar a prática oral e a escrita. Só utilizarei os termos Interpretação/Intérprete quando estes fizerem parte de nomes de instituições, leis, publicações, ou ainda quando aparecerem em citações de autores selecionados. Maiores esclarecimentos no capítulo 1.

certificados a tradutores de/para língua de sinais. Foram diversas as razões que me levaram a escolher esses dois programas norte-americanos de avaliação para ilustrar este trabalho. Em primeiro lugar está o fato de ainda não existir no Brasil um programa sistemático de formação e avaliação de tradutores de/para língua de sinais. Uma outra razão repousa no fato de terem sido os Estados Unidos os precursores nos estudos tanto a respeito das línguas de sinais como a respeito da tradução de/para língua de sinais. Conseqüentemente, o número de trabalhos nessa área é muito grande naquele país, o que torna seu acesso mais fácil. A decisão pelos programas IAI e RID NTS dentre os existentes naquele país se deveu ao fato deles advirem de instituições conceituadas nacionalmente e mesmo internacionalmente. Além disso, os certificados provenientes desses programas são reconhecidos em todos os estados daquele país. Por fim, há ainda um outro motivo, muito apropriado para minha discussão neste trabalho: os dois programas, apesar de possuírem naturezas diferentes (o IAI é explicitamente atomístico enquanto o RID NTS proclama-se holístico), foram concebidos a partir dos princípios da tradição fonocêntrica, alguns dos quais analiso aqui.

É meu objetivo argumentar que a adoção desses programas de avaliação pode trazer conseqüências para o ofício do Tradutor de/para Língua de Sinais: um programa de avaliação como o IAI, estruturado como está na visão

atomística de linguagem, acaba por perpetuar a idéia segundo a qual as línguas de sinais são manifestações de linguagem inferiores às línguas faladas e um programa como o do RID, estruturado como está numa visão "positivista" de linguagem, não respeita uma das características das línguas de sinais que considero das mais importantes: o fato do interlocutor interferir na linguagem e na própria significação.

Por fim, numa tentativa de realmente observar a Língua de Sinais "a partir de suas idiossincrasias" ("on its own terms"/Crystal, 1993:222), procurando não cair no engodo comum de "pensar na linguagem em termos das estruturas da fala ou escrita" (Id. *ibid.*), sugiro que as Línguas de Sinais devem ser concebidas enquanto atos ilocucionários e, naturalmente, estendo tal sugestão aos estudos dos Tradutores de/para Língua de Sinais. Observar as Línguas de Sinais, bem como o ofício da tradução de/para língua de sinais, a partir de uma abordagem performativa da linguagem humana é uma maneira de respeitar o caráter simultâneo (3-D) dessas línguas, além de criar empecilhos para a perpetuação da aplicação de modelos teóricos repletos de preconceitos (*bias*) da tradição fonocêntrica.

Enfim, é objetivo central deste trabalho problematizar a adoção das línguas viso-espaciais por parte da Lingüística para, então, argumentar que, somente se respeitadas em suas características tridimensionais e simultâneas, as línguas viso-espaciais poderão ser, de

fato, consideradas legítimas manifestações de linguagem. E, somente quando as Línguas de Sinais forem contempladas mais amplamente, os preconceitos ainda reinantes nas escolas, nos lares onde há surdos e na sociedade como um todo, poderão começar realmente a desaparecer e os estudos da Tradução de/para Língua de Sinais, conseqüentemente, poderão se realizar em bases realísticas.

CAPÍTULO 1

LINGÜÍSTICA & LÍNGUA DE SINAIS

Línguas de Sinais

É provável que os surdos tenham se valido da comunicação através de gestos desde as mais remotas datas. Segundo Crystal (1993:221), há referências a esse tipo de linguagem em escritos gregos e romanos. Essa linguagem gestual a que me refiro é a maneira pela qual as comunidades surdas se comunicam e sempre se comunicaram entre si.

Ao longo dos tempos, no entanto, houve várias tentativas de criação de sistemas artificiais de sinais baseados nas línguas faladas com o intuito de facilitar o processo educativo do surdo. Esses sistemas artificiais de sinalização foram, na maioria dos casos, criados à revelia do próprio surdo, considerando que eram elaborados por ouvintes. Podemos citar o francês L'Épée que criou um sistema gestual que levou seu próprio nome, assim como houve sistemas como o "Vocabulário Makaton" (Makaton Vocabulary) na Inglaterra, o "Sinalizando o Inglês Exato" (Signing Exact English) nos EUA, o "Sueco Sinalizado" (Signed Swedish) na Suécia, entre outros (Kyle & Woll,

1985:33). Mas a linguagem gestual, tal como conhecemos hoje - considerada manifestação lingüística natural dos surdos - se manteve viva e presente nas comunidades surdas, independentemente dessas tentativas.

As Línguas de Sinais (como são conhecidas essas manifestações espaço-visuais de linguagem dos surdos), ao contrário do que comumente se imagina, não são uma única língua compartilhada por todos os surdos do mundo. Há, não apenas diversas Línguas de Sinais utilizadas por diferentes comunidades de surdos (por exemplo: a Língua Brasileira de Sinais, a Língua de Sinais Americana, a Língua de Sinais Sueca, a Língua de Sinais Dinamarquesa, etc), como ocorrem até dialetos "quando uma Língua de Sinais se torna amplamente utilizada" (Crystal, 1993:221). Também, ao contrário do que se imagina, apesar de serem consideradas manifestação lingüística natural dos surdos, as Línguas de Sinais precisam ser aprendidas, assim como as línguas faladas.

Até a primeira metade deste século, pouco ou quase nada havia sido pesquisado e publicado a respeito dessas línguas. Elas eram consideradas tanto por leigos quanto por lingüistas como assistemáticas, pictóricas, pantomímicas, concretas - incapazes, portanto, de abstração. Segundo Kyle & Woll (1985:48), há publicações muito antigas a respeito das Línguas de Sinais: "Chirologia" (1644) e "Philocophus: or the deafe and dumbe man's friend" (1648), ambos de Bulwer; "Dígiti lingua", um panfleto anônimo de 1680, entre

outras. Kyle & Woll informam, no entanto, que essas obras apenas corroboravam "a crença comum segundo a qual os sinais ou gestos são sempre naturais e intencionais". Entendamos aqui como gestos naturais todos aqueles que se encaixam na mesma categoria do "gesto natural de comer" (*ibid.*:49) ou do gesto natural de se coçar.

Somente a partir da década de sessenta, as Línguas de Sinais começaram a ser observadas enquanto línguas naturais. Foi em 1960, a partir da publicação do livro "Sign Language Structure" (sem tradução para o português), no qual o lingüista norte americano, William C. Stokoe, pioneiramente tratava as Línguas de Sinais de maneira sistemática. As Línguas de Sinais começaram, então, a sair da marginalidade que a visão de linguagem, enquanto um sistema de sinais sonoros, sempre lhes impôs; a Lingüística, ciência oficial da linguagem, que sempre ignorou as línguas viso-gestuais, começou a permitir que estudos a respeito de tal modalidade lingüística fossem realizados no seu âmbito. As Línguas de Sinais deixaram, então, de ser marginais e ganharam o status de legítimas línguas naturais. Tal legitimação não significou, no entanto, que essas manifestações de linguagem deixassem de sofrer com o estigma da inferioridade resultante dos (pré)conceitos da tradição fonocêntrica em que o mundo ocidental está mergulhado há séculos. Como veremos mais adiante e no terceiro capítulo, apesar de ter sido dentro da Lingüística que as Línguas de Sinais foram legitimadas

enquanto línguas naturais, são exatamente os modelos teóricos dessa mesma Lingüística que continuam a estigmatizá-las.

No "Sign Language Structure", Stokoe propunha-se a demonstrar que as Línguas de Sinais, representadas ali pela Língua de Sinais Americana (ASL - American Sign Language), possuem "tanto um léxico de sinais que denotam os mesmos tipos de relações, ações e coisas que as palavras, como um sistema de cheremas, uma coleção de traços contrastantes, relativamente sem sentido e visivelmente distinguíveis que se combinam para compor os morfemas desse léxico" (Stokoe, 1972:118). Stokoe utilizou um "arcabouço da lingüística estrutural para analisar a formação dos sinais (...) análogo ao sistema fonológico das línguas faladas" (Apud. Wilbur, 1987:20) e observou que os sinais da ASL "não são apenas completamente diferentes entre si como afirmou que eles podem ser descritos em termos de um conjunto limitado de elementos que se organizam simultaneamente" (Apud. Klima & Bellugi, 1980:40). Stokoe definiu, então, a ASL enquanto "composição *simultânea* (grifo meu) de um conjunto limitado de configurações de mão, localizações e movimentos" (Klima & Bellugi, 1980:12) e criou um sistema de notação dos sinais que abrange configuração da mão, localização e movimento. Apesar de já não mais corresponder com as idéias mais modernas a respeito das Línguas de Sinais, este sistema é utilizado até hoje nos estudos fonológicos dessas línguas.

Após a publicação de Stokoe, vieram as publicações "Generative Grammar of Sign", de McCall, e "Dictionary of American Sign Language" de Stokoe, ambas em 1965, e a partir de então, especialmente nos Estados Unidos, houve uma proliferação de pesquisas e publicações a respeito das Línguas de Sinais. Todas elas corroborando a nova idéia segundo a qual a ASL (representando as Línguas de Sinais), "longe de ser uma coleção solta de gestos, é uma língua com gramática complexa, tanto em relação à estrutura interna do sinal, como em relação às operações a que os sinais são submetidos ao serem modulados para atingirem um significado específico no interior das frases dessa língua" (Klima & Bellugi, 1980:30).

As questões mais delicadas para os lingüistas que se propunham a legitimar as Línguas de Sinais, enquanto línguas naturais, provinham do fato dessas línguas terem sido inicialmente consideradas icônicas e simultâneas. Os primeiros estudos viam essas línguas enquanto "blocos simultâneos de parâmetros (configuração das mãos, localização dos sinais, movimentos, etc) que interagiam num todo não analisável" (Wilbur, 1987:x) e a aparente iconicidade era consequência da possibilidade de se encontrar no mundo real alguma relação entre um sinal e seu significado. Essas duas características identificadas nas Línguas de Sinais (iconicidade e simultaneidade) poderiam significar um empecilho no movimento de legitimação dessas línguas, haja vista que essas mesmas características iam de

encontro aos princípios fundamentais da Lingüística. Mas, de alguma forma, foram encontradas soluções para tais problemas.

Com relação ao caráter aparentemente icônico dessas línguas, os estudos mais recentes apontam para uma co-existência de sinais puramente icônicos e outros puramente convencionais. Para Klima & Bellugi (1980:34), esta questão pode ser explicada pelas modificações que os sinais originalmente icônicos e pantomímicos sofrem no decorrer do tempo. Ainda segundo os autores, essas modificações históricas diminuem as propriedades icônicas dos sinais, que se tornam "opacos com o tempo", alguns chegando a se tornarem "completamente arbitrários".

Mas é o caráter simultâneo atribuído às línguas de sinais que vai deter a nossa atenção neste trabalho. Como a Lingüística, seja ela saussuriana ou chomskiniana, determina que as línguas naturais são lineares, a própria definição inicial da ASL, pensada por Stokoe, enquanto uma composição de blocos que se realizam simultaneamente, poderia significar um obstáculo na aproximação entre Línguas de Sinais e a Lingüística. Afinal, como sabemos, a Lingüística saussuriana reza que, nas línguas naturais, "o significante, sendo de natureza *audítiva* (grifo meu), desenvolve-se no tempo, e tem as características que toma do tempo: (...) é uma linha" (Saussure, 1975:84). Apesar de se acreditar hoje que a fala não é inteiramente seqüencial, afinal "cada phone é, de certa maneira, formado de um

'conjunto simultâneo' de características articulatórias" (Studdert-Kennedy & Lane, 1980:32), ela ainda é considerada como predominantemente linear. Na teoria chomskiniana, podemos observar que linearidade tem papel fundamental, pois, segundo essa teoria, as frases possuem uma seqüência básica subjacente.

Talvez por fidelidade aos princípios da ciência, talvez por acreditarem na infalibilidade desses princípios, talvez por necessitarem de elementos para encontrarem os chamados universais lingüísticos, ou talvez por realmente não observarem simultaneidade nas línguas gestuais, muitos estudiosos atuais estão atribuindo linearidade às Línguas de Sinais: segundo Wilbur (1987:20), as pesquisas recentes apontam para um caráter seqüencial na organização dos blocos inicialmente tidos como simultâneos. Alguns desses estudiosos atuais (como van der Hulst, 1989,1993; Liddell, 1984, 1985, 1987, 1989; Sandler, 1986. Apud. Corina & Sandler, 1993) defendem a idéia segundo a qual os sinais possuem representação interna organizada seqüencialmente; outros (como Brentari, 1990. Apud. Corina & Sandler, 1993) sugerem a co-existência de elementos seqüenciais e simultâneos na estrutura das Línguas de Sinais.

Assim, seja observando co-existência de simultaneidade e seqüencialidade, seja observando apenas seqüencialidade na estrutura interna das línguas viso-espaciais, os estudiosos atuais vêm sugerindo a existência de sílabas nessas línguas. Amparados na teoria chomskiniana, segundo a

qual toda estrutura superficial da linguagem é determinada pelos efeitos dos mecanismos transformacionais aplicados à estrutura (gerada numa sequência de base) que lhe é subjacente, a partir da década de setenta, muitos estudos começaram a sugerir que as Línguas de Sinais são formadas por sílabas e que "essas sílabas possuem uma organização sequencial interna" (Wilbur, 1987:50). E, como diz Wilbur (*Id.ibid.*), "falar sobre a estrutura interna de um sinal exige que se rompa com a idéia de simultaneidade".

Mas não há como romper com uma idiossincrasia (afinal, as Línguas de Sinais são idiossincraticamente simultâneas) sem provocar algum tipo de dano. Romper com a idéia de simultaneidade significa ignorar uma característica fundamental das Línguas de Sinais: o fato destas línguas se realizarem em três dimensões (3-D). As Línguas de Sinais são tridimensionais porque são línguas viso-espaciais. Elas se realizam espacialmente, através de movimentos simultâneos com as mãos, braços, dedos, além de expressão facial e corporal em toda a área que compreende principalmente o tronco, braços e cabeça do usuário. Segundo Crystal (1993:222), essas línguas se realizam "verticalmente, abrangendo a distância entre um ponto logo abaixo da cintura até o topo da cabeça (os sinais são raramente feitos acima da cabeça, abaixo da cintura, em direção das costas ou parte de trás da cabeça); lateralmente, o espaço forma uma 'bolha' que se estende à frente do usuário e que vai desde a extrema direita à

extrema esquerda". E essa área espacial em que a língua se realiza ainda "pode ser aumentada ou reduzida" para expressar intensidade.

A busca por uma organização sequencial interna de sílabas nas Línguas de Sinais, mesmo que fundamentada numa teoria que proclama a existência de uma estrutura subjacente, implica uma descrição em duas dimensões (2-D) dessas línguas 3-D. Transcrições, ilustrações, fotografias são exemplos de descrições que reduzem as Línguas de Sinais a duas dimensões. E quais seriam as conseqüências de tal redução? Se as Línguas de Sinais são naturalmente realizadas em três dimensões, uma descrição 2-D não pode contemplar todos os elementos constitutivos dessas línguas. Assim sendo, uma descrição 2-D de uma Língua de Sinais provoca uma espécie de mutilação dessa língua. Além de não contemplar uma Língua de Sinais em sua plenitude, uma descrição 2-D possibilita comparações entre as línguas viso-espaciais e as línguas faladas. Comparar as Línguas de Sinais com as línguas faladas, movimento já tão estimulado pela tradição fonocêntrica em que estamos inseridos, só pode resultar na perpetuação do estigma a que vem sendo atribuído às línguas viso-espaciais há séculos. Incompreendidas na sua amplitude comunicativa, as Línguas de Sinais, quando comparadas às línguas faladas, acabam sendo consideradas excessivamente sintéticas e incapazes de expressar idéias com as mesmas propriedades que as línguas orais auditivas. Uma descrição 2-D das línguas viso-

espaciais possibilita, também, a utilização em seus estudos de modelos teóricos concebidos a partir das línguas faladas. Esses modelos teóricos, sempre atomísticos, quando aplicados aos estudos das Línguas de Sinais, não apenas corroboram a perpetuação de tal estigma como dificultam a realização de pesquisas que de fato contribuam para uma compreensão mais profunda dessas línguas viso-espaciais.

A observação dessas línguas a partir de uma abordagem performativa da linguagem⁴, por exemplo, exige um rompimento com esses estudos, por ser a teoria austiniana "incompatível com uma abordagem 'positivista' da linguagem humana" (Ottoni, 1990:137). Conceber (como estarei propondo no capítulo 3) Língua de Sinais enquanto ato ilocucionário, por exemplo, significa observá-la como uma série de jogos de linguagem, adotando raciocínio de Rajagopalan (1989), e refutar qualquer procedimento atomístico, considerando que, ainda segundo esse mesmo autor (1992a), ato ilocucionário (ou jogos de linguagem) é "irredutível à taxonomia da Lingüística". Adotar o estudo das Línguas de Sinais a partir de uma abordagem performativa da linguagem, exige, portanto, cuidado com as armadilhas da tradição fonocêntrica e independência em relação aos seus modelos

⁴ Por abordagem performativa refiro-me à teoria austiniana de linguagem, acompanhando o raciocínio de Ottoni, no qual não há como dissociar linguagem e corpo (para maiores esclarecimentos, ver Ottoni, 1990) e por ato ilocucionário refiro-me à "unidade mínima da teoria" (Rajagopalan, 1992a) austiniana, conceito que surgiu da dissolução da dicotomia constativo/performativo, que é puramente convencional e cuja significação se constrói a partir da ocorrência de uptake. Não estarei utilizando neste trabalho, portanto, a concepção de ato de fala desenvolvida por Searle, na qual ele subverte as ideias de Austin e subordina o feito ao dito (para maiores esclarecimentos, ver Rajagopalan, 1989 e 1992c e Petrey, 1990).

teóricos. Daí conclui-se, então, que para conceber as Línguas de Sinais enquanto atos ilocucionários é necessário um rompimento. Não mais um rompimento com uma idiossincrasia como vemos acontecer nos estudos recentes de sílabas das Línguas de Sinais, mas um rompimento com uma tradição (fonocêntrica) que apenas corrobora o estigma de inferioridade a que as línguas viso-espaciais foram relegadas. E a primeira providência na realização de tal rompimento constitui-se na revisão e/ou desestabilização do princípio teórico que supostamente fundamenta os estudos com os quais antagonizamos: a dicotomia estrutura subjacente/estrutura superficial ou, como queiram, competência/performance.

Segundo Jacques Derrida, dicotomias como a de Saussure (langue/parole) ou de Chomsky (competência/performance) "presumem a existência de um sujeito falante consciente, exercendo uma ação intencional e intelectual" (*Apud* Melrose, 1993:130), além de serem todas concebidas dentro do que ele chama de *Metafísica da presença*. Derrida questiona essas dicotomias a partir do princípio de *difference*, neologismo criado por ele que "remete ao mesmo tempo para o diferir como temporização e para o diferir como espaçamento" (Santiago, 1976:23). *Difference* seria "o movimento de jogo que produz as diferenças, os efeitos de diferença" (*Id.* p.24), seria "o efeito de transformações", não sendo compatível, portanto, "com as idéias ahistóricas, taxonômicas, sincrônicas e estáticas do conceito de

estrutura" (Derrida Apud Melrose, 1993:129). *Difference* é, então, incompatível com sistemas fechados passíveis de operação taxonômica. E, como coloca Melrose (*Id. ibid.*), a Gramática Gerativa de Chomsky, "apesar de transformacional, não passa de um 'sistema fechado' passível de operação taxonômica exaurível". Aplicando o princípio de *Difference*, Derrida informa, então, que não há dicotomias. O que há é "um processo no qual o sujeito se constitui a partir de um vir-a-ser-inconsciente e o significado não é nem presente nem ausente, mas apenas mantido em reserva" (Melrose, *Id.* p.131). Ou seja, *Difference* (um processo, um vir-a-ser, um eterno transformar-se) é só o que há. E se não há dicotomias, não se pode falar em duas estruturas na linguagem, a estrutura subjacente e a superficial. Sem a fundamentação na estrutura subjacente, por sua vez, não se pode atribuir linearidade às estruturas tidas como internas das Línguas de Sinais.

Mas, como vimos, talvez por fidelidade aos princípios da Lingüística, talvez por acreditarem na infalibilidade desses princípios, ou talvez por realmente não observarem simultaneidade nas línguas gestuais, a maioria dos estudiosos atuais está atribuindo linearidade às Línguas de Sinais. Trinta e seis anos após a publicação de Stokoe, na qual as Línguas de Sinais foram pioneiramente observadas de maneira sistemática enquanto línguas naturais, podemos verificar que essas línguas continuam estigmatizadas, que os estudos, a despeito do número, continuam sendo marginais

e que pouco contribuem para acabar com o estigma, além de em nada se rebelarem no que se refere aos modelos teóricos impostos pela Lingüística.

Tradução de/para Língua de Sinais

A história da profissão do Tradutor de/para Língua de Sinais (doravante TLS) acompanha a própria história da Língua de Sinais (doravante LS). O TLS sempre existiu, assim como a LS sempre existiu como forma de comunicação dos surdos, mas não era tido como um profissional, ou seja, não era remunerado, não tinha compromissos éticos e não tinha formação ou treinamento para o ofício. Assim como aconteceu com a LS, que começou a ser considerada língua natural a partir da publicação de Stokoe, em 1960, foi também nos Estados Unidos que o ofício do TLS primeiro ganhou status de profissão. Em 1964, foi criado o RID (Registry of the Interpreters for the Deaf), órgão que tinha (e ainda tem) como objetivo regulamentar a profissão, avaliar atuações e conferir certificados, assegurar o cumprimento do código de ética (criado na mesma data), formar e treinar novos profissionais, etc. Logo em seguida, em 1965, houve a criação de uma lei pública (Public Law 89-333) que autorizava "a contratação de intérpretes como parte dos custos de reabilitação vocacional (vocational rehabilitation) sempre que um cliente portador de deficiência auditiva estivesse envolvido" (Frishberg,

1990:11). A partir de então, acompanhando as pesquisas da LS e seus conseqüentes efeitos nas comunidades surdas, o RID foi se fortalecendo - mais e mais profissionais foram sendo formados, chegando ao ponto de hoje haver naquele país cursos em nível secundário, de graduação e pós-graduação para TLS; leis foram sendo aperfeiçoadas até que a presença de TLS passou a ser considerada obrigatória em escolas, hospitais, tribunais, etc, sempre que houver um surdo presente .

Hoje, essa profissão já está regulamentada também em países como a Suécia, Dinamarca, Espanha, entre outros. Mas é nos Estados Unidos e na Dinamarca que há maior concentração de pesquisas na área. Seguindo o caminho da LS e acompanhando a tendência dos estudos tradicionalmente realizados na área da tradução, as pesquisas sobre os TLS são em sua maioria realizadas no âmbito da Lingüística. E, como veremos no capítulo 2, esses estudos da TLS, da mesma forma que os estudos da LS, devido ao fato de serem realizados a partir dos modelos teóricos originalmente concebidos a partir das línguas faladas, acabam corroborando o estigma a que a LS está relegada, além de criar obstáculos para uma visão mais realista do exercício da Tradução de/para Língua de Sinais, uma vez que impõem padrões idealizados de performance.

O RID, sendo o precursor na área, estabeleceu a terminologia até hoje adotada e, de certa forma, induziu as linhas de pesquisas. Mas a terminologia adotada hoje não é

a mesma da época da criação do órgão. O tempo e, de certa maneira, a experiência provocaram alterações na utilização desses termos. O primeiro nome adotado pelo órgão, "Registro Nacional de Intérpretes e Tradutores Profissionais dos Surdos" (The National Registry of Professional Interpreters and Translators for the Deaf), evidenciava a visão que seus membros tinham a respeito da tradução e/ou interpretação. Obviamente, este nome sugere que os fundadores do órgão consideravam a interpretação e a tradução como atividades distintas. De fato, uma distinção entre os termos predominava na época:

"Existe diferença entre um 'intérprete' e um 'tradutor' que pode ser descrita da seguinte maneira:

1. Um *tradutor* verte uma apresentação original literalmente.

2. Um *intérprete* parte de uma apresentação original para parafrasear, definir ou explicar. Ele também apresenta ou interpreta considerando o nível intelectual do indivíduo ou audiência, independente do nível da linguagem da apresentação original."

(Smith, Apud. Fant, 1990:13)

'Tradução' era tida como a transferência literal de uma língua para outra e 'interpretação' como a transmissão da mensagem entre as línguas.

É certo que a divisão terminológica tradução/interpretação ocorre na área acadêmica da Tradução como um todo, não sendo assim uma utilização restrita às línguas viso-espaciais. Apesar de haver alguma diferença na utilização dos termos por parte dos membros da primeira

fase RID e dos acadêmicos, é possível observar que, subjacente ao estabelecimento e uso desses termos, há uma visão tradicional de tradução e, conseqüentemente, de linguagem. No meio acadêmico, a prática tradutória escrita é denominada 'tradução', enquanto o termo 'interpretação' é utilizado para referência à prática tradutória oral. Tanto esta divisão terminológica como aquela inicialmente adotada pelo RID evidenciam a concepção de linguagem (tradicional) que rege os estudos da área. Tradicionalmente, tradução é concebida enquanto transferência de "significados, que se imaginam estáveis, de um texto para outro e de uma língua para outra" (Arrojo, 1993:16). Cogitar a possibilidade de tal transferência é acreditar que a linguagem é transparente e que o sujeito que a realiza possui pleno controle de seus dizeres. Ora, se a linguagem é transparente e se o sujeito possui pleno controle de seus dizeres, um processo de transferência de significados não necessita de interpretação, apenas de decodificação. Seria por acreditar que a prática escrita pode ser realizada através de decodificação que o termo interpretação é utilizado para designar a prática oral? Seria porque se imagina que nesta prática, realizada simultaneamente ou consecutivamente (sob forte pressão do fator tempo, portanto), a possibilidade de uma decodificação fiel é remota que o termo 'interpretação' foi escolhido? Não cabe aqui lucubrar sobre tais possibilidades, mas apenas questionar a divisão terminológica da área. Por não

conceber transparência na linguagem, por considerar sujeito enquanto ser dotado de inconsciente⁵, que não possui pleno controle de seus dizeres, não concordo e não utilizo, portanto, a divisão terminológica adotada na área da Tradução: opto pelo termo *tradução* tanto para designar a prática escrita como para a prática oral.

O nome do RID foi alterado seis meses após sua criação (passando para o atual Registry of Interpreters for the Deaf), mas a divisão terminológica permanece até hoje. Atualmente, o termo *tradução* foi abolido porque, segundo Frishberg (1990:18), a tradução é comumente relacionada com textos escritos - explicação possivelmente oriunda do meio acadêmico. Foi adotado, então, um novo termo - 'transliteração' - para substituir o termo 'tradução' e, assim, evitar qualquer mal-entendido. Transliteração seria a transmissão da língua falada através de sinais; parte desses sinais proveniente da LS e parte proveniente dos diversos sistemas artificiais de sinalização, sobre os quais falamos ligeiramente no início deste capítulo. Transliteração, segundo Solow (1981:xii), envolve apenas uma língua, ou seja, significa permanecer numa língua, alterando apenas a modalidade. Somente a interpretação, ainda segundo a autora, envolve duas línguas, uma Língua de Sinais e uma língua falada. É por acreditar na existência de tal distinção na área que o RID fornece hoje certificados de interpretação e/ou transliteração.

⁵ Discussão mais aprofundada a respeito da questão de transparência na linguagem e sujeito cartesiano no capítulo 2.

Além do RID, há nos Estados Unidos diversas universidades onde são desenvolvidas pesquisas a respeito tanto da LS como da TLS, dentre as quais podemos citar a Universidade de Gallaudet (em Washignton D.C.) e a Universidade da Califórnia em São Francisco. A Universidade Gallaudet é uma instituição onde a maioria dos estudantes (graduação e pós-graduação) e professores é formada por surdos e a Universidade da Califórnia em São Francisco possui um Centro de Pesquisa sobre a Surdez (Center on Deafness); importantes pesquisas e experimentos são realizados nessas duas instituições. Não tenho notícia dos centros de pesquisas em outros países.

Tradução de/para Língua de Sinais no Brasil

No Brasil, a situação dos TLS e dos próprios surdos parece a mesma vivida pelos surdos e os TLS norte americanos antes da década de sessenta. A LS ainda não foi oficialmente reconhecida como língua natural, mas a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo), sediada no Rio de Janeiro, vem lutando para que isso aconteça e já é possível observar algumas vitórias isoladas. Segundo Souza (1996:124), quatro estados brasileiros (Goiás, Maranhão, Minas Gerais e Rio de Janeiro) já possuem leis reconhecendo a Língua de Sinais enquanto língua natural dos surdos e criando a carreira de intérprete. A existência de leis, apesar de representar um

avanço no movimento em prol do reconhecimento da LIBRAS e da regulamentação da profissão de Tradutor de/para Língua de Sinais nesses estados, e no Brasil como um todo, não garante ainda qualquer alteração no *status quo* dos TLS brasileiros.

Os TLS brasileiros não passam por qualquer tipo de formação sistemática ou treinamento, seja em relação à Língua de Sinais propriamente dita, seja em relação à área acadêmica da tradução, ou mesmo em relação à surdez. Assim, como são, em esmagadora maioria, frutos de alguma situação benéfica ou religiosa, ou de caso de surdez na família, não possuem qualquer conhecimento formal a respeito da Língua de Sinais, da tradução enquanto processo lingüístico, ou a respeito da comunidade surda enquanto minoria cultural.

O exercício do TLS só começou a se realizar mediante remuneração há pouco anos (cerca de dez anos), mesmo assim ainda se espera desse profissional um comportamento assistencialista frente ao surdo. Um exemplo disso está no código de ética recomendado pela FENEIS e adotado pela maioria das associações de surdos e por TLS.

Esse código foi aprovado no II Encontro Nacional de Intérpretes, realizado no Rio de Janeiro, em 1992, e está presente no Regimento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes da FENEIS. Curiosamente, trata-se de uma tradução e adaptação do primeiro (e já em desuso) código de ética do RID. É curioso porque a elaboração do código atual

do RID ocorreu em 1979, muito antes da aprovação do código da FENEIS. A responsabilidade atribuída ao TLS no código da FENEIS vai muito além daquela de um tradutor simultâneo de línguas faladas. Espera-se, por exemplo, que o TLS coloque-se à disposição para atuar sempre que a remuneração não for possível (Artigo 6º); que o TLS reconheça os vários tipos de assistência de que o surdo precisa e ainda atender a suas necessidades particulares (Artigo 12); que o TLS seja responsável por desfazer os mitos populares errôneos a respeito da surdez e da linguagem do surdo (Parágrafo único).

A partir do código de ética da FENEIS podemos, então, observar que a surdez no Brasil ainda é vista apenas sob a ótica de patologia. Em países desenvolvidos, como os Estados Unidos e Canadá, as comunidades surdas já começaram a ser vistas como minorias culturais. O rótulo de patologia, longe de oferecer proteção aos surdos, apenas lhes confere a eterna certeza de estar aquém da normalidade, e a quem está fora da considerada normalidade só cabe um comportamento assistencialista. O rótulo de minoria cultural, mesmo com a alta probabilidade de ser apenas mais um eufemismo do linguajar politicamente correto dos norte-americanos, tem a vantagem de abrir espaço para a profissionalização dos TLS.

Lidar com a comunidade surda, ou com qualquer outro grupo comumente tido como deficiente, é se colocar na difícil relação entre o próprio "umbigo" e o diferente.

Neste caso, lidar com a diferença significa se colocar na sutil e tênue linha demarcatória entre o assistencialismo e a solidariedade. A solidariedade a que me refiro é aquela clamada por Rorty (1991), no texto "Solidarity or Objectivity?" (sem tradução para o português). Agir com solidariedade, no sentido rortiano do termo, significa não apenas observar a diferença mas, acima de tudo, reconhecer que diferença é só o que há. E reconhecer que diferença é só o que há implica abandonar o desejo de tornar a surdez imperceptível no mundo ouvinte (sonho do oralismo); implica, assim, admitir que a condição de ouvinte não é um ideal a ser alcançado a todo custo. Um surdo é um surdo, um ouvinte é um ouvinte e um TLS é um profissional que realiza a tradução entre a língua de uma cultura para a língua de outra - da cultura ouvinte para a cultura surda, e vice-versa.

Ao mesmo tempo em que observamos um comportamento ainda assistencialista por parte dos órgãos que, direta ou indiretamente, lidam com a surdez, verificamos que os TLS começam a se organizar em grupos com o objetivo de criarem diretrizes para sua profissão. Atualmente, estão sendo criadas duas associações estaduais de TLS, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro. Além de criar diretrizes para a atividade do TLS, essas duas associações têm como objetivo a regulamentação da profissão, a criação de cursos e métodos de avaliação para emissão de certificados, o

estabelecimento de uma tabela de preços unificada, a elaboração de um código de ética.

Há ainda um longo caminho a ser percorrido no que diz respeito à verdadeira profissionalização do TLS no Brasil, mas já é possível perceber uma movimentação neste sentido.

CAPÍTULO 2

LÍNGUA DE SINAIS versus LINGÜÍSTICA

Como vimos, os estudos das Línguas de Sinais (LS), que vêm sendo realizados no âmbito da Lingüística, ao mesmo tempo em que promovem a legitimação dessas línguas, conferem-nas um status de inferioridade em relação às línguas faladas. O que parece um paradoxo é mera consequência da aplicação indiscriminada de modelos teóricos das línguas orais-auditivas nas pesquisas a respeito das línguas viso-espaciais. Não cabe neste trabalho analisar os modelos teóricos das línguas faladas, mas apenas questionar a procedência da utilização desses modelos nos estudos das LS, bem como verificar as consequências de tal utilização. É com este objetivo em mente que estarei analisando neste capítulo dois programas de avaliação de Tradutores de/para Língua de Sinais (TLS) utilizados para concessão de certificados nos Estados Unidos. Esses programas de avaliação foram criados dentro dos princípios da Lingüística, fato este que, como será observado, lhes confere uma carga de preconceitos da tradição fonocêntrica que acaba por inviabilizá-los.

Interpreter Assessment Instrument (IAI)

O IAI é um instrumento de avaliação de Tradutores de/para Língua de Sinal, criado e utilizado pelo "Center on Deafness" da Universidade da Califórnia em São Francisco (EUA) para a concessão de certificados. Segundo o Manual de Treinamento (ver Apêndice 1), o IAI "avalia a interpretação propriamente dita, determinando se a mesma é significativa (*meaningful*), e se ela reflete fielmente o conteúdo da mensagem original da língua de partida". O foco, segundo Strong & Rudser (1985:348), está voltado para as "características da interpretação, não para as características do intérprete", sendo esta a razão para a divisão da avaliação em cinco partes que, segundo os autores, funcionam como cinco perguntas que devem ser feitas a respeito das proposições em que o texto "original" é dividido. Ainda segundo Strong & Rudser (1985:348), uma proposição pode ser definida "enquanto uma unidade de texto que traz consigo uma única idéia semântica". Essas proposições são copiadas no formulário de avaliação e, logo abaixo delas, vêm as transcrições para a LS através das chamadas glosas (*glosses*).

Segundo o Manual IAI, este modelo de avaliação pode ser utilizado para avaliar os seguintes tipos de tradução: Transliteração: de voz para sinal e de sinal para voz; e Interpretação: de sinal para voz e de voz para sinal. Como o que nos interessa neste trabalho é a tradução de voz para Língua de Sinais, seja ela considerada "interpretação" ou

"transliteração", não nos deteremos nos casos de tradução de sinal para voz.

Para a avaliação da tradução de voz para sinal, que nos interessa neste trabalho, é feita uma gravação em vídeo da performance do candidato que traduz simultaneamente uma palestra gravada em áudio especialmente para aquele fim. Há presença de público surdo, a quem a tradução é dirigida.

Como já vimos, o IAI é composto de cinco partes. O item 1 refere-se à precisão do texto interpretado; o avaliador deve determinar se a tradução da proposição está precisa, imprecisa, modificada ou incompleta (*missing*). Segundo o Manual de Treinamento IAI, há precisão quando "não há diferença significativa entre o estímulo e a interpretação; toda (grifo meu) a informação do original é transmitida e nenhuma informação é acrescida". A imprecisão refere-se a várias situações: "quando a interpretação está totalmente errada", quando "um simples erro invalida a proposição", ou quando "a proposição é parcialmente interpretada". Há modificação quando "a informação básica da proposição é transmitida, mas a interpretação difere do original de maneira descritível. Esta diferença, no entanto, apesar de alterar o significado, não invalida totalmente a interpretação". Por fim, é considerada incompleta aquela tradução em que uma proposição foi totalmente omitida.

Caso considere que houve modificação, o avaliador parte para o item dois. Segundo o Manual de Treinamento

IAI, este item "especifica se a modificação é uma substituição (algo semelhante mas não equivalente ao original), uma *adição* (algum trecho da interpretação que não aparece no texto de partida), ou uma *omissão* (algo do original que não aparece na interpretação)". Além desses, há os erros de articulação que devem ser observados quando um sinal é "realizado com imprecisão segundo um dos quatro parâmetros (configuração da mão, movimento, localização, ou orientação)".

O item 3 refere-se aos ajustes culturais empregados, ou seja, às "alterações que os intérpretes algumas vezes fazem para tornar a transmissão da mensagem original mais compreensível às pessoas a quem servem" (Strong & Rudser, 1985:350). Aqui também as proposições são avaliadas em termos de substituições, adições e omissões.

O item 4 faz alusão ao tipo de língua utilizada: se predominantemente ASL (língua de sinais americana), se o inglês sinalizado, ou se é uma combinação das duas línguas.

Por fim, no item 5, o avaliador confere o número de utilizações de dactilologia, ou seja, quantas vezes o tradutor soletrou palavras com o alfabeto manual. O objetivo deste item, segundo Strong & Rudser (1985:351), é tanto checar o número de dactilologia utilizada por cada intérprete como descobrir se o tradutor recorre ao alfabeto manual apenas para os termos considerados inexistentes na LS ou por desconhecer sinais.

Os avaliadores do IAI são especialmente treinados para proceder a avaliação dos candidatos. Para avaliar a performance de um candidato, um avaliador, em posse dos formulários IAI, assiste à fita de vídeo, transcreve em glosas os sinais utilizados pelo tradutor referentes à proposição previamente determinada e já presente no formulário. O avaliador compara, então, o texto traduzido e transcrito com a proposição original. Uma folha contendo o escore acompanha os formulários de avaliação.

Numa verificação cuidadosa do IAI, é possível levantar quatro problemas, os quais chamarei de "pecados originais" pelo fato de considerá-los originários da tradição fonocêntrica. Esses "pecados originais", além de trazerem com eles preconceitos da tradição fonocêntrica que corroboram o estigma de inferioridade das Línguas de Sinais, constituem-se num obstáculo para a valorização do ofício dos tradutores, uma vez que impõem padrões idealizados de performance para esses profissionais.

Podemos começar retomando a discussão a respeito da problemática da transcrição de Língua de Sinais iniciada no capítulo anterior. Como vimos, uma transcrição como a proposta pelo IAI, reduz a Língua de Sinais, idiossincraticamente realizada em três dimensões (3-D), a uma descrição em duas dimensões (2-D). Se as Línguas de Sinais são naturalmente realizadas em 3-D, uma descrição 2-D não pode contemplar todos os elementos constitutivos dessas línguas. Como alguns elementos não podem ser

mantidos na transcrição, ocorre, conseqüentemente, uma espécie de mutilação da língua. Além disso, as línguas viso-espaciais não são constituídas de palavras, como a maioria das línguas faladas, mas de idéias ou conceitos. Uma Língua de Sinais é, portanto, um "estilo comunicativo que só é compreensível ao ser observado" (Evans & Falk, 1986:64). Sendo as Línguas de Sinais basicamente 3-D e ideográficas, qualquer transcrição (mesmo em glosas), além de não contemplá-las em sua plenitude, possibilita comparações entre elas e as línguas faladas. Numa situação de comparação, não há como se manter livre dos preconceitos arraigados provenientes da tradição fonocêntrica.

Como acontece com qualquer outra tradução envolvendo outras línguas, a avaliação do TLS é feita a partir da língua de chegada (neste caso, Língua de Sinais) que, em conseqüência da transcrição, não é contemplada em sua plenitude. O parâmetro utilizado acaba sendo a língua de partida que, neste caso, é a língua falada. Como essas duas manifestações lingüísticas (língua viso-espacial e língua oral-auditiva) têm canais de expressão completamente antagônicos, numa situação comparativa, o parâmetro sempre será aquele referente à manifestação lingüística que goza de mais prestígio: novamente, a língua falada. A tradução avaliada no programa IAI não corresponde, portanto, ao processo tradutório como um todo, mas apenas àquilo que os olhos viciados pela tradição fonocêntrica conseguem ver.

Assim, a transcrição da Língua de Sinais, no programa de avaliação IAI mais especificamente, concorre para dois graves problemas: a mutilação da língua propriamente dita e a uma avaliação indevida do processo tradutório.

O segundo "pecado original" que podemos detectar no programa IAI refere-se ao fato do texto traduzido ser dividido em proposições para sua avaliação. Segundo Strong & Rudser (1985:347), a justificativa para tal divisão repousa numa tentativa de se reduzir o grau de subjetividade na avaliação. O problema é que o recurso utilizado para reduzir o nível de subjetividade pode estar se chocando com uma característica da cultura surda extremamente determinante numa situação comunicativa. Os surdos têm um ritmo conversacional (conversational pace) diferente do ritmo dos ouvintes: numa conversa entre surdos, as pessoas "tendem a ir direto ao assunto e conclui-lo lentamente", enquanto na cultura ouvinte as "conversas tendem a demorar a atingir o tópico central mas concluem repentinamente" (Meador, 1994:82). Esta característica comunicativa dos surdos pode ser mais bem compreendida quando a observamos a partir da metáfora que a TLS norte-americana, Pat Lessard⁶, criou: "é como pintar um quadro - o surdo parte do centro da tela até atingir as bordas, enquanto o ouvinte inicia nas bordas até chegar ao centro".

⁶ Informação obtida através de contato pessoal durante a Conferência "Tapestries in Progress", em São Francisco, EUA, em julho de 1996.

Fazer afirmações a respeito do comportamento de uma determinada cultura pode ser perigoso, especialmente em se tratando de uma camada da população ainda tida como patológica; a ilusão de superioridade pode levar a conclusões preconceituosas e falsas. Por esta razão, somada ao fato de tais questões extrapolarem os domínios da minha área, não procurarei analisar as origens nem as implicações psicológicas do comportamento comunicativo da cultura surda. O que me interessa nesta questão é o fato deste comportamento comunicativo poder influenciar o exercício do Tradutor de/para Língua de Sinais. Eis o meu raciocínio: se os surdos tendem a ir direto ao ponto numa situação comunicativa, um tradutor mais atento e mais envolvido com a cultura surda tenderá a seguir tal comportamento. Os tradutores que, por sua vez, não estejam tão envolvidos com a cultura surda, tenderão a conduzir suas traduções obedecendo ao ritmo (pace) conversacional ouvinte. Isto significa, então, que, a depender do conhecimento e envolvimento do tradutor com a cultura surda, o produto do processo tradutório vai seguir ou o ritmo conversacional da cultura surda ou o da cultura ouvinte.

Mas o modelo de avaliação proposto pelo IAI não leva em conta essas particularidades das culturas. Ao dividir o texto em proposições, o modelo IAI impõe o padrão ouvinte para a tradução, pois o texto da língua de partida foi, obviamente, concebido dentro do ritmo conversacional ouvinte. Se o texto é dividido em proposições, mesmo que

tais proposições sejam, como dizem Strong & Rudser (1985:348), "uma unidade de texto que traz consigo um única idéia semântica", o ritmo conversacional ouvinte é mantido. Uma avaliação nos moldes propostos pelo IAI só faz sentido para os tradutores que, mesmo utilizando a Língua de Sinais, obedeçam ao ritmo conversacional ouvinte. Aquele tradutor que, movido pelo conhecimento profundo da cultura surda, conduzir sua tradução obedecendo ao ritmo conversacional desta cultura, terá seu trabalho avaliado indevidamente porque a divisão da tradução em proposições faz com que ela não tenha sentido. Ou seja, uma avaliação a partir de proposições não consegue acompanhar os passos de um tradutor que conduziu sua tradução indo direto ao que considerou o "ponto" (get straight to the point) da mensagem, e, conseqüentemente, considera tal tradução sem sentido. Para fazer sentido, uma tradução realizada nestes moldes precisaria ser compreendida seguindo o ritmo conversacional da cultura surda.

O terceiro "pecado original" que podemos observar é o fato da avaliação, dividida em itens, separar as questões lingüísticas (itens 1 e 2) das questões culturais (item 3). Strong & Rudser (1985:350), idealizadores do programa, reconhecem que esta questão dos ajustes culturais é "difícil de ser avaliada e suscetível de algumas críticas quanto à subjetividade", mas explicam que o que sustenta a inclusão de tal item na avaliação é o fato de "muitos intérpretes atribuírem grande importância a este aspecto do

trabalho". Os autores, portanto, chegam a observar a possibilidade desta questão ser muito subjetiva, mas não cogitam a possibilidade dela não poder ser dissociada da língua propriamente dita. Ora, se eu posso contar os ajustes culturais, isso significa que não considero a Língua de Sinais um produto cultural. Esta divisão de itens, portanto, só pode ser passivamente aceita por aqueles que não concebem as Línguas de Sinais enquanto um produto cultural, ou seja, enquanto língua natural. Afinal, dissociar uma língua da cultura significa, ao meu ver, concebê-la enquanto um sistema artificial. Se cremos que as Línguas de Sinais são produtos culturais, essa divisão não faz sentido. Como avaliar? Como contar as substituições ou omissões do item 2, referentes aos aspectos lingüísticos, separadamente dos aspectos culturais, e vice-versa?

O quarto "pecado original", que podemos observar no modelo IAI refere-se ao item 4, no qual o tipo de língua utilizada é analisada. Neste item, o avaliador checa se o tradutor utilizou o que se costuma chamar de ASL (a Língua de Sinais Americana, considerada língua de sinais pura), se houve uma transliteração, ou seja, se o tradutor utilizou inglês sinalizado, ou se houve uma mistura das duas. Segundo Strong & Rudser (1985:351), "pretende-se que este item seja puramente descritivo, mas ele também representa uma tentativa de se localizar a linguagem do intérprete em um determinado ponto do continuum ASL-inglês". Mas o que nos parece, a julgar pela maneira como as línguas estão

dispostas no formulário (ASL ASL/English English), é que se imagina possível a delimitação de uma ASL pura e de uma língua inglesa pura. A opção ASL/English fica reservada para aqueles casos em que não se pode precisar se houve utilização de ASL pura ou língua inglesa pura, ou seja, para os casos em que houve a utilização do chamado pidgin, neste caso mais especificamente, do PSE (Pidgin Sign English). Como veremos a seguir, o quarto item do IAI pode estar diretamente relacionado com o eterno sentimento de superioridade ouvinte em relação aos surdos.

Toda discussão a respeito de Língua de Sinais pura tem origem na divisão ASL (American Sign Language) e PSE (Pidgin Sign English). A ASL seria a Língua de Sinais Americana verdadeira e a PSE seria aquela língua que, apesar de realizada com sinais, possui elementos gramaticais e lexicais da língua falada. Desde o movimento de legitimação das Línguas de Sinais, iniciado em 1960, o PSE vem sendo questionado. Em nome da integridade da língua de sinais, a maioria dos lingüistas rejeita totalmente a existência de qualquer "mancha" nas línguas viso-espaciais que seja proveniente das línguas faladas. O pidgin, ou qualquer variação dele, só é defendido por educadores que consideram a educação do surdo só possível com a junção das duas modalidades lingüísticas.

A maioria dos educadores que se dedicam à área de educação de surdos defendem a chamada Comunicação Total. Segundo Moura (1993:1), "Comunicação Total é uma filosofia

de trabalho com a criança surda que implica na (sic) utilização simultânea de sinais e fala, uso de aparelhos de amplificação sonora e conseqüente trabalho no desenvolvimento das pistas auditivas e trabalho com fala tanto a nível de (sic) leitura oro-facial como de produção". Ainda segundo a educadora, a Comunicação Total utiliza sinais retirados da Língua de Sinais e outro sinais gramaticais especialmente criados "para elementos não presentes na Língua de Sinais", formando o chamado português sinalizado, e tem como objetivo promover o aprendizado da língua oral e, conseqüentemente, desenvolver uma "identificação harmoniosa entre a cultura ouvinte e a cultura da comunidade surda", a partir das habilidades lingüísticas já desenvolvidas pela Língua de Sinais.

Fant, no seu livro *"Silver Threads"* coloca que, mesmo não intencionalmente, nós emitimos um "julgamento de valor quando usamos o termo 'puro' para descrever a ASL", pois "o uso do adjetivo 'puro' significa que existe uma ASL 'apropriada', ou 'correta', e qualquer outra variedade é 'não apropriada', ou 'corruta'" (Fant, 1990:31). Segundo o autor, não existe uma ASL pura, mas tão somente a utilização boa, razoável, ou regular da língua, em termos gramaticais. E acrescenta que, em vez de usarmos o termo "pura", deveríamos utilizar o termo "padrão", e no lugar de pidgin, a expressão "registro próximo ao inglês" (*English-like register*). Essa nova denominação para o PSE é consequência das idéias de Cokely, segundo a qual, não

existe PSE, mas tão somente um registro que seria o produto da "acomodação lingüística resultante da interação entre surdos e ouvintes" (Apud. Fant, 1990:32). Para Cokely, registro é o "uso particular da língua em situações particulares". Cokely sugere, então, que em vez do termo pidgin, usemos a expressão "registro estrangeiro" (foreigner talk register). Fant, por sua vez, prefere a denominação "registro próximo ao inglês" (English-like register).

Nesse cenário confuso de denominações e redenominações, observamos por um lado que, ao mesmo tempo em que rejeitam qualquer "mancha oral" que venha contaminar as Línguas de Sinais, esses mesmos puristas estudam as línguas viso-espaciais a partir de modelos teóricos provenientes das línguas faladas (paradoxo que deu origem a este trabalho). Por outro lado, observamos que, no interior dessa discussão de língua pura, pidgin ou registro, independente do fato desta questão estar diretamente relacionada com um modelo tradicional e questionável de língua enquanto uma identidade totalizada e perfeita, pulsa o velho sentimento de superioridade ouvinte em relação ao mundo surdo.

Tanto a marginalização quanto a legitimação das Línguas de Sinais partiram do mundo ouvinte, mais precisamente, dos lingüistas e educadores. Até os anos sessenta, o ideal era a fala. Imaginava-se que somente através da fala o ser humano poderia se desenvolver

cognitivamente. As línguas gestuais deveriam ser totalmente evitadas, pois atrapalhavam o ensino da língua oral. Era o oralismo que reinava plenamente. Após Chomsky e, naturalmente, a publicação de Stokoe, as Línguas de Sinais foram "descobertas" e legitimadas. De marginais passaram a objeto de curiosidade. São sempre os lingüistas e os educadores, ouvintes e letrados, enfim, os autorizados, que determinam as condições em que a expressão de linguagem dos surdos devem ser concebidas. Aos surdos, legítimos usuários dessas línguas, cabe acompanhar as decisões dos autorizados. Se há alguns anos aos surdos era proibida a utilização dos sinais, hoje a utilização de sinais somados a elementos da fala é considerada "politicamente incorreta" pelos lingüistas ao mesmo tempo em que é defendida pelos educadores. No passado, o surdo não podia utilizar a Língua de Sinais para evitar que sua condição não-ouvinte fosse percebida. Além disso, as línguas viso-gestuais eram consideradas inferiores às línguas faladas e os surdos que as utilizavam acabavam inferiorizados. Hoje, o recomendável é a utilização do que se imagina Língua de Sinais pura. Os surdos que antes se sentiam culpados por utilizarem sinais, são hoje "patrulhados" no sentido de respeitarem e defenderem a integridade de sua língua.

Se acompanharmos o raciocínio de Cokely para entendermos o termo 'registro', trocar o termo pidgin por registro não vai alterar em nada o problema. Como vimos, Cokely define registro enquanto um uso particular de

linguagem em determinadas situações. A idéia de Língua de Sinais pura persiste e é a ideal. Sendo considerada minoria, para garantir esse ideal lingüístico, os surdos teriam que se confinar em guetos, defendendo, assim, sua língua de qualquer contaminação.

A polêmica em torno do que seria Língua de Sinais pura ou pidgin gestual não passa de uma guerra de interesse dos autorizados, sejam lingüistas ou educadores, e a utilização de tal questão num modelo de avaliação como o IAI nos dá a desconfortável sensação de que o desejo de segregação está mais arraigado do que imaginamos.

É interessante observar também que, apesar do modelo IAI procurar fazer distinção entre a utilização da Língua de Sinais pura, do inglês sinalizado ou da mistura das duas línguas, ignora totalmente dois elementos importantes das Línguas de Sinais: expressão facial e corporal e o uso de articulação labial.

Além de ser excluída pela transcrição imposta pelo IAI, a expressão facial não é observada em nenhum outro item do programa. A utilização de expressão facial, ou o uso dos *sinais faciais* como denominam Klima & Bellugi (1980:192), não representa apenas um recurso comunicativo; os sinais faciais exercem uma função gramatical na língua. Ignorá-los significa, então, suprimir elementos que, através de interação com os demais sinais, constituem essa língua. Uma mesma enunciação em Língua de Sinais pode, a depender do tipo de sinais faciais utilizados, possuir

significações diferentes. Por exemplo, se os sinais faciais que acompanham uma enunciação como "ela chegou" expressar cansaço, a idéia provavelmente será "ela chegou cansada" ou "ela chegou e está cansada", mas se os sinais faciais expressarem raiva, a idéia será "ela chegou e está com raiva", etc. Uma língua de sinais, portanto, não pode ser observada apenas a partir dos movimentos realizados com as mãos; há que se observar todo o conjunto que se constitui de movimentos com as mão, braços, cabeça, expressão facial e corporal, etc.

A articulação labial, recurso amplamente utilizado tanto pelos surdos como pelos tradutores, é também ignorada. Apesar de muito comum, há muita polêmica quanto à procedência do uso da articulação labial. Os mais puristas, lingüistas ou surdos, poderão argumentar que a articulação labial não passa da utilização da língua falada em concomitância ao uso da Língua de Sinais e que isso resulta na adoção da estrutura da língua falada para a realização da língua gestual. Uma contra-argumentação poderia partir do fato de que os surdos estão inseridos no mundo ouvinte e que, bem ou mal, são alfabetizados. A maioria dos surdos, portanto, apesar de se comunicar entre si através de língua viso-espacial, utiliza recursos comunicativos provenientes da oralização pela qual todos (pelo menos aqueles que têm acesso à escola) passam. Além disso, a comunidade surda é formada por, pelo menos cinco tipos de usuários de linguagem: (a) surdos totalmente oralizados que não

conhecem a Língua de Sinais e que interagem com o mundo ouvinte através da língua oral-auditiva. Surdo oralizado é aquele que consegue emitir os sons da língua falada e faz leitura labial para compreensão do que não pode ouvir; (b) surdos totalmente oralizados que conhecem a Língua de Sinais mas não a utilizam por preconceito; (c) os surdos que, mesmo dominando a língua oral, utilizam a Língua de Sinais - são os considerados bilíngües; (d) os surdos que são pouco oralizados e utilizam apenas a Língua de Sinais; e, finalmente, (e) os surdos que não têm acesso à educação formal nem à comunidade surda, não conhecem a Língua de Sinais e interagem com o mundo ouvinte através de gestos, mímica, pantomima, etc.

Um surdo, que utiliza a Língua de Sinais e é oralizado, tende a preferir uma tradução em que o TLS utiliza a articulação labial. Por outro lado, o surdo pouco oralizado, que se sente mais confortável na Língua de Sinais, tende a rejeitar o uso de articulação labial, argumentando que este recurso interfere na sua compreensão do texto traduzido. A diversidade do público surdo pode representar um argumento suficientemente palpável a favor ou contra a utilização da articulação labial. Trata-se, portanto, de uma questão polêmica cuja solução parece difícil. Mas, mesmo com toda controvérsia, a articulação labial é um recurso amplamente utilizado pelos surdos e pelos tradutores, e isso, por si só, constitui uma razão para que ela não possa ser ignorada por um programa que se

pretende avaliador do exercício da Tradução de/para Língua de Sinais.

É, portanto, uma tarefa complicada delimitar a língua de sinais. Além de esbarrar em questões como identidade lingüística totalizada e perfeita, questões essas já repensadas por muitos lingüistas, a tentativa de delimitação da Língua de Sinais pode resultar em sua redução. Afinal, excluir a expressão facial só pode ser entendida como uma redução da Língua de Sinais; redução de uma manifestação lingüística efetiva a um código inexpressivo. Ignorar a utilização de um recurso comunicativo como a articulação labial significa, a meu ver, purismo e ingenuidade.

Somente com o levantamento desses quatro "pecados originais" já é possível constatar que o programa IAI foi elaborado a partir de uma visão equivocada da LS. Os problemas relativos à sua aplicabilidade serão observados no capítulo três.

RID NTS (RID National Testing System)

O RID NTS foi implementado em 1987, em reposição ao sistema anterior utilizado desde 1972, pelo Registry of the Interpreters for the Deaf (RID). Segundo a brochura "*The RID National Testing System: A Review*" (ver apêndice 2), o RID NTS foi concebido para ser um "teste nacional, padronizado, válido e confiável para concessão de certificados para intérpretes de língua de sinais". Por ser

um teste nacional, o RID NTS é oferecido em todos os estados dos Estados Unidos, obedecendo a um cronograma anual. Os testes são feitos em cada filial do RID e são enviados (tanto o teste escrito como o de performance, neste último caso, em vídeo tape) para avaliação no escritório nacional do RID, situado em Silver Spring, MD.

O RID NTS possui duas fases: o teste escrito e o teste de performance. O teste escrito é dividido em duas partes: a primeira avalia o comportamento ético do candidato em situações-problema; a segunda parte consiste em 125 questões de múltipla escolha a respeito de "ASL (Língua de Sinais Americana), cultura surda, papel e função do intérprete, Regimento e Código de Ética do RID, além da história do RID e da NAD - National Association of the Deaf" (RID NTS Review, p.1). Há três tipos de teste de performance que são destinados aos dois certificados fornecidos pelo RID: o Certificado de Interpretação (CI) e o Certificado de Transliteração (CT). Os três tipos de tradução avaliadas são:

- a. Tradução de sinal para voz: os candidatos observam uma apresentação em Língua de Sinais (a dita pura ou aquela realizada dentro da sintaxe da língua inglesa) realizada por um surdo e interpretam simultaneamente para o inglês.
- b. Tradução de voz para sinal: os candidatos assistem a uma palestra realizada em inglês por um ouvinte e interpretam para Língua de Sinais ou transliteram.

c. Tradução para uma única pessoa (*one-to-one*): os candidatos interpretam ou transliteram tanto de sinal para voz como de voz para apenas um surdo.

Segundo a brochura "*Introduction to the National Testing System*" (ver apêndice 2), o RID NTS é um teste de natureza holística e não tem como objetivo funcionar como um "instrumento de diagnóstico". Assim, todo o processo de avaliação se dá, não a partir da análise atomística do texto traduzido, mas a partir da comparação entre os resultados obtidos pelo candidato e o padrão mínimo. São aprovados aqueles candidatos cujos resultados, seja no teste escrito ou no teste de performance, se assemelham ou superam o mínimo exigido.

Para o teste de performance, o candidato assiste à apresentação em vídeo e realiza sua tradução que também é filmada. Segundo informação (através de contato pessoal em Miami, abril de 1996) de Paula Sargent, presidente da filial do RID na Flórida, não há presença de público assistindo à tradução dos candidatos, há somente a câmara de vídeo.

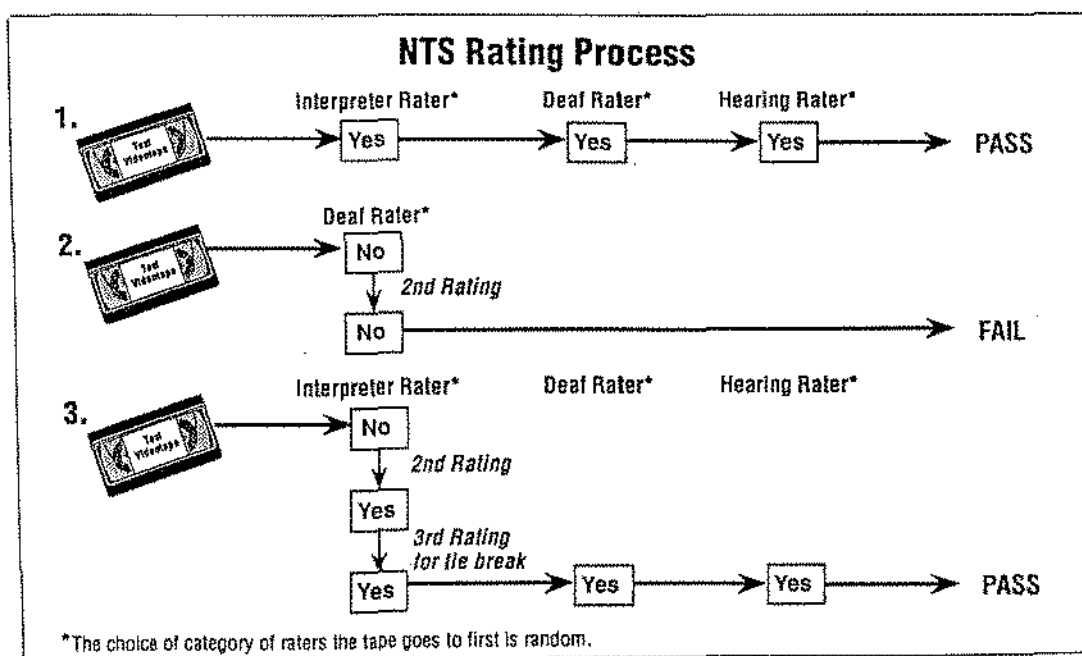
Ainda segundo informação de Paula Sargent, o NTS não avalia os candidatos em termos de porcentagem; não há um candidato que seja razoável, outro bom, outro ótimo, etc. Em vez de avaliação graduada, os candidato ou são aprovados ou reprovados. E esta aprovação tem que ocorrer tanto no teste escrito como no de performance.

A avaliação de performance é feita por uma banca composta por três categoriais de examinadores: um surdo ou um deficiente auditivo, um ouvinte leigo e um intérprete. Segundo um artigo de Lisa Cowen, ex-coordenadora do NTS (publicado no periódico VIEWS, 1990), "cada categoria de examinador avalia uma porção diferente da performance do candidato. Um examinador surdo julga apenas a utilização de Língua de Sinais. Um examinador ouvinte avalia apenas a tradução para língua falada. E um examinador que também é intérprete avalia apenas a interpretação da língua de partida para a língua de chegada".

Esses membros da banca examinadora são treinados para realizarem a avaliação dos candidatos de acordo com o padrão mínimo de performance estabelecido na convenção do RID realizada em 1987. Para avaliar a performance, a banca examinadora compara a tradução de cada candidato com uma performance padrão, em vídeo tape, conhecida como "St. Paul Standard". Todos os membros da banca recebem uma cópia do St. Paul Standard; eles assistem à performance padrão antes de avaliar a atuação dos candidatos. O objetivo é determinar se os candidatos atingiram o resultado mínimo exigido.

Os vídeos com a performance de candidatos de todos os estados dos Estados Unidos são enviados para o escritório nacional do RID em Silver Spring. Ao chegarem lá, as fitas são copiadas. Duas cópias ficam no RID e uma é enviada a um examinador de uma das três categorias. Se na primeira

avaliação o candidato é reprovado, a fita é enviada a um outro examinador da mesma categoria. Se a performance é novamente reprovada, o processo de avaliação é encerrado e o candidato considerado definitivamente reprovado. Caso a segunda avaliação aprove o candidato anteriormente reprovado, a fita é enviada a um terceiro examinador para um "tie-break". Se a terceira avaliação for negativa, o candidato é reprovado; se for positiva, é considerado aprovado naquela categoria. Só então a fita é enviada a um outro examinador de outra categoria. Assim, todas as fitas que são reprovadas são reavaliadas duas ou três vezes. Aquelas que são aprovadas são imediatamente enviadas a um examinador de outra categoria. Observe o quadro abaixo:



(VIEWS, 1990 (July/August), p.10)

Para ser considerado definitivamente aprovado no teste de performance, o candidato deve passar nas três categorias

em que este teste é dividido: tradução de sinal para voz; tradução de voz para sinal; tradução para uma única pessoa (one-to-one).

Como o que nos interessa neste trabalho é a avaliação de performance de voz para Língua de Sinais, não nos deteremos no teste escrito, tampouco no teste de performance de sinal para voz.

Os problemas do RID NTS que estarei levantando são, assim como os do modelo IAI, originários da tradição fonocêntrica; serão, portanto, também considerados "pecados originais". Mas os "pecados originais" do RID NTS, diferentemente daqueles encontrados no modelo IAI, não corroboram explicitamente o estigma das Língua de Sinais. Apesar de ser possível observar que o processo de avaliação do RID NTS ignora algumas características das Línguas de Sinais, reservarei a discussão para o capítulo seguinte, pois essas características são observadas apenas quando concebemos essas línguas enquanto atos ilocucionários. O problema que estarei observando agora está localizado no obstáculo que o RID NTS cria para a valorização, bem como para uma visão mais realista, do ofício dos Tradutores de/para Língua de Sinais, uma vez que, assim como o IAI, esse programa impõe padrões idealizados de performance para esses profissionais. Assim, o foco da análise do RID NTS estará totalmente voltado para questões da linguagem relacionada à tradução propriamente dita.

A julgar pela forma como está constituído, o RID NTS parece concebido a partir de uma concepção tradicional de tradução. Traduzir, segundo a visão tradicional, seria transportar os significados supostamente estáveis de uma língua para outra. Segundo Arrojo (1993:16), essa concepção de tradução delinea-se a partir de uma concepção de leitura segundo a qual "ler seria, em última análise, uma atividade que propõe a 'proteção' dos significados originalmente depositados no texto por seu autor". Assim, pelo simples fato de haver o St. Paul Standard, podemos presumir que o RID NTS concebe tradução a partir da concepção tradicional. Ora, se os examinadores avaliam traduções a partir da comparação dessas atuações com um modelo, isso nos faz entender que, para o RID NTS, esse modelo padrão apresenta uma tradução "correta", ou seja, uma tradução em que o tradutor conseguiu transportar devidamente os significados do texto da língua de partida e os depositou na língua de chegada. Significa, também, que se o tradutor foi capaz de transportar os significados, é porque linguagem é ali concebida como transparente. Além disso, para ser capaz de realizar com perfeição tal transporte, para retirar os significados de um ponto e conduzi-los a outro, é necessário ainda que esse tradutor seja concebido como um ser cartesiano, capaz de estabelecer com o mundo uma relação objetiva e que seja dotado de pleno controle de seus dizeres.

Todas essas considerações (que podem ser nomeadas enquanto determinação do significado, transparência da linguagem e sujeito cartesiano) nos conduzem a uma só questão da tradução, questão essa muito discutida atualmente: fidelidade. Segundo os estudos tradicionais da tradução, é considerada boa aquela tradução que se mantém fiel ao texto original e a uma pretensa intenção do autor. Fidelidade implica, portanto, segundo essa visão tradicional, um transferir "de forma 'protetora', os significados que se imaginam estáveis, de um texto para o outro e de uma língua para outra" (Arrojo, 1993: 16). Conseqüentemente, se realmente entendemos que o conceito de fidelidade é resultante das considerações elencadas acima, sua discussão deve ser conduzida a partir da revisão dessas mesmas considerações.

O conceito de fidelidade é produto de uma visão de linguagem proveniente de princípios intrincados, que são dependentes entre si para sua própria sustentação. Segundo essa visão, o significado é intrinsecamente determinado (ou seja, transcendental e independente do sujeito) e pode ser resgatado através da linguagem (supostamente transparente) que, por sua vez, deve ser realizada por um sujeito cartesiano, o falante ideal, que se imagina senhor dos seus dizeres.

Essas considerações sobre a linguagem e, naturalmente, sobre o mundo, têm suas raízes numa tradição platônica cujo estatuto é ontológico. Segundo esta visão, a linguagem, "em

seu estado puro e ideal", deveria ser "dotada de uma absoluta transparência a fim de que pudesse retratar o mundo com perfeita fidelidade" (Rajagopalan, 1992b:43). Ainda segundo Rajagopalan (*Id.ibid.*), "essa noção de 'transparência' se coadunava de maneira bastante harmoniosa com a famigerada metáfora ocular que Platão empregara ao discorrer sobre entendimento". Como, segundo Platão, entender era o mesmo que ver, a "linguagem tinha que ser 'transparente', sob pena de criar distorções no entendimento" (*Id.ibid.*). Eis uma tradição poderosa que, mesmo tendo sido abalada pelos investimentos epistemológicos iniciados por Kant no século XVIII (*Id.ibid.*), recuperou força no positivismo lógico da Escola de Viena, e que, apesar de enfrentar o pós-modernismo desde a década de sessenta, resiste e seus princípios ainda norteiam os estudos sobre a linguagem, como podemos observar num programa como o RID NTS.

As reflexões sobre linguagem (e, conseqüentemente, sobre tradução) que realizo neste trabalho não se afinam, no entanto, com essa tradição; minhas reflexões têm suas bases no movimento pós-moderno que, inspirado nas idéias nietzchinianas e freudianas, vem demitificando a linguagem e o homem. As reflexões de Nietzsche propõem que, em vez de uma Verdade, de início houve apenas um "estímulo nervoso" (*Apud.* Arrojo, 1993:17). Sem uma Verdade anterior, não há literalidade, mas apenas metáfora. Segundo Arrojo (1993:18), "de acordo com a perspectiva aberta por

Nietzsche, o homem não é um descobridor de 'verdades' originais e externas ao seu desejo, mas um criador de significados que se plasam através das convenções que nos organizam em comunidades". Com Freud, a relação homem/mundo ficou ainda mais "relativizada". Segundo Arrojo (1993:18), Freud, ao sugerir que o homem é dotado de um inconsciente, descarta de uma vez a possibilidade de haver uma relação sujeito/objeto puramente objetiva: "o homem cartesiano que se definia pelo seu racionalismo passa a definir-se pelo desejo que carrega consigo, que molda seu destino e sua visão de mundo, e do qual não pode estar plenamente consciente".

Assim, numa reflexão pós-moderna, aquele homem da visão tradicional - totalmente senhor de seus dizeres, "capaz de olhar o mundo sem se misturar com ele" (Rajagopalan & Arrojo, 1992: 61) - cede lugar ao sujeito "interpretante", que é ao mesmo tempo "produtor e produto dos significados que necessariamente terão que ser abrigados pela comunidade em que atua e da qual faz parte" (Arrojo & Rajagopalan, 1989:47). O significado, concebido pela visão tradicional como Verdade transcendental e independente do homem, se "delineia e se cria", de acordo com a reflexão pós-moderna, "a partir de uma ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos padrões estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural (...) em que é lido"

(Arrojo, 1993:19). A linguagem, que, para atender à metáfora de Platão, precisa ser transparente, na era pós-moderna se despoja de qualquer positividade e se mostra resultado da interação deste novo homem, agora sujeito dotado de inconsciente, com a realidade cujo significado é, por sua vez, produto desta mesma relação.

Toda fundamentação do conceito de fidelidade, portanto, que seria constituída de princípios como determinação de significado, sujeito cartesiano e transparência de linguagem, não se sustenta numa perspectiva pós-moderna. Como diz Arrojo (1993:19),

"nenhuma tradução pode ser exatamente fiel ao 'original' porque o 'original' não existe como objeto estável, guardião implacável das intenções originais de seu autor. Se apenas podemos contar com interpretações de um determinado texto, leituras produzidas pela ideologia, pela localização temporal, geográfica e política de um leitor, por sua psicologia, por suas circunstâncias, toda tradução somente poderá ser fiel a essa produção".

A tradução de um texto (seja ele escrito, falado ou sinalizado) se realiza, portanto, de acordo com as circunstâncias de quem a realiza e a única forma de fidelidade possível é aquela referente a essas circunstâncias e à interpretação que esse tradutor faz do texto em questão. O ideal de fidelidade da visão tradicional, além de não fazer sentido numa perspectiva pós-moderna, não passa de uma "busca quixotesca" (Arrojo e Rajagopalan, 1989:48).

A proposta do RID NTS, criada a partir do estabelecimento de uma performance padrão de tradução, não passa, então, de uma empreitada "quixotesca". É "quixotesca" por conceber o tradutor como detentor de pleno controle de seus dizeres, ignorando, portanto, as manobras de seu inconsciente e de suas próprias circunstâncias. É "quixotesca" por imaginar o significado estável e resgatável no texto de partida, imune, portanto, de interpretação. E, por julgar a linguagem transparente, a proposta do RID NTS, além de ser "quixotesca", poderia ser tida como segregadora e preconceituosa, por ser o ideal de transparência correspondente a um "projeto totalizante necessário a um discurso de controle sobre os sentidos" (Novaes, 1995: 53) - o mesmo projeto no qual "a linguagem é vista como tendo a função de mapear o pensamento e a cognição" (Id., p.46) e que tem o poder de determinar diferenças. O ideal de transparência na linguagem é, portanto, instrumento poderoso na determinação das diferenças entre o 'certo' e o 'errado', entre o 'normal' e o 'anormal', entre a 'razão' e a 'loucura', entre a 'inteligência' e a 'imbecilidade'.

Pode-se dizer, portanto, que esses "pecados originais" do RID NTS, por serem "quixotescos", impõem um padrão idealizado de performance e criam obstáculos para uma visão mais realística da Tradução de/para Língua de Sinais.

CAPÍTULO 3

ESCAPANDO DAS AMARRAS...

Neste capítulo, estarei examinando os problemas de aplicabilidade dos programas cujos "pecados originais" foram observados no capítulo anterior. Para o exame, estarei utilizando gravações em VHS de alguns Tradutores de/para Língua de Sinais (TLS) do Estado de São Paulo, feitas especialmente para este trabalho. Diferentemente dos TLS dos Estados Unidos que se submetem aos programas de avaliação IAI e RID NTS após longo período de estudo da Língua de Sinais e de treinamento para a exercer a profissão, os TLS paulistanos (assim como os TLS dos outros estados brasileiros) não passam por nenhum tipo de treinamento sistemático para a atividade, e tampouco estudam profundamente a Língua de Sinais. Entretanto, tal questão não interfere nos resultados deste trabalho, pois ela não está diretamente relacionada com os "pecados originais" criticados em cada programa. Além disso, devido ao caráter exploratório deste trabalho, o exame da aplicabilidade dos programas não se constitui num estudo de caso, mas numa ilustração das questões aqui analisadas.

Os problemas de aplicabilidade resultantes dos "pecados originais" de cada programa serão levantados com o propósito de reforçar a questão quanto à improcedência do estudo da LS no âmbito da Lingüística para que eu possa, então, sugerir que as Línguas de Sinais (bem como a TLS) sejam observadas enquanto atos ilocucionários.

Comecemos, então, pelas informações técnicas referentes à filmagem dos TLS.

A Filmagem⁷

Foram realizadas filmagens em VHS de Tradutores de/para Língua de Sinais do Estado de São Paulo (basicamente, capital e Campinas). Apesar de profissionais (se entendemos por profissionais aqueles que são remunerados pelo seu trabalho), os TLS que participaram das filmagens nunca tiveram treinamento para o exercício da profissão; aprenderam a Língua de Sinais nas mais diversas situações, desde as familiares até as pedagógicas (ver descrição de cada tradutor mais adiante).

Os tradutores foram dirigidos, um a cada momento, a uma sala onde havia apenas o aparelho de som do qual se ouvia a "palestra", a câmara de vídeo e a pessoa que acionava os aparelhos, que, no caso, era eu. Assim, as gravações das traduções foram realizadas sem presença de público. Todos os tradutores declararam, no entanto, que havia dificuldade em realizar uma tradução simultânea sem a

⁷ Acompanha este trabalho uma fita VHS. A fita foi editada com o propósito de facilitar a verificação das análises aqui apresentadas.

presença de público, uma vez que esses profissionais ajustam seu trabalho de acordo com o *feedback* oferecido pelos surdos que assistem a eles. Mas decidi-me pela ausência de público porque desejava criar uma situação semelhante àquela proposta pelo RID NTS (não há presença de público durante as gravações das performances dos candidatos ao certificado do RID), apesar de haver presença de público surdo nas gravações do IAI. Tal decisão se deveu ao caráter dos "pecados originais" de cada programa.

Os "pecados originais" do IAI ainda estão muito relacionados com a maneira pela qual a Língua de Sinais é concebida; como o programa foi criado a partir de uma concepção atomística de linguagem, a Língua de Sinais é tratada, a meu ver, de maneira equivocada. Os "pecados originais" do RID, diferentemente, não são de caráter tão primário quanto os do IAI. No RID NTS, a Língua de Sinais não é submetida a tentativas atomísticas; seus "pecados originais" se esbarram em questões mais conceptuais. Decidi-me, então, pela ausência de público com o propósito de reproduzir o ambiente das gravações do RID NTS para, então, desenvolver a discussão a respeito de *uptake* (como veremos mais adiante).

O texto utilizado nas filmagens foi um trecho do artigo "POSFÁCIO" (ver Apêndice 3) publicado na REVISTA DA FOLHA intitulado "Receitas de alegria", de Mário Vitor Santos - Suplemento do Jornal Folha de São Paulo, edição de 05 de novembro de 1995. Este texto foi escolhido porque,

apesar de possuir linguagem direta, simples, é repleto de termos que supostamente são inusitados na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). São alguns exemplos:

- Substantivos próprios:

linha n.1 = Instituto Gallup
linha n.8 = Japão
linha n.10 = Islândia

- Termos tidos como técnicos:

linha n.3 = 82%
linha n.5 = 72%
linha n.9 = 42%
linha n.10 = 266.786
linha n.14 = rendas per capita
linha n.17 = inflação / -0,2%
linha n.18 = deflação

- Metáforas

linha n.12 = "É uma ilha varrida pelo vento e
assolada pela neve."

A leitura do texto utilizado nas gravações em áudio foi realizada por Marcelo Pinto, ator e caricaturista da cidade de São Paulo, que procurou utilizar expressividade, retórica, reticência e idiossincrasias de uma palestra ao vivo.

Foi, então, pedido aos tradutores que realizassem a tradução simultânea do texto gravado em áudio para que eu pudesse filmá-los em VHS. Como o texto selecionado possui inúmeros termos considerados problemáticos para o TLS (como foi explicitado há pouco) e considerando que, geralmente, os tradutores simultâneos de línguas orais-auditivas são

informados quanto ao tema do texto a ser traduzido, consenti que os TLS ouvissem a gravação em áudio do texto uma vez antes de traduzi-lo. Não foi permitido, no entanto, que um TLS visse o outro em ação, haja vista que o objetivo era registrar como cada um resolvia a tradução.

Os tradutores de/para língua de sinais

Foram filmados quatro TLS. Para escolher os profissionais procurei assegurar que, além de TLS comuns, ou seja, filhos de pais ouvintes e que têm o português como língua nativa, houvesse pelo menos um TLS filho de pais surdos e que fosse bilíngüe (que tivesse a LS como primeira língua, além do português). Foram eles:

TLS N.1: Mari Carmem Fernandes

(Filmada em 19.11.95, no Derdic/São Paulo)

Filha de pais surdos, sendo que somente a mãe é fluente na Língua de Sinais. Quando bebê, ao mesmo tempo em que interagia com a mãe através de sinais, relacionava-se com a avó, que é ouvinte e morava na mesma casa, através da língua portuguesa. Considero-a bilíngüe, portanto.

TLS N.2 - Damião V. F. Torres Loureiro

(Filmado em 26.11.95, no Inst. S. Terezinha/SP)

É filho de pais ouvintes. Aprendeu a Língua de Sinais já adulto para facilitar a comunicação com

sua filha, que é surda. É o Representante Estadual dos Intérpretes de Língua de Sinais pela FENEIS e tradutor free lancer.

TLS N.3 - Elizabeth A. Andrade Silva

(Filmada em 26.11.95, no Inst. S. Terezinha/SP)
É filha de pais ouvintes. Aprendeu a Língua de Sinais já adulta para exercer seu trabalho como professora de crianças surdas. Atualmente, além de tradutora, trabalha na EMEDA (Escola Municipal de Educação de Deficientes Auditivos) "Helen Keller", São Paulo.

TLS N.4 - Geilda F. Souza

(Filmada em 26.11.95, no Inst. S. Terezinha/SP)
Pais ouvintes. Aprendeu a Língua de Sinais já adulta num curso com surdos e, segundo ela mesma, continua a aprender através da convivência com a comunidade surda de sua igreja. É tradutora de cultos religiosos e trabalha na APASCAMP, em Campinas/SP.

Os TLS segundo a proposta do programa IAI.

A fim de observar os pontos que considero problemáticos no programa IAI, inicialmente discuto os resultados possíveis de uma avaliação das traduções dos

nossos TLS segundo os itens do formulário, para posteriormente criticá-los.

Seguindo orientação do Manual de Treinamento IAI, o texto na língua de partida foi dividido em proposições; cinco dessas proposições foram, então, selecionadas para serem submetidas à avaliação através do formulário IAI (ver Apêndice 4). A escolha das proposições foi feita com o cuidado de trazer para o leitor exemplos de situações comuns em Tradução de/para Língua de Sinais que possam ilustrar devidamente os "pecados originais" deste programa de avaliação. Ainda seguindo as instruções do Manual de Treinamento IAI, as proposições foram transcritas (*sob rasura!*⁸) para a avaliação. Eis as proposições, e suas respectivas transcrições, que estaremos analisando mais adiante:

Proposição n.1

"Uma pesquisa do Instituto Gallup em 18 países apurou"
(Linha 1)

TLS n.1

"1 estudo dact⁹: GALOP (*sic*) 18 lugares somar

TLS n.2

"1 pesquisa fazer casa trabalhar nome dact: GALUP
(*sic*) somar 18 país resolver"

⁸ Faço essa transcrição 2-D da tradução para Língua de Sinais sob rasura (adotando comportamento derridiano) porque, apesar de saber imprópria para as idiossincrasias de uma linguagem viso-espacial, admito não ser possível trabalhar com o modelo IAI de outra maneira. A transcrição completa das traduções pode ser encontrada no Apêndice 5.

⁹ Dact : abreviatura para dactilologia, ou seja, utilização do alfabeto manual.

TLS n.3

"1 estudo inic.¹⁰: I (labial INSTITUTO) estudo
pesquisa estudo 18 país ver"

TLS n.4

"1 povo estudo muito microscópio 18 país diferente
ver"

Proposição n.2:

"os islandeses formam a população mais alegre"
(linha 2)

TLS n.1

"dact: IRLANDEZ (sic) pessoa povo muito alegre"

TLS n.2

"dact: ISLANDIA pessoa ter povo mais alegre"

TLS n.3

"pessoa morar país dact: ISRLANDIA (sic) ter povo mais
alegre"

TLS n.4

"ter dact: IRLANDES (sic) fazer pessoas mais alegre"

Proposição n.3:

"Esse lugar tem uma das maiores rendas per capita do
mundo" (linha 14)

TLS n.1

"conhecer bem dinheiro melhor"

¹⁰ Inic.: abreviatura para 'inicialização', recurso comum entre usuários das Línguas de Sinais para termos da língua falada para os quais não há sinais equivalentes ou aproximado na LS. Usa-se apenas o sinal equivalente à letra inicial da palavra na língua falada, em concomitância à articulação labial da palavra inteira.

TLS n.2

"também esse lugar ter melhor (labial O MELHOR)
salário mundo"

TLS n.3

"lugar ter maior dinheiro pessoa mundo"

TLS n.4

"lugar muito luxo"

Proposição n.4:

"desconhece o analfabetismo desde o último ano do século
18." (Linha 15)

TLS n.1

"escrever ler ("positivo" com polegar "negativo" com
polegar) século 18 passado"

TLS n.2

"lá nada não-ter pessoa negação ler saber (labial
DESDE SÉCULO) 18 ano passado"

TLS n.3

"negação conhecer país pessoa negação saber ler"

TLS n.4

"não ter população não saber não-ter-cabeça pouco não-
ter população inteligente"

Proposição n. 5:

"Em março passado, a inflação na Islândia foi de -0,2%,
ou seja, houve deflação." (linhas 17 e 18)

TLS n.1

"dact: MARÇO passado ano passado dact: INFLAÇÃO 18 +
porcentagem para-baixo (labial MENOS) ter dinheiro
diminuir (labial QUEDA) dact: DE (labial FLAÇÃO)"

TLS N.2

"mês março passado inic: I (labial INFLAÇÃO) ir mais-ou-menos (labial MENOS) menos 0 vírgula 2 porcentagem mais-ou-menos ter inic: I (labial INFLAÇÃO) para-baixo"

TLS n.3

"dact: M mês dact: MARÇO passado dact: INFLAÇÃO (labial MENOS) menos 0 vírgula 2 porcentagem"

TLS n.4

"inic: I (labial ISLÂNDIA) não-ter problema (gesto de graduação para cima e para baixo) problema sempre alto inic: I (labial INFLAÇÃO) não-ter"

Comecemos por submeter as traduções das proposições acima ao item 1 (referente ao nível de precisão da mensagem traduzida em relação ao original) do programa IAI. Considerando que, segundo o Manual, só há precisão quando "não há diferença significativa entre o estímulo e a interpretação; toda a informação do original é transmitida e nenhuma informação é acrescida", teríamos que observar que nenhuma de nossas traduções pode ser tida como precisa. Afinal, em todas elas há algo que poderia ser considerado acréscimo ou omissão de informação. A tradução do TLS 2 referente à proposição n.1 deveria, por exemplo, ser considerada imprecisa por haver acréscimos? E a tradução da TLS 4 referente à proposição n.3, deveria ser considerada imprecisa pelo fato de, além de omitir e acrescentar, ainda promover diferenças significativas entre o estímulo e a interpretação? A resposta poderia ser 'sim, tais traduções

devem ser consideradas imprecisas', afinal, elas não correspondem às orientações do Manual. Mas, considerando que, ainda segundo o Manual, há imprecisão quando "a interpretação está totalmente errada" (o que parece não aplicável aqui, como veremos mais adiante), quando "um simples erro invalida a proposição" (a vaguidade da orientação referente ao que pode significar "simples erro" nos impede de chegar a qualquer conclusão), ou quando "a proposição é parcialmente interpretada" (mais uma vez a vaguidade de uma orientação interferindo na nossa avaliação: o que é uma proposição parcialmente interpretada?), as nossas traduções, não apenas os exemplos citados acima, tampouco poderiam ser consideradas imprecisas. E como as proposições escolhidas para a ilustração foram todas traduzidas, não havendo possibilidade para a alternativa incompleta (*missing*), resta-nos concluir que houve modificação em todos os casos.

Conseqüentemente, nossa área de avaliação mais apurada estaria no item 2. Neste item, observaríamos que nossas traduções trazem modificações que se referem a todos os tópicos propostos: substituição, adição, omissão, e erro de articulação. Mesmo a tradução que pode ser considerada mais explicitamente "transliteração", do TLS 2, há os diversos tipos de substituições, adições, omissões e erros de articulação.

Com relação ao item 3 do formulário (que trata dos ajustes culturais), permanece a dúvida levantada no

capítulo anterior: como identificar e separar tais elementos, se eles são a própria língua? Como contar substituições, adições e omissões, então? Talvez a única observação possível aqui, evitando o engodo da separação entre o que é e o que não é cultural na língua, seria a verificação de que pode haver alguns TLS mais envolvidos com a cultura surda do que outros. Esse maior envolvimento pode ser observado no ritmo conversacional utilizado, na expressão facial e corporal mais acentuada, e até mesmo, na utilização moderada de articulação labial. Ser mais ou menos envolvido com a cultura surda, implica um comportamento lingüístico, uma postura comunicativa, e não a utilização de elementos supostamente tidos como culturais, como propõe o programa IAI.

Com relação ao item 4 do formulário, referente ao tipo de língua utilizada, é possível observar que há transliterações em níveis diferenciados. Por transliteração, não utilizo aqui a definição do RID (a permanência numa língua, alterando apenas a modalidade), pois tal idéia pressupõe a possibilidade de língua pura, seja falada ou gestual. Por transliteração refiro-me à utilização mais acentuada da estrutura da língua falada para a Língua de Sinais, ou seja, à realização da Língua de Sinais a partir da ordem em que a língua falada ocorre. Assim, poderíamos dizer que as TLS 1 e 4 transliteraram menos, enquanto os TLS 2 e 3 transliteraram mais. Todos, no entanto, utilizaram a LIBRAS, mesmo se apoiando, em maior

ou menor grau, na ordem da língua de partida, a língua portuguesa. Além de realizar transliteração, todos os TLS utilizaram articulação labial (à qual o formulário não faz menção), também em maior ou menor escala. Os TLS 2 e 3, que se mantiveram mais presos à ordem em que a língua de partida acontece, utilizaram mais o recurso da articulação labial. Suas traduções para LS foram acompanhadas, praticamente todo o tempo, pelo recurso da articulação labial. As TLS 1 e 4, por sua vez, que se mantiveram mais livres da estrutura da língua de partida, também utilizaram o recurso, mas de uma maneira diferente. A articulação labial foi muito explorada para acompanhar termos considerados inexistentes na LS, como "inflação". Foi comum a realização da articulação labial referente à palavra "inflação" em concomitância à dactilologia da letra I, formando, assim, o recurso da inicialização.

Quanto ao item 5 do formulário, referente à utilização da dactilologia, podemos observar que o recurso foi amplamente utilizado, sempre auxiliado pela articulação labial, ao qual o formulário, como já foi dito, não faz menção. Todos os TLS utilizaram a dactilologia, tanto para o recurso da inicialização, como para a transmissão dos termos considerados inexistentes na Língua de Sinais.

Assim, se realmente avaliássemos as traduções segundo os itens do IAI, seríamos forçados a considerá-las ruins. Afinal, apesar de nenhuma proposição poder ser considerada imprecisa, as modificações foram numerosas, fazendo o

escore final ser baixo. Seriam, portanto, consideradas ruins. Mas esta não foi a avaliação de Marta Pimentel e Mário Jr., ambos portadores de surdez congênita e fluentes tanto em português quanto em LIBRAS, participantes ativos da *Associação dos Surdos Mudos de São Paulo*, que assistiram às gravações e emitiram suas opiniões. Segundo Marta e Mário, as traduções foram boas. Todas apresentaram algum tipo de problema, é certo, mas cada uma possui um aspecto que, de alguma maneira, reflete o público com o qual o tradutor está acostumado a lidar. Isso ocorre devido à heterogeneidade do público surdo, que é composto por pessoas desde iletradas e não conhecedoras da Língua de Sinais, passando pelos oralizados e alfabetizados que conhecem a Língua de Sinais, chegando àqueles que são totalmente oralizados e alfabetizados mas que desconhecem a Língua de Sinais. É importante frisar que essa heterogeneidade não é privilégio apenas do Brasil, onde o surdo tem tão pouco acesso à educação sistemática. Mesmo num país como os Estados Unidos, ainda há correntes teóricas que defendem a oralização do surdo, ainda há centros de pesquisa e de assistência ao surdo que só trabalham a oralização (como o *Barkley Memorial Center*, da Universidade de Nebraska), e ainda é possível perceber certo preconceito quanto à utilização da Língua de Sinais. Assim, mesmo num país como os Estados Unidos, onde a pesquisa com a Língua de Sinais já comemora seus 36 anos, é possível encontrar surdos com preferências ou necessidades

lingüísticas diferentes. Não há como imaginar, portanto, um indivíduo surdo ideal - mais uma vez a questão de identidade totalizada da Lingüística - para o qual se possa desenvolver uma tradução ideal, padronizada.

Naturalmente, há divergência entre as opiniões dos surdos quanto ao tipo de tradução adequada para a maioria. Afinal, num público surdo para o qual esteja ocorrendo uma tradução, sempre vai haver alguns que, devido à sua formação, preferem ou mesmo necessitam de um tipo diferenciado de abordagem da Língua de Sinais. Esta questão é, portanto, controvertida e de difícil solução. Há que se ter cuidado, no entanto, com purismos como ocorre com o programa IAI que tenta delimitar a atuação do tradutor (seja com o conceito de transliteração e de língua pura, seja com a separação do que é cultural, seja com a não inclusão da articulação labial no modelo) para atender a um público surdo idealizado. Ou seja, o programa IAI pressupõe um tradutor idealizado e proclama a existência de um surdo dotado de identidade lingüística totalizada. A diversidade tanto de tradutor como de surdo demanda, portanto, cuidado com as armadilhas totalizantes da Lingüística.

As traduções dos TLS paulistas foram, então, consideradas boas por Marta e Mário. A tradução da TLS 4 referente à proposição n.3, por exemplo, que poderia ser considerada imprecisa, não foi considerada como tal pelos surdos. O comentário feito a respeito dessa tradução foi de que ela é "boa para os surdos", ou seja, boa para aqueles

surdos pouco oralizados. Além disso, essa TLS estava, muito provavelmente, utilizando o ritmo conversacional dos surdos, pois condensou toda a idéia da proposição e foi "direto ao ponto" (referente ao segundo "pecado original" discutido no capítulo anterior). Mais uma razão, então, para essa tradução ser considerada "boa para os surdos", como disseram Marta e Mário, e mais uma razão para não ser considerada imprecisa. Só se poderia tachar tal tradução de imprecisa se fosse feita qualquer tipo de comparação entre a língua falada e a língua viso-espacial, o que implicaria preconceito.

Na tradução da TLS 1, referente à proposição n.3, há diversas modificações: uma substituição, uma adição e quatro omissões. É provável que essa TLS tenha também utilizado o 'ritmo conversacional dos surdos', pois é possível observar que introduziu a idéia da proposição imediatamente posterior (proposição n. 4). Ao avaliarmos a tradução de cada proposição separadamente, nenhuma faz sentido, pois há elementos da proposição n.4 na tradução da n.3 (outro exemplo do segundo "pecado original"). Além disso, como o formulário não permite verificação dos chamados 'sinais faciais' e a transcrição em 2-D não permite sua observação (eis um exemplo do primeiro "pecado original"), a idéia passada pela TLS parece incompleta: foi realizado sinal facial de negação ao mesmo tempo em que o sinal de 'conhecer' foi feito. Esta tradução foi também

considerada por Marta e Mário como boa - "boa para os surdos", mas não para eles que são muito oralizados.

Ao mesmo tempo em que temos uma tradução como a da TLS 1 (proposição n.3 e n.4), considerada "boa para os surdos", temos a tradução do TLS 2, que chamo de transliteração e é considerada "boa para os surdos mais oralizados". A tradução do TLS 2, além de parcialmente seguir a estrutura da língua portuguesa, é toda acompanhada de articulação labial, além da dactilologia. Mas, como podemos ver, a utilização do recurso da articulação labial e da dactilologia não ocorre apenas com os tradutores que tendem a transliterar mais. Aqueles TLS, cujas traduções são "boas para os surdos", também recorrem à articulação labial e à dactilologia, mesmo que em menor grau. Assim, a delimitação do que vem a ser a desejada língua pura (eis um exemplo do quarto "pecado original"), por ser tarefa de caráter quixotesco, esbarra na realidade lingüística tanto do TLS como do surdo.

Ainda segundo Marta e Mário, somente uma tradução poderia ser considerada aquém do nível aceitável: trata-se da TLS n.3. Essa avaliação não poderia ser, no entanto, realizada dentro dos moldes do IAI, pois os aspectos negativos levantados pelos informantes referem-se à expressão corporal e facial da tradutora (este sim, um possível exemplo do terceiro "pecado original", referente aos aspectos culturais). A TLS encontrava-se extremamente tensa durante a gravação, fato este que provavelmente

interferiu na sua expressão como um todo. A tensão parece ter comprometido a legibilidade dos sinais no que se refere à sua amplitude; sinais curtos demais tornam-se difíceis de compreender. Estes problemas de postura, mesmo provenientes da tensão provocada pela gravação, poderiam ser relacionados a um aspecto da cultura surda. Diferentemente da abordagem que o programa IAI faz dos aspectos culturais (tratando-os como elementos lingüísticos identificáveis), seria possível afirmar que o comportamento da TLS não corresponde à expectativa comunicativa da cultura surda.

Como podemos perceber, a análise dos "pecados originais" são facilmente ilustrados com a observação de apenas algumas proposições traduzidas. Vale reiterar que, devido ao seu caráter exploratório, não é objetivo deste trabalho realizar estudos de caso para uma possível comprovação das questões aqui levantadas, mas simplesmente ilustrá-las.

Os TLS segundo a proposta do RID NTS.

Para avaliar as traduções segundo a proposta RID NTS, não se pode recorrer às transcrições, pois, como já vimos, este programa se autoproclama holístico; o processo de avaliação é realizado, observando a tradução como um todo, a partir da comparação com uma performance padrão. Segundo a brochura *"Introduction to the National Testing System"* (ver Apêndice 2), ao comparar uma tradução com a

performance padrão, busca-se observar se a performance do candidato se assemelha ou supera o mínimo exigido.

Por razões óbvias, não tenho o que o RID poderia considerar performance padrão. Mas, se houvesse uma performance padrão para servir de parâmetro para as avaliações dessas traduções, como seria possível avaliar resultados tão diversos, e nem por isso de qualidade diferente, como as traduções dos TLS 2 e TLS 4? Qual dessas duas traduções poderia ser considerada "fiel" segundo a concepção de linguagem que subjaz a concepção de tradução do RID NTS?

O RID NTS, como observamos no capítulo 2, está elaborado a partir de uma concepção tradicional de tradução. Todo seu processo de avaliação está relacionado com o conceito de "fidelidade". Quando os elementos que fundamentam o conceito de "fidelidade" são desmascarados através de uma análise pós-moderna, o programa RID NTS, enquanto instrumento de avaliação de TLS, não faz sentido. Mas não é apenas porque está fundamentado no conceito de "fidelidade" que o RID NTS pode ser questionado. Há ainda alguns aspectos do programa que, se observados, também inviabilizam o RID NTS. Esses aspectos, estreitamente relacionados com as idiossincrasias das línguas visoespaciais, podem ser detectados na maneira pela qual o programa se realiza.

Como já vimos, nossos TLS utilizam o recurso da articulação labial, seja em maior ou menor escala, durante

as traduções. As brochuras que explicam o RID NTS não fazem menção à realização de articulação labial em concomitância ao uso da Língua de Sinais. Mas, como é possível observar na fita em VHS intitulada "Working with a Sign Language Interpreter"¹¹, que tem como objetivo contar a história dos TLS e do RID, assim como elencar todos os direitos e deveres do profissional criados pelo RID, todos os TLS que aparecem em ação, com exceção de apenas um, fazem articulação labial ao mesmo tempo em que realizam a Língua de Sinais. Talvez fosse até possível arriscar a afirmação de que esta prática é também comum para os tradutores dos EUA. Como qualquer generalização é perigosa, prefiro lucubrar sobre a razão por que os TLS, todos do RID, que aparecem na fita em VHS utilizam o recurso da articulação labial, enquanto o RID NTS não faz qualquer menção à sua existência. Seria porque a realidade, tal como ela é, não corresponde à idealização da Língua de Sinais enquanto uma identidade lingüística totalizada? Resta-nos ainda uma curiosidade que, por certo, nunca será satisfeita: os TLS do St.Paul Standard utilizam esse recurso da articulação labial? Mas essas questões, apesar de suscitarem curiosidade, não representam grande relevância para nosso trabalho. Mais importante é o fato da utilização do recurso da articulação labial estar diretamente relacionada com o tipo de surdo a quem a tradução está sendo dirigida.

¹¹ "Working with a Sign Language Interpreter" (sem tradução para o português), produção conjunta da Sign Media, Inc. e Linstok Press (Burtonsville, MD, EUA), de 1993.

A decisão pelo uso ou não da articulação labial em concomitância à realização da Língua de Sinais não é exclusiva do TLS, uma vez que um TLS sempre conduz seu trabalho de acordo com a 'resposta' do público que assiste a ele. Se seu público indica preferência pela transliteração, assim a tradução será conduzida; caso indique preferência por uma tradução que se mantenha mais "distante" da estrutura da língua falada, assim será feito; e, caso indique que a articulação labial é bem-vinda, ela estará presente durante a tradução.

A prática da articulação labial é, portanto, um reflexo das 'respostas' que o público surdo envia ao TLS. As atuações desses profissionais refletem o tipo de público para o qual eles estão acostumados a trabalhar. Esse é o caso das traduções dos TLS 2 e 4 que são tão diferentes que não podem ser comparadas. Como para as nossas gravações não houve presença de público surdo, os TLS procuraram conduzir suas traduções seguindo o padrão a que estão acostumados. Os TLS informaram que, quando há público e esse público é formado por surdos cuja formação é diferente daquela com a qual estão acostumados a lidar, eles procuram adaptar sua linguagem à necessidade desses surdos que assistem a eles. O tipo de linguagem utilizada depende, portanto, da 'resposta' que o público lança ao TLS. Mas o teste de performance do RID NTS é conduzido, como já vimos, sem levar em conta esta questão. Como durante a gravação do teste de performance não há presença de público, os

candidatos provavelmente conduzem seu trabalho de acordo com o público com o qual estão acostumados. O fato de haver cursos de formação de TLS nos EUA, em comparação com a inexistência de qualquer curso no Brasil, poderia representar uma certa 'pasteurização' na maneira como a atividade é conduzida, mas a heterogeneidade do público surdo arruína qualquer projeto de padronização de performance.

Mas, paremos um pouco nossa discussão a respeito da atuação dos TLS para podermos refletir um pouco mais aprofundadamente sobre a 'resposta' que o público surdo emite ao TLS durante uma tradução.

Enquanto uma língua falada é realizada oralmente e captada através da audição, a realização e recepção de uma língua viso-espacial implicam, respectivamente, motricidade e visão. Em consequência disso, os usuários de uma língua viso-espacial se mantêm fisicamente próximos e todo o processo lingüístico realiza-se *vis-à-vis*, sob olhar atento. A ação de olhar, numa situação que envolve sinestesia, longe de ser passiva, adquire um caráter participativo porque o olhar, como diz Bosi (1989: 66), "não está isolado, o olhar está enraizado na corporeidade, enquanto sensibilidade e enquanto motricidade".

Assim, em se tratando de uma língua viso-espacial, como é a Língua de Sinais, fica especialmente difícil estabelecer uma separação muito nítida entre quem está transmitindo uma idéia e quem a está recebendo. Por conta

disso, a observação de uma Língua de Sinais exige que se vá além da concepção de língua da Lingüística - sempre distanciada do olhar, da pele, da ideologia¹², sempre totalizante, asséptica, abstrata, científica - e se atrever a compreendê-la (a Língua de Sinais) dentro de um movimento em que o lingüístico, o corporal e o sinestésico se confundem. Olhar a realização de uma Língua de Sinais significa participar da construção da idéia que está em evolução. Olhar uma Língua de Sinais é estabelecer uma relação interativa com aquele que a realiza para, juntos, construírem um significado.

Se assim concebemos o ato de olhar uma Língua de Sinais, estamos observando que a 'resposta' do público surdo é fundamental para o TLS. E isto, que aqui chamo de 'resposta', está diretamente relacionado com o conceito de uptake, de Austin. Mas, para melhor compreendermos a extensão desse conceito, faz-se necessário a observação das Línguas de Sinais a partir de uma abordagem performativa de linguagem.

Línguas de Sinais enquanto atos ilocucionários

As línguas de sinais, como vimos, são tridimensionais. Por serem 3-D, essas línguas não podem ser descritas através dos recursos utilizados para descrições das línguas faladas. Qualquer tentativa nesse sentido, resulta na redução do seu caráter 3-D a uma descrição 2-D, o que

¹² Para análise mais aprofundada, leia Rajagopalan, 1996.

significa mutilar a língua. Irredutíveis a qualquer descrição 2-D, sob pena de terem suas idiossincrasias violadas, essas línguas tornam-se também irredutíveis à taxonomia da Lingüística, uma vez que, somente se considerados num todo interdependente, seus elementos (constitutivos) fazem sentido. Além disso, como já vimos, as Línguas de Sinais não se baseiam em palavras, como a maioria das línguas faladas, mas em idéias ou conceitos. Para que sejam compreensíveis enquanto estilo comunicativo, é necessário que sejam observadas.

Assim, em vez de serem analisadas "em termos de positivities", "como pressupõe a tentativa taxonômica" (Rajagopalan, 1992a:117) , as línguas viso-espaciais deveriam ser observadas enquanto uma série de atos ilocucionários, considerando que, segundo Rajagopalan (*Id. ibid.* p.116), os atos ilocucionários, "unidades mínimas da teoria" austiniana, são "entes genuinamente êmicos", ou seja, são irredutíveis a qualquer decomposição atomística.

Puramente convencionais, os atos ilocucionários são a "realização de um ação através de um enunciado" (Ottoni, 1990: 34). Independente da forma lingüística, essa ação se constitui numa performatividade, na qual a teoria austiniana se baseia. Assim, toda enunciação, independentemente de sua locução, implica um ato ilocucionário que é gerado por uma força ilocucionária, força esta que é a "combinação de linguagem e prática social" (Petrey, 1990: 13). É possível encontrar dois ou

mais enunciados com a mesma forma lingüística (ou seja, com palavras ou sinais iguais), realizando ações diferentes; isso ocorre quando há diferentes forças ilocucionárias. Como a força ilocucionária "varia de acordo com a coletividade que a produz" (Petrey, 1990:15), os atos ilocucionários gerados por esses enunciados só poderão ser compreendidos se forem concebidos sob a ótica da comunidade para qual a enunciação está sendo dirigida.

Mas, para que o ato ilocucionário se realize ele precisa exercer um efeito sobre os interlocutores, ou seja, é preciso que ocorra uptake, que é o estabelecimento de "uma relação entre interlocutores, através da articulação de um contexto construído pela linguagem" (Ottoni, 1996:9). Uptake é, segundo Rajagopalan (1990:573), a "condição *sine qua non* de que o interlocutor perceba que está de fato se processando o ato em questão - de que ele, o interlocutor, se dê conta de que o enunciado está se apresentando com uma determinada força ilocucionária". Assim, o ato em si não basta para realizar uma ação; é necessário que haja uptake. O sucesso ou *felicidade* de um ato depende tanto do locutor como do interlocutor, pois, como diz Ottoni (1996:11), é através do uptake que ocorre o "arrombamento do significado". Nesta perspectiva, ainda segundo Ottoni (1990:139), fica descentralizado o papel do sujeito-locutor que supostamente teria todo domínio da significação; a significação vai depender do uptake, que ocorre no momento de realização do ato. E esse momento da realização do ato é

fundamental, pois, uma língua viso-espacial, como já vimos, demanda uma interação física e sinestésica entre os interlocutores. É, então, nesse momento, em que o ato se realiza e em que o uptake ocorre, que a significação se faz - nem antes, nem depois.

Se concebermos as Línguas de Sinais enquanto uma série de atos ilocucionários, poderemos ter suas idiossincrasias resguardadas, considerando que "o pensamento austiniano não é suscetível de uma formalização nos moldes conhecidos" (Rajagopalan, 1989: 529). Ao se livrarem das análises atomísticas, as Línguas de Sinais poderão, então, ser observadas num todo interdependente, evitando, assim, qualquer comparação com as línguas faladas.

Se concebermos as Línguas de Sinais enquanto uma série de atos ilocucionários, estaremos também garantindo a observação da língua, não somente sob o ponto de vista de quem a realiza, mas através da relação que se estabelece entre locutor e interlocutor. Na perspectiva performativa, a 'resposta' do interlocutor, tão determinante para a enunci(ação) através de uma língua viso-espacial, além de ter sua importância especificada, é considerada como elemento construtor da própria significação. Afinal, essa 'resposta' nada mais é que o uptake através do qual um ato ilocucionário se constitui como tal.

Além disso, se concebidas enquanto uma série de atos ilocucionários, as Línguas de Sinais terão seus estudos realizados em "termos de noção de 'família'", uma vez que,

ainda segundo Rajagopalan, "o conceito de ato ilocucionário é como um jogo tal qual Wittgenstein o concebe" (Rajagopalan, 1989:529), ou seja, inúmeras "ferramentas da linguagem" com inúmeros "modos de emprego" (Wittgenstein, 1984:19).

Se ato ilocucionário deve ser concebido como jogo de linguagem, seguindo raciocínio de Rajagopalan, qualquer reflexão a seu respeito que utilize o aparato formal das teorias da linguagem não pode ser "feliz". Isso porque, segundo Rajagopalan (1989:529), "não há nada que sirva de critério infalível, quer necessário, quer suficiente, para que se possa precisar o que é um jogo - a não ser uma certa semelhança indefinível entre os jogos já identificados e um novo caso sobre o qual surge a dúvida". Assim, ato ilocucionário, ou jogo de linguagem, rebelde às tentativas taxonômicas, "se revela explicável tão-somente em termos de exclusão" (Rajagopalan, 1992a:117).

Se concebermos as Línguas de Sinais enquanto uma série de atos ilocucionários, que, assim como os jogos de linguagem, são explicáveis apenas em termos de exclusão, estaremos abrindo uma possibilidade de realizar estudos a respeito da Tradução de/para Língua de Sinais em termos realísticos, e não mais segundo conceitos infundados como "fidelidade", tampouco a partir de aplicação de modelos teóricos concebidos a partir das línguas faladas. Se observarmos uma TLS em termos de noção de *família*, estaremos não apenas nos esquivando das armadilhas da

tradição fonocêntrica como estaremos resguardando o potencial comunicativo da LS enquanto manifestação legítima de linguagem.

Os TLS sob a perspectiva performativa

Naturalmente, a análise (sob a perspectiva performativa) da atuação dos TLS paulistas está irremediavelmente comprometida, tendo em vista a ausência de interlocutor durante as gravações. Além disso, para fazer qualquer observação mais aprofundada a respeito do processo lingüístico das traduções, eu teria que ter participado das gravações como público. Afinal, uma situação comunicativa em que se esteja utilizando uma língua viso-espacial, demanda, como já vimos, uma interação física e sinestésica entre os interlocutores. E, como o significado da realização e observação de uma Língua de Sinais é construído através do *uptake*, que ocorre no momento da enunci(ação), a análise do trabalho dos TLS só poderia se feita no momento exato em que a tradução se realizou.

Além disso, qualquer tentativa de estudar as atuações dos TLS a partir de comparações (mesmo que procurando observar e identificar os atos em termos de 'noção de família') seria incoerente com as idéias que defendo aqui. Mesmo que os TLS tenham desenvolvido suas traduções seguindo o padrão a que estão acostumados, os resultados

não poderiam ser considerados adequados para um estudo nos moldes que proponho. Para que pudéssemos considerá-los adequados, seria necessário que aceitássemos que a significação adveio de um *uptake* préestabelecido. Mas, como a significação gerada pelo *uptake* não pode ser identificada fora de um contexto, ou seja, como "não há sentido prévio que o *uptake* carregue" (Ottoni, 1996:11), isso não é possível. Assim, qualquer análise das traduções que esteja desvinculada de seu contexto, que, por sua vez, é resultado da interação estabelecida entre os interlocutores, não faz sentido aqui. O material de que disponho não é, portanto, apropriado para uma observação da Tradução de/para Língua de Sinais sob a perspectiva performativa.

CONCLUSÃO

As Línguas de Sinais (bem como a Tradução de/para Língua de Sinais, TLS), a despeito de estarem sendo estudadas no âmbito científico desde o início da década de sessenta, continuam estigmatizadas. Continuam a ser comparadas com as línguas faladas, continuam a ser mutiladas com procedimentos inadequados, enfim, continuam a ser consideradas inferiores às línguas faladas. A legitimação enquanto línguas naturais, conferida por esses estudos que se pretendem científicos, não consegue romper com tal estigma porque os princípios teóricos que fundamentam tais estudos foram concebidos dentro da tradição fonocêntrica e não há como aplicar qualquer teoria com essa procedência sem causar danos às línguas viso-espaciais.

A observação cuidadosa de programas de avaliação de TLS, como o IAI e o RID NTS, realizada neste trabalho, nos fornece amostras da improcedência do estudo das Línguas de Sinais a partir dos modelos teóricos da Linguística (leia-se: das línguas faladas). As consequências de tal improcedência são facilmente verificadas na maneira como o exercício do Tradutor de/para Língua de Sinais é concebido.

O programa IAI, totalmente atomístico, não apenas promove a comparação entre as Línguas de Sinais e as

línguas faladas, o que naturalmente significa inferiorizar as línguas viso-espaciais, como desrespeita essas línguas em suas idiossincrasias. O exercício do TLS é concebido neste programa a partir de uma concepção inadequada das Línguas de Sinais, o que corrobora uma visão não realística da profissão.

O RID NTS, que se autoproclama holístico, por estar estruturado a partir de uma visão tradicional de linguagem, não observa a característica determinante das línguas viso-espaciais relativa à participação do interlocutor durante a enunciação. Neste programa, o exercício da TLS é concebido de maneira idealizada, a partir de uma concepção totalizante de linguagem e de indivíduo.

Conceber e estudar as Línguas de Sinais no âmbito da Lingüística implicam, assim, a perpetuação do estigma de inferioridade a que essas línguas sempre foram condenadas, pois a tradição fonocêntrica que fundamenta essa ciência não permite que essas línguas sejam amplamente observadas.

Uma possibilidade de se observar as Línguas de Sinais, respeitando suas idiossincrasias, seria concebê-las a partir de uma abordagem performativa de linguagem. A observação das línguas viso-espaciais enquanto uma série de atos ilocucionários significa, se partilharmos com Rajagopalan a concepção de atos ilocucionários enquanto "entes genuinamente êmicos", resguardar o caráter simultâneo e tridimensional dessas línguas que vem sendo rechaçado e/ou ignorado pelos estudos realizados no âmbito

da Lingüística. Além disso, quando concebemos uma Língua de Sinais enquanto uma série de atos ilocucionários, estamos naturalmente observando que essa língua só se realiza a partir de um uptake. E isso significa atender a uma característica muito peculiar dessas línguas viso-espaciais: o fato da participação do interlocutor no processo de significação ser tão determinante.

Conceber as Línguas de Sinais enquanto atos ilocucionários significa, então, observar essas línguas em sua amplitude comunicativa. E, somente quando forem amplamente observadas, as línguas viso-espaciais conseguirão romper com o estigma de inferioridade. Livres do estigma, as Línguas de Sinais poderão, enfim, gozar do título de legítimas manifestações de linguagem das comunidades surdas.

SUMMARY

This paper is an attempt to interrogate the study of Sign Language (and of the Translation from/to Sign Language) within the province of Linguistics. The basic contention is that the majority of the theoretical models in vogue are inadequate in view of the fact that they were developed from the study of spoken languages. This line of reasoning is sustained on the basis of a detailed examination of two assessment programs (IAI and RID) of Translators from/to Sign Language.

It is further argued that the study of a manifestation of language in three dimensions, which constitutes Sign Language, is an undertaking which demands a perception of language different from that employed in Linguistics proper. It is suggested therefore that the study of Sign Language (as well as the study of the Translation from/to Sign Language) would gain a lot by adopting a performative approach.

Key-words: Linguistics, Sign Language, Illocutionary Act, Translation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, R. (1993) *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. (Biblioteca Pierre Menard) Rio de Janeiro: Imago Ed.
- ARROJO, R. & RAJAGOPALAN, K. (1989) "A Noção de Literalidade: Metáfora Primordial". In: *D.E.L.T.A.*, Vol. 5., n.1. Pp.37-49
- BEHARES, L.E. (1993) "Implicações Neuropsicológicas dos Recentes Descobrimientos na Aquisição de Linguagem pela Criança Surda". In: *Língua de Sinais e Educação do Surdo*. Série Neuropsicologia, Vol. 3. São Paulo: SBNp. Pp 41-55.
- BOSI, A. (1989) "Fenomenologia do Olhar". In: Novaes, A. (org.), *O Olhar*. 2a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. Pp.65-87.
- CORINA, D. & SANDLER, W. (1993) "On the Nature of Phonological Structure in the Sign Language". In: Ewen & Kaisse (eds), *Phonology 10 (Sign Language)*, N.2. Cambridge University Press. Pp.165-207
- CRYSTAL, D. (1993) *The Cambridge Encyclopedia of Language*. New York: Cambridge University Press.
- DERRIDA, J. (1973) *Gramatologia*. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Perspectiva e EDUSP.
- EVANS, A.D. & FALK, W.W. (1986) *Learning to be Deaf*. (Contributions to the Sociology of Language, 43). Berlin: New York: Amsterdam: Mouton de Gruyter.
- FANT, L. (1990) *Silver Threads: A Personal Look at the First Twenty-Five Years of the Registry of Interpreters for the Deaf*. Silver Spring: RID Publications.
- FERREIRA BRITO, L. (1994) "Iconicidade como Base de Sistemas Semânticos em Libras" (resumo). In *Boletim Informativo 22 - ANPOLL*. Brasília-Goiânia: ANPOLL. P.357.
- FRISHBERG, N. (1990) *Interpreting: An Introduction*. Revised edition. Silver Spring: RID Publications.
- KLIMA, E.S. & BELLUGI, U. (1980) *The Signs of Language*. 3rd printing. Cambridge, Massachusetts. London, England: Harvard University Press.
- KYLE, J.G. & WOLL, B. (1985) *Sign Language: The Study of Deaf People and their Language*. New York, New Rochelle, Melbourne Sydney: Cambridge University Press.

- MASSONE, M.I. (1993) "O lingüista ouvinte frente a uma comunidade surda e ágrafa: metodologia da investigação". In: *Língua de Sinais e Educação do Surdo*. Série Neuropsicologia, Vol. 3. São Paulo: SBNp. Pp.72-93.
- MEADOR, H.E. (1994) "The 'how' of a language". In: Garretson (ed), *Deafness: Life & Culture. A Deaf American Monograph*. Vol.44. Silver Spring: NAD. Pp.81-84.
- MELROSE, R. (1993) "Jacques Derrida and the Quest For a Linguistics of Indeterminacy". In: Eaton, T. (Ed.), *Journal of Literary Semantics. An International Review*. XXII/2, August. Heidelberg: Julius Groos Verlag. Pp.124-164.
- MOURA, M.C. DE (1993) "A Língua de Sinais na Educação da Criança Surda". In: *Língua de Sinais e Educação do Surdo*. Série Neuropsicologia, Vol. 3. São Paulo: SBNp. Pp. 1-4.
- NOVAES, M. (1995) *Os Dizeres nas Esquizofrenias: uma cartola sem fundo*. Tese de Doutorado, IEL-UNICAMP.
- OTTONI, P. R. (1990) *John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem Humana*. Tese de Doutorado - IEL-UNICAMP.
- _____ (1996) *Uptake e Trace: Semelhanças entre Austin e Derrida e a Tradução*. Inédito.
- PETREY, S. (1990) *Speech Acts and Literary Theory*. New York, London: Routledge.
- RACEVSKIS, K. (1993) *Postmodernism and the Search for Enlightenment*. Charlottesville and London: University Press of Virginia.
- RAJAGOPALAN, K. (1989) "Atos ilocucionários como jogos de linguagem". In: *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, XVIII. GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo) Pp.523-530.
- _____ (1990) "Uptake". In: *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, XIX. GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo) Pp. 573-579.
- _____ (1992a) "A irredutibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor do êxito das tentativas taxonômicas". In: *DELTA*, vol.8, n.1. Pp. 91-133.
- _____ (1992b) "O Significado e sua Gênese: Algumas Anotações Avulsas". In: Arrojo (org), *O Signo Desconstruído (Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino)*. Campinas, SP: Pontes. Pp. 41-45.

- _____. (1992c) "Ilocução, locução e a forma lingüística". In: Paschoal & Celani (orgs.), *LINGÜÍSTICA APLICADA*. São Paulo: EDUC. Pp. 307-324.
- _____. (1995) "O Conceito de Identidade na Lingüística: É Chegada a Hora de uma Reconsideração radical?" A sair em: Signorini (org), *Lingua(gem) e Identidade*.
- _____. (1996) *Linguistics, Ideology, and the Ethical Question*. Inédito.
- RAJAGOPALAN, K. & ARROJO, R. (1992) "A Crise da Metalinguagem: Uma Perspectiva Interdisciplinar". In: Arrojo (org), *O Signo Desconstruído (Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino)*. Campinas, SP: Pontes. Pp. 57-62.
- RORTY, R. (1991) "Solidarity or Objectivity?". In: *Objectivity, Relativism, and Truth*. Cambridge: Cambridge University Press. Pp.3-19.
- SANTIAGO, S. (Sup.) (1976) *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- SAUSSURE, F. de. (1975) *Curso de Lingüística geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Sétima edição. São Paulo: Editora Cultrix.
- SOLOW, S.N. (1981) *Sign language interpreting: a basic resource book*. Silver Spring: NAD publications.
- SOUZA, R.M.de (1996) *Que palavra que te falta? O que o surdo e sua lingua(gem) de sinais têm a dizer à Lingüística e à Educação*. Tese de doutoramento, IEL, UNICAMP.
- STOKOE, W.C. (1986) "Where Should We Look for language?" In: Stokoe (ed), *Sign Language Studies*, n.51. Silver Spring: Linstok Press. Pp. 171-181.
- _____. (1972) *Semiotics And Human Sign Languages*. Belgium: Mouton & Co. N.V., Publishers, The Hague.
- STRONG & RUDSER. (1985) "An assessment instrument for sign language interpreters". In: Stokoe (ed), *Sign Language Studies*, n.49. Silver Spring: Linstok Press. Pp.343-361.
- STUDDERT-KENNEDY, M. & LANE, H. (1980) "Clues from the Differences Between Signed and Spoken Language". In: Bellugi & Studdert-Kennedy (eds), *Signed and Spoken Language: Biological Constraints on Linguistic Form*. Dahlem Konferenzen. Weinheim: Verlag Chemie GmbH. Pp.29-40.
- VIEWS, 1990. (July/August) RID Publications: Silver Spring.

WILBUR, R.B. (1987) *American Sign Language: Linguistic and Applied Dimensions*. 2nd ed. Boston: A College-Hill Publication.

WITTGENSTEIN, L. (1984) *Investigações Filosóficas*. (Tradução de José Carlos Bruni), 3 ed. Série Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AUSTIN, J.L. (1977) *How to do things with words*. 2nd ed. Massachusetts: Harvard Univ. Press.

CHOMSKY, N. (1975) *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. (Tradução de José A. Meireles e Eduardo P. Raposo) Coleção STVDIVM. Armênio Amado (ed.) - Sucessor - Coimbra.

CULLER, J. (1986) *Saussure*. (Modern Masters) 2nd Edition. Fontana Press. HarperCollinsPublishers.

FENEIS. (1988) *A Importância dos Intérpretes da Linguagem de Sinais*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal.

FERNANDES, E. (1990) *Problemas Lingüísticos e Cognitivos do Surdo*. Rio de Janeiro: Agir.

_____ (1990) "Breve estudo sobre o perfil do deficiente auditivo e seu desempenho lingüístico". In: *ESPAÇO*, ano 1, n.1, jul-dez., Rio de Janeiro: INES, MEC. Pp.62-66.

FERREIRA BRITO, L. (1990) "Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB". In: *ESPAÇO*, ano 1, n.1, jul-dez., Rio de Janeiro: INES, MEC. Pp.20-42

_____ (1993) *Integração Social e Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora.

_____ (1995) *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia.

FISCHER, S.D. & SIPLE, P. (eds) (1990) *Theoretical Issues in Sign Language Research*. Vol.1: Linguistics. Chicago: The Univ. of Chicago Press.

JOHNSON, D. & MYKLEBUST H.R. (1987) *Distúrbios de Aprendizagem*. Terceira edição. Trad. de Marília Z. Sanvicente. São Paulo: Pioneira.

- PEREIRA, M.C.da C. (1993) "Ontogênese da comunicação gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de pais ouvintes". In: *Língua de Sinais e Educação do Surdo*. Série Neuropsicologia, Vol. 3. São Paulo: SBNp. Pp. 56-66.
- RABELO, A. S. (1992) *Português Sinalizado: Comunicação Total*. Goiânia: Ed UCG.
- RAJAGOPALAN, K. (1989) "Sobre a Indissociabilidade do Historiar da Lingüística do Próprio Fazer da Lingüística". In: *D.E.L.T.A.*, vol.5, n.2. Pp. 225-240.
- _____ (1990) "Dos dizeres diversos em torno do fazer". In: *DELTA*, vol.6, n.2. Pp. 223-254.
- _____ (1992) "A Insustentável seriedade da leveza: uma análise desconstrutivista do humor de J.L. Austin". In: *DELTA*, vol.8, n.2, Pp.291-301.
- _____ (1992) "A trama do signo: Derrida e a desconstrução de um projeto saussureano". In: Arrojo (org.) *O Signo Desconstruído (Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino)*. Campinas, SP: Pontes. Pp.25-29.
- _____ (1994) "Quem tem medo do holismo?" In: *DELTA*, vol.10,n.1. Pp. 73-81.
- _____ (1996) *O Austin do qual a lingüística não tomou conhecimento e a lingüística com a qual Austin sonhou*. Inédito.
- RUDSER, S.F. (1986) "Linguistic Analysis of Changes in interpreting". In: Stokoe (ed), *Sign Language Studies*, n. 53. Silver Spring: Linstok Press. Pp.332-340.
- SIMON, J. (1995) *Philosophy of the Sign*. SUNY Series in Contemporary Philosophy. Translated by George Heffernam. Albany: State University of New York Press.
- STOKOE, W.C. (1978) "Sign language versus spoken language". In: Stokoe (ed), *Sign Language Studies*, n.18. Silver Spring: Linstok Press. Pp. 69-90.
- STRONG, M. & RUDSER, S.F. (1986) "The Subjective Assessment of Sign Language Interpreters". In: Stokoe (ed), *Sign Language Studies*, n. 53. Silver Spring: Linstok Press. Pp. 299-314.
- WINSTON, E.A. (1992) *Student Competencies: Defining, Teaching, and Evaluating*. Proceedings of the Ninth National Convention Conference of Interpreter Trainers. Denver: Conference of Interpreter Trainers.

The University of California, San Francisco
Center on Deafness

Interpreter Assessment Instrument (IAI)
Training Manual

Steven Fritsch Rudser
and
Michael Strong

© 1990: Regents of the University of California

TABLE OF CONTENTS

1. Introduction 1

2. Source Texts 2

2.1 Selection of Texts 2

2.2 Recording 3

3. Test Situation 3

3.1 Spoken English to Sign Language 3

3.2 Sign Language to Spoken English 4

4. Assessment 4

4.1 Selection of Samples 4

4.2 Division into Propositions 4

4.3 Rating Scale for Each Proposition 5

4.4 Training for Raters 5

4.5 Rating 5

4.6 Scoring 8

4.7 Checking Inter-Rater Reliability 8

5. Videotaped Samples 8

References 9

Appendix A 10

Appendix B 11

Appendix C 12

Appendix D 13

IAI MANUAL

1. INTRODUCTION

The purpose of the University of California at San Francisco, Center on Deafness (UCCD) Interpreter Assessment Instrument (IAI) is to provide an objective method of evaluating the accuracy of interpreted text. Other evaluation procedures tend to focus on the interpreter rather than on the interpretation¹. The IAI assesses the interpretation itself, determining whether it is meaningful, and whether it faithfully reflects the content of the original message in the source language. Regardless of the relative skill of the interpreter, if an individually interpreted proposition is meaningless, the information from the original message has not been successfully communicated.

The IAI is made up of five parts (see Appendix A). In order to use the rating form, the evaluator must first divide the source text into individual propositions, each of which is rated on all five parts. The first item concerns the accuracy of the interpretation. The rater may check *accurate*, *inaccurate*, *modified*, or *missing*. An interpretation which conveys, in the target language, a message equivalent to that in the source language is considered *accurate*. For an interpretation which clearly does not preserve the meaning of the original, or which is nonsensical, *inaccurate*, should be checked. An utterance which conveys the essence of the original, but which includes one of several kinds of deviations, is rated *modified*. If there is no interpretation for this proposition, then it should be checked *missing*.

In the event that the proposition is rated *modified*, the rater completes item two on the form. This item specifies whether the modification is a *substitution* (something similar but not equivalent to the original), an *addition*, (something in the interpretation that did not appear in the source text), or an *omission* (something that appeared in the original but not in the interpretation). The final category is for *articulation errors*, and this is used to record mispronunciations when scoring spoken text, and errors in handshape, placement, or movement when scoring signed text.

Each utterance is given a numerical score. *Accurate* propositions receive ten points. Single points are subtracted for each modification (*substitution*, *addition*, *omission*, or *articulation error*.) *Inaccurate* and *missing* propositions receive no points. Once all the utterances have been rated, the scores are totalled to give an accuracy count.

Item three, the *cultural adjustment* component, is also rated in terms of *substitutions*, *additions*, and *omissions*. It is designed to record elaborations or simplifications that occur as a result of cultural and linguistic dissimilarities between users of the two languages.

The fourth item concerns the nature of the target language. This is used only when analyzing signed utterances, and records the extent to which it can be characterized as *ASL*, or *English*, on a three-point scale.

¹An example is the rating form used by evaluators for the original Registry of Interpreters for the Deaf (RID) certification evaluation. The RID form listed specific linguistic behaviors or stylistic features and required that each of these be rated on a five-point scale delineating frequency of degree of use. The problem with this approach is that it only documents, in the opinion of the rater, that the interpreter used a specific feature, not whether that feature was appropriate or meaningful.

IAI MANUAL

Fingerspelling is the final item. For sign language interpretations this records the number of words fingerspelled by the interpreter. This allows an evaluation of an individual's propensity for using fingerspelling. If the rater records the specific words, patterns of use can be determined, such as the fingerspelling of function words, or uncommon nouns. For spoken texts this item is used to record the number of fingerspelled words from the source which are incorrectly interpreted, giving a measure of an individual's ability to read fingerspelling.

Thus, by using the IAI, an evaluator can rate the accuracy of interpreted text, describe the variations from the original, note evidence of cultural adjustment, ascertain whether the interpreter uses predominantly ASL or English, and document the fingerspelling patterns. The IAI does not provide an evaluation of the practitioner as much as it enables a determination of the accuracy with which the meaning of any given message is interpreted. Of course the IAI may be used to evaluate an interpreter's skill, but the evaluation is based on accuracy of interpretation rather than intuitive assessments such as "uses a lot of facial expression", or "does not use space enough" that have characterized evaluation procedures in the past. The IAI may be used to score different individuals interpreting the same text in order to compare relative accuracy. Additionally, the IAI can function as a diagnostic tool to ascertain patterns of interpreting behavior in a single subject.

The remainder of this manual explains the selection of source texts, the recording of interpretations, the division of the text into propositions, and the use of the IAI form and scoring procedures.

2. SOURCE TEXTS

2.1 SELECTION OF TEXTS

There are two ways of obtaining language texts for use with the IAI. The first is to develop and record material specifically for this purpose, and the second is to select previously recorded material. When evaluating a single subject, it is possible to videotape any interpreting situation. However, the resulting accuracy score cannot then be compared with any other interpreter's performance unless the source material is on videotape.

In selecting stimulus texts it is important to find material that an interpreter could realistically encounter in an interpreting assignment. Not every text will provide satisfactory results. Written English material read aloud, for example, would usually not be appropriate. There are important differences between written and spoken English with regard to redundancy, elaboration, phrasing, colloquialisms, and density. A finely crafted or complex piece of writing requires an equally thoughtful translation, and can seldom be communicated perfectly in a spontaneous, simultaneous interpretation. However, interpreters in some settings are called upon to interpret written papers read aloud to an audience, so occasionally this kind of material might be appropriate. Memorized sign language poetry or sign-mime has the same kinds of limitations.

Material of any level of difficulty can be selected for use with the IAI, depending on the objectives of the evaluator. For example, with beginning students, very simple texts can be used. On the other hand, if the evaluator is more interested in sophisticated points of interpretation, a more complex and demanding text will be necessary. In the majority of instances, however, it will be most

IAI MANUAL

advantageous to select texts of moderate complexity, such that the average interpreter would find them neither overly taxing nor too simple. Texts of either extreme will generate less useful information from the IAI. For this reason, it is recommended that testers stay away from highly technical or rapidly delivered material, or from material that is delivered unusually slowly or that has been simplified for children.

A total of four stimulus texts are necessary for a full evaluation. Two spoken English texts, one to be transliterated into English signs, and the other to be interpreted into ASL, together with two signed texts, one in English signs, and one in ASL.

2.2 RECORDING

Audiotape the English texts using equipment with a minimum of auditory distortion. The speaker should be close enough to the microphone so that all words can be clearly understood. Individuals with strong foreign accents or speech defects should be avoided, unless the evaluator is intent on measuring accuracy under these conditions.

Sign texts should be videotaped so that the signer is seen from the front, framed in the picture from slightly below the waist to above the head. Videotapes with visual noise, such as flickering, should not be used. The individuals used to record the signed texts must be fluent deaf signers. ASL signers should be ASL dominant, or at least totally bilingual in ASL and English. English signers must similarly be English dominant or totally bilingual.

Between ten and fifteen minutes of material for each of the four segments is desirable. The subject needs time to warm up and to adjust to the style of the speaker/signer as well as to the content of the piece. Very long samples will not provide extra information except regarding the stamina of the interpreter.

After the texts have been recorded, they must be carefully transcribed. ASL material may be slavishly translated, following ASL word order as much as possible, or the ASL signs may merely be glossed. Fingerspelled words in sign language texts should be transcribed with hyphens between the letters as an indicator to the rater.

3. TEST SITUATION

3.1 SPOKEN ENGLISH TO SIGN LANGUAGE

An audiotape player and video recorder are required for the English to sign language portion of the testing. The speaker or monitor is positioned so that the subject can hear without strain. Test and adjust the audio level before the testing begins. The video camera is positioned so that the subject appears head on, framed in the camera from slightly below the waist to above the head. If the subject chooses to stand, he or she must be instructed not to move, unless there is a camera operator to follow his or her movements. Use the audio capacity of the video equipment to record the stimulus material with the interpretation. The video monitor should not be visible to the subject. To facilitate easy assessment of the completed videotape, use only color equipment in front of a plain background (deep blue is ideal). The subject should wear a plain shirt or sweater of a color contrasting with the

IAI MANUAL

skin, but not black or white since they do not reproduce well on color video.

The evaluation is enhanced by the presence of a deaf person, to whom the subject can actually interpret. In the vast majority of interpreting situations the interpreter and deaf participant(s) have direct eye contact. Therefore, interpreting without a deaf audience is artificial, and may negatively affect the subject's performance. Of course, the deaf person present must be fluent in the target language.

3.2 SIGN LANGUAGE TO SPOKEN ENGLISH

The sign language to spoken English portion of the testing requires an audio tape recorder and a video cassette player and color monitor with at least a 13-inch screen. The subject may sit or stand in front of the monitor at a distance comfortable for viewing. The microphone can be given to the interpreter to hold, attached to his or her clothes, placed in a stand, or suspended from above. Test and adjust the voice levels before the testing begins. Adjust studio lighting to the subject's comfort, paying close attention to any lights which may cause glare on the monitor screen or to the subject.

While it is adequate to audiotape the subject's voicing, a superior method is to videotape the procedure, so that the signed stimulus is recorded along with the subject's voice over.

The presence of a hearing person to act as audience is preferable but not absolutely necessary if there is a hearing person operating the equipment or running the studio.

4. ASSESSMENT

4.1 SELECTION OF SAMPLES

At the end of the testing the evaluator will have recorded four segments for each subject, spoken English to English signs, spoken English to ASL, English signs to spoken English, and ASL to spoken English. At ten to fifteen minutes, these segments will be more than is needed to administer the IAI. The rater must therefore select a sample from each segment. This sample should be chosen from far enough into the text to allow for the interpreter to warm up and become accustomed to the speaker's style of presentation. The passage should be checked for unusual features of grammar, style, or complexity. Of course, the evaluator may want to use a sample in spite of such difficulties, or possibly even because of them.

4.2 DIVISION INTO PROPOSITIONS

Once four samples have been chosen for the four different procedures, they must be divided into separate propositions. No proposition should be very long or very short. Compound sentences and sentences with embedded clauses can be divided. Occasionally two very short propositions can be combined (e.g. "What's the matter?" he asked.) Appendix B has an example of a text divided into propositions.

4.3 RATING SCALE FOR EACH PROPOSITION

IAI MANUAL

Each proposition is assigned an identifying code. Thus IS1 is the first interpreted signed proposition; IV1 is the first interpreted voiced proposition; TS1 is the first transliterated signed proposition; and TV1 is the first transliterated voiced proposition. Each proposition with its code number is written on the top lines of a blank IAI form. Enough copies of the form should be made to cover the total number of propositions for all the interpreters to be evaluated.

The rater is seated in front of a VCR and monitor. While watching the videotape of the subject, the rater records the interpretation of each proposition in turn. When working with sign to spoken English text, the rater writes down the exact English interpretation or transliteration. When working with spoken English to signs, the rater writes down glosses for the signs used by the interpreter. Next the rater compares the interpretation with the original proposition according to the categories on the IAI. Each step is repeated for all propositions and all subjects.

4.4 TRAINING THE RATERS

The qualifications for rating include familiarity with the process of interpreting, and knowledge of ASL, English, and English signing systems. After reading this manual, the trainer and raters should use the IAI to score one subject together. Raters work together until they achieve a consensus for the items on the IAI for each proposition in the four samples. This training should be done using the texts chosen for the evaluation, using either a pilot subject or one of the actual subjects. A short list of the foreseeable points of difficulty should be prepared in advance, and agreement reached on solutions for these, so that raters will not have to make independent decisions. The group rating of the first subject should be followed by an independent rating of a second subject. Scores should then be compared, and discrepancies discussed until consensus is reached. If differences are minimal, then the training is complete at this point. If there are considerable disagreements, this step should be repeated until the raters are relatively in agreement. There will always be some differences on individual propositions, but generally these will wash out so that overall scores are within a few points on any given subject.

4.5. RATING

See Appendix A for the blank IAI form, and Appendix D for examples of completed forms.

Item One: Proposition

The rater circles the alternative that best describes the interpretation of this proposition. *Accurate* is circled if there is no significant difference between the stimulus and the interpretation; all of the information in the original is conveyed, and no further information is added:

1. Stimulus: BOOK, GIVE-ME
Interpretation: Give me the book (*Accurate*)

The second choice, *inaccurate*, is used for several possible situations. The first is when the entire interpreted proposition is wrong, or when a single error invalidates the proposition:

2. Stimulus: A DEAF PERSON WILL MEET A HEARING PROFESSIONAL

IAI MANUAL

Interpretation: the deaf person needs to go and meet a professional (*Inaccurate*)

3. Stimulus: INDEX CORNER ARRIVE, "VEHICLE-CL(turn left)

Interpretation: Turn right at the corner (*inaccurate*)

Inaccurate is also used for instances in which a proposition is only partially interpreted:

4. Stimulus: He will meet us at the Exploratorium later

Interpretation: HE FUTURE MEET ... E-P-O-R... (*Inaccurate*)

Modified, the third category, is used when the basic information of the proposition is conveyed, but the interpretation differs from the original in a describable way. However, this difference in the interpretation, while changing the meaning, does not totally invalidate it.

5. Stimulus: H-A-T, BOY PUT-DOWN TABLE

Interpretation: The kid put the hat down (*Modified*)

In 5. KID has been substituted for BOY, and the location referred to in the original has been omitted.

Item Two: Degree of Accuracy

This is used only if *modified* was circled under Item One. Modifications may take the form of *substitutions*, *additions*, *omissions*, or *articulation errors*. Each modification is recorded in the appropriate space.

6. Stimulus: The little girl was bitterly disappointed

Interpretation: SMALL GIRL TRUE SAD (*Substitution*: bitterly disappointed/SAD)

7. Stimulus: RING BEAUTIFUL, WOW

Interpretation: I've never seen such a beautiful ring (*Addition*: "I've never seen such a"

8. Stimulus: Tell your friend I say it's O.K.

Interpretation: TELL YOUR FRIEND O.K. (*Omission*: "I say")

Articulation errors are those English words that are mispronounced, or signs that are made inaccurately in one of the four parameters (handshape, movement, location, or orientation).

Each proposition is given an accuracy score. *Accurate* propositions receive ten points; *inaccurate* and *missing* propositions receive zero points. To compute the accuracy score for *modified* propositions one point is subtracted for each modification. In other words, one point should be deducted for each word or sign involved in the *substitution*, *addition*, *omission*, or *articulation*

IAI MANUAL

error.²

Item Three: Cultural Adjustment

This category comes into play when there is a difference between the information in the stimulus and target texts that can be attributed to differences between deaf and hearing cultural groups. Such adjustments may occasionally involve an entire proposition, at others a single word. Either way it may take the form of an *addition*, a *substitution*, or an *omission*. An interpreter may choose to omit, for example, the person's name in a speaker's passing reference to a musician in a case where it would be unknown to a deaf person who never listens to music. To include it would require the interpreter to provide extra background information to make it more meaningful, and risk missing some of the following message.

9. Stimulus: WHY? POLICE NOT-YET HAVE T-T-Y

Interpretation: since the police don't have a tty, which Deaf people use to communicate on the telephone. (*Cultural Adjustment, addition*: "which Deaf people use to communicate on the telephone")

10. Stimulus: ARRIVE HOME, TELEPHONE FLASH

Interpretation: When I got home the phone was ringing (*Cultural Adjustment, substitution*: FLASH/ringing).

Item Four: Target Language

This item is used only when rating signed interpretations. It is a three-point scale that very broadly categorizes each proposition as ASL, English, or a mixture (PSE). *ASL* should be circled if the grammar truly reflects ASL, rather than merely an absence of certain features of English. Similarly, *English* should be circled if there are linguistic features present in the proposition that are clearly English. If there are distinguishable features of both languages, or if the proposition is PSE, *ASL/English* should be circled.

Item Five: Fingerspelling

In spoken-English-to-sign-language texts this category is used to record the number of words fingerspelled by the interpreter. The transcription system used to record the interpretation should differentiate fingerspelled words so that the evaluator can analyze the interpretation for patterns in use of fingerspelling. Hyphens between the letters of a word are a common way to represent fingerspelling. If the rater feels that this is too cumbersome, another technique can be employed such as circling or underlining the word.

²Although counting the number of signs or words is a somewhat arbitrary means of calculating degree of modification, it enables raters to determine a score without having to decide in each instance how many substitutions are really involved, thereby increasing the likelihood of rater agreement. At times this may seem to be rather punitive, but the purpose is to provide consistent rating rather than any absolute measure of degree of accuracy.

IAI MANUAL

In sing-language-to-spoken-English texts this item is used to record the number of fingerspelled words that the subject failed to interpret correctly. It is important to remember that interpreters will at times substitute a different English word for the one that was fingerspelled. Obviously in such instances the interpreter should not be penalized as if the word had been incorrectly read.

4.6 SCORING

A score sheet (Appendix C) can be attached to the front of each packet. The first information recorded is the distribution of propositions across the four categories of *accurate*, *inaccurate*, *modified*, and *missing*. The point scores are recorded and totalled to obtain the overall accuracy score. A score for the amount of cultural adjustment is figured in the same way. The target language score will range from zero to two times the total number of propositions. A score closer to zero represents the English end of the continuum, and a score closer to the maximum possible number represents the ASL end of the continuum. An individual who transliterates a text for which the goal is interpreting (or vice versa) may achieve a high score for accuracy, but the discrepancy on target language would be important information for the evaluator. Finally, the number of fingerspelled words (or errors) may be totalled.

In addition to enabling the evaluator to compare the performance of a number of different interpreters working with the same texts, the IAI also serves a diagnostic purpose. The evaluator can look for overall accuracy, as well as for patterns in the errors, such as a tendency to embellish (additions), or a looseness that often leads to approximations as opposed to exact interpretations of the original (substitutions). Whether the interpreter is able to produce English signs and ASL successfully is apparent from the target language score, and the facility for reading and producing fingerspelling is also measured.

4.7 CHECKING INTER-RATER RELIABILITY

To calculate a simple reliability quotient between two raters:

1. Subtract the lower total score from the higher total score: e.g., $270 - 240 = 30$.
2. Take that figure, divide it by the maximum possible score and multiply it by 100: $30 \div 300 \times 100 = 10\% = 90\%$ agreement.

Reliability figures should be calculated and published along with any test results.

5. VIDEOTAPED SAMPLES

The accompanying videotape provides samples of interpreted text, from which some propositions are scored on the rating sheets in Appendix D. You will see short segments of interpreting and transliterating in voice and sign. Subtitles are provided for the spoken stimulus on the signing tasks and for the interpreters' spoken words on the voicing tasks. The purpose of the videotape is to show how the task should be recorded for rating purposes, and to give a visual example of some scored propositions. Thus one proposition is isolated from each segment, and that is scored on the appropriate rating sheet in Appendix D.

IAI MANUAL

REFERENCES

- Strong, M. & S.F. Rudser. (1985). An assessment instrument for sign language interpreters. *Sign Language Studies*, 49, 343-362.
- Strong, M. & S.F. Rudser. (1986). The subjective assessment of sign language interpreters. *Sign Language Studies*, 52, 212-225.
- Rudser, S.F. & M. Strong. (1986). An examination of some personal characteristics of sign language interpreters. *Sign Language Studies*, 52, 226-240.

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater _____

Subject No. _____

Text of Proposition

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate Modified Inaccurate Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions _____ Additions _____ Omissions _____ Articulation Error _____

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - _____ = _____

3. Cultural Adjustment

Substitutions _____ Additions _____ Omissions _____

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS: _____

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/English English Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: _____

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: _____

IAI MANUAL

APPENDIX B

Sample Text Divided into Propositions (from Actual PSE Text)

It's important for us to keep in mind that a lot of Deaf people, like the rest of the hearing public, may not fully understand the meaning of mental health. And it's interesting to note that the sign for "counseling" is clearly showing that one person is giving advice to another person. So, when a Deaf person goes to get some counseling, he or she may expect to get active information from the hearing professional. A lot of the time a Deaf person may come in with the notion that he or she does not have to be an active participant in his or her own process of changing things.

It's important for us to keep in mind/ that a lot of Deaf people,/ like the rest of the hearing public,/ may not fully understand the meaning of mental health. / And it's interesting to note/ that the sing for "counseling" is clearly showing/ that one person is giving advice to another person. / So, when a Deaf person goes to get some counseling,/ he or she may expect to get active information from the hearing professional./ A lot of the time a Deaf person may come in with the notion/ that he or she does not have to be an active participant/ in his or her own process of changing things./

N.B. This is not one of the texts used on the accompanying videotape.

APPENDIX C

Sample IAI Summary Score Sheet

Subject_____Task_____

Item	Proposition				Score	CA	TL	FS
	A	M	I	Ø				
1.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
2.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
3.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
4.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
5.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
6.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
7.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
8.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
9.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
10.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
11.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
12.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
13.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
14.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
15.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
16.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
17.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
18.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
19.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
20.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
21.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
22.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
23.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
24.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
25.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	_____	_____	_____	_____
TOTALS	_____				_____	_____	_____	_____

IAI MANUAL

APPENDIX D

Rating Forms Used in the Training Videotape

The accompanying videotape provides samples of interpreted text, from which some propositions are scored on the rating sheets in Appendix D. You will see short segments of interpreting and transliterating in voice and sign. Subtitles are provided for the spoken stimulus on the signing tasks and for the interpreters' spoken words on the voicing tasks. The purpose of the videotape is to show how the task should be recorded for rating purposes, and to give a visual example of some scored propositions. Thus one proposition is isolated from each segment, and that is scored on the appropriate rating sheet in Appendix D. It should be noted that absolute objectivity is not possible since any given statement is only accurate to the extent that any individual or group of individuals decide that it is so. Thus the important part is for the raters to confer in advance as far as possible, and agree on the meaning of each proposition. After that, reliability is achieved by having raters conform to this prior agreement. Our sample ratings, therefore, may not necessarily reflect how you would have chosen to rate the same passage.

NB: In example IS7 which deals with the topic of "power of language", the utterance is interpreted inaccurately, but we have coded the surface modifications anyway (i.e. four additions and one omission) to demonstrate the descriptive capabilities of the instrument.

APÊNDICE 1

IAI MANUAL

Rater

DV

Subject No.

06

EXAMPLE 1: Voice to Sign Transliteration

Text of Proposition

TS13 that the Caucasians are more respectful in their relationships

that white people feel (white people) more respect in their relationships (additional)

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions

Additions

Omissions

Articulation Error

feel should refer to how the minority group feels

Score ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 1 = 9

3. Cultural Adjustment

Substitutions

Additions

Omissions

Score: Add number of adjustments

Caucasian = white people POINTS: 1

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/Eng English

Score: ASL=2, ASL/English=1, English=0 POINTS: 0

5. Fingerspelling

Score: For voicing, enter total errors; for signing, enter total words spelled

POINTS: n/a

EXAMPLE 2: Sign to Voice Transliteration

Text of Proposition

TV14 use appropriate intervention that may be needed

(they can) use appropriate interventions

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions

Additions

Omissions

Articulation Error

that (may be) needed 3 1 interventions

Score ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 4 = 6

3. Cultural Adjustment

Substitutions

Additions

Omissions

Score: Add number of adjustments

POINTS: n/a

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/Eng English

Score: ASL=2, ASL/English=1, English=0 POINTS: n/a

5. Fingerspelling

Score: For voicing, enter total errors; for signing, enter total words spelled

POINTS: n/a

IAI MANUAL

Rater DVSubject No. 11

EXAMPLE 3: Sign to Voice Interpretation

Text of Proposition

IV22. They believed if they learned French, then they could learn more in general about the world and lifelike believed that if they were able to learn French that it would open up the world to them for other fields and areas of communication.

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions 1+5

Additions

Omissions

Articulation Error

were able to learn more in general ... like

Score ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 6 = 4

3. Cultural Adjustment

Substitutions

Additions

Omissions

Score: Add number of adjustments

POINTS: n/a

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/Eng

English

Score: ASL=2, ASL/English=1, English=0

POINTS: n/a

5. Fingerspelling

Score: For voicing, enter total errors; for signing, enter total words spelled

POINTS: 1

EXAMPLE 4: Voice to Sign Interpretation

Text of Proposition

IS7. In this country people who are white, middle class, hearing and heterosexual

Here America white middle middle class heterosexual tend to
class white middle

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions

Additions 4Omissions 1

Articulation Error

hearing
tend to white middle class

Score ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 5 = 5

3. Cultural Adjustment

Substitutions

Additions

Omissions -1

Score: Add number of adjustments

POINTS: -1

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/Eng

English

Score: ASL=2, ASL/English=1, English=0

POINTS: 1

5. Fingerspelling

Score: For voicing, enter total errors; for signing, enter total words spelled

POINTS: 1

APÊNDICE 2

The RID National Testing System: A Review

I. History

A. RID began its venture into the testing of interpreters in 1970 by asking the Southern California chapter of RID to modify and expand the local evaluation system originally implemented by the Texas Society of Interpreters for the Deaf (TSID).

B. The expanded and modified system was tested as a two-year pilot project before its implementation in 1972.

1. Full certificates offered: Comprehensive Skills Certificate (CSC) and Relay Skills Certificate (RSC) which was awarded to interpreters/translators who are Deaf or hard-of-hearing.

2. Partial certificates were also offered (TC, IC, EIC, ETC, etc.)

C. Between 1975-1978 specialty certificates were developed and offered to include the legal (SC:L) and performing arts (SC:PA) certificates.

D. Certification in oral interpretation (OIC: C, etc.) was offered between 1979-1983.

E. All testing was suspended in 1984 in preparation for making improvements in the testing system.

D. In 1983, a nationally recognized panel of professional interpreters was formed under the name of the National Evaluation System Study Committee (NESSC) and charged with the task of making recommendations related to the development and implementation of a national, standardized, valid, and reliable test for the certification of sign language interpreters. The findings and recommendations of this committee, chaired by Betty Colonos, MCSC, and approved by the RID membership, became the foundation for the current testing system.

II. Current System of Testing--Implemented in 1987

A. Test Components

1. Written Test--consists of two parts.

- a. Ethical standards: series of dramatized vignettes depicting interpreters interacting with consumers who are Deaf/hard-of-hearing and/or hearing. Questions relate to whether or not the depicted behavior conforms to generally accepted RID ethical practices.

- b. Knowledge: consists of 125 multiple-choice questions from five domains--ASL, Deaf Culture, the role and function of the interpreter, the RID Code of Ethics and Bylaws, and the history of the RID and the NAD.

2. Performance Tests--Based on the recommendations of the NESSC, there are separate performance tests for each of the two different RID certifications (Certificate of Interpretation: CI, and the Certificate of Transliteration: CT). Each performance test consists of the following:

- a. Sign-to-Voice segment: Each candidate will view a platform presentation in American Sign Language (for the CI test) or in English-like signing (for the CT test) by a Deaf person and be asked to simultaneously interpret or transliterate into spoken English.
- b. Voice-to-sign segment: Each candidate will see/hear a lecture in spoken English by a hearing person and be asked to simultaneously interpret the text into ASL or transliterate it into English-like signing.
- c. One-to-one segment: Candidates will be asked to simultaneously interpret or transliterate in both sign-to-voice and voice-to-sign for this interactive segment.

C. Test Results

1. Written tests results are machine scored and applicants are notified of test results (pass/fail) within 10 working days after having taken the test. Applicants must pass both portions of the written test before progressing on to one of the performance tests. RID is preparing to undertake an Angoff, or passing score, study. This method of establishing minimum passing scores calls for "judges" to estimate the percentage of minimally competent candidates who would correctly answer each individual question. Once this study has been completed, the minimum passing score for the RID written test will be made a matter of public record.

2. Performance tests are evaluated by three raters (one Deaf/hard-of-hearing, one hearing layperson and one interpreter) who compare the performance they are viewing with the performance standard set by the certified members of RID in 1987 (the St. Paul Standard). If the candidate's performance does not meet or exceed the acceptable level/standard, certification is not awarded. Performance test results are available approximately 90 days after completion of the test.

The RID testing system is based on a holistic method of scoring, therefore no feedback is provided to the test candidate in regard to their particular test performance. Holistic scoring is widely used within the testing industry, and as printed in the May 1991 audit of the RID testing system, the "use of holistic scoring procedures for the rating of performance" was listed as one of the strengths of the RID testing system.

III. Regional Testing Centers

A. Test Accessibility

All RID tests are administered in approved sites across the country with a listing of dates and sites available through the RID national office and published annually in the Views. Generally, each site offers three interpretation performance tests, three transliteration performance tests, and two written tests per year for a total of more than 200 testing opportunities annually. Sites may petition the national office for additional testing should it become necessary. This may be done at any time.

B. Test Security

Each site is required to provide a separate, locked, limited access location in which to house tests. The Local Test Administrator (LTA) only is allowed access to test materials. LTA's are required to sign Acknowledgment Forms assuring their understanding that all test materials are regarded as highly confidential and can be released or discussed with no one.

IV. Test Validity and Reliability

A. Validity

Validity is the quality of a test that assures the user that the test measures what it sets out to measure. Most psychometricians and industrial psychologists agree that content validation should be used as the main basis for the documentation of the appropriateness and defensibility of professional and occupational licensing and certification assessment procedures. The question to be answered in assessment is whether an individual, at the time of examination, had the job-related knowledge, skills and abilities to practice safely.

1. Validity of RID Tests

In May of 1991, RID sought an independent analysis of the testing system. This audit, performed by Dr. Joan Knapp of Knapp and Associates, listed as one of the strengths of the RID testing system, the documented content validity of both the performance and written tests. All RID tests receive high marks on this component of the testing system.

B. Reliability

Reliability refers to consistency of measurement, that is theoretically, if the same candidate was examined over and over again, the examination should be constructed to yield a similar score for each administration. Some important points concerning reliability are:

- Consistency of measurement would indicate that the score is relatively free from errors of measurement.
- There are various indices of reliability; they all range from 0 to 1.0 (perfect reliability) which is never attained.
- Reliability is highly dependent on examination length. In general, no matter how good the questions, shorter examinations are less reliable than longer examinations.
- A reliability of .80 or above is considered an acceptable value for certification examinations.

1. Reliability of RID Tests

a. The Written Test

Included in the 1991 audit of RID's testing system provided by Dr. Knapp, was a discussion of the reliability component of the testing system. Dr. Knapp found part II of the written test to have a reliability of .9 ($KR - 20 = .90$) and part I to have a somewhat lower reliability of .5 ($KR - 20 = .50$). The lower reliability of part II may be explained by the shortness of the test (only 40 questions) as, typically, tests of shorter length do not yield higher estimates of reliability no matter how good the questions.

b. The Performance Tests

Reliability on the performance test is measured according to inter- and intra-rater reliability. RID maintains and routes inter- and intra-rater check tapes through the rater system periodically. It is anticipated that sufficient statistics will be available for RID's psychometrician to calculate inter- and intra-rater reliability in the fall of 1993. These statistics will be published in the RID newsletter, the Views, when available.

V. Test Preparation Materials Available

One of the most important components of a successful testing system is the documentation of sufficient information available to the applicant in an effort to provide a fair chance to prepare for the examination. This information should include the format of the test, sample questions, policies and procedures in regard to the administration of the test, information on appealing a test result, and the scoring and reporting of test results. To this end, RID has available the following materials:

- *Introduction to the National Testing System* (includes policies and procedures of the NTS, test format, appeal guidelines, etc.)
- The *RID Study Guide* (includes several of the suggested study materials for the written test, i.e. the *RID Code of Ethics* and the *RID Bylaws*, and a practice test with answers)
- A practice videotape for the Transliteration Performance Test (allows candidate to become familiar with actual test format and with working off of a videotape)
- A practice videotape for the Interpretation Performance Test (allows candidates to become familiar with actual test format and with working off of a videotape)
- A practice videotape for the Written Test (shows test format and provides practice questions)
- A list of suggested study materials for the Written Test (delineates from where all items may be procured)

VI. Appeals Process

No certification system is complete (or fair) unless it allows the candidate an opportunity to appeal the outcome of a failed test. RID Performance Test-takers are, at the time of the examination, notified in writing of the appeal procedure. Individuals are afforded 90-days from the date of notification of failure in which to file an appeal with the testing office. Appeals are referred to the National Certification Board for resolution. Should the appeal be denied and the candidate not satisfied with the decision, a second-level appeal may be made directly to the RID Board of Directors. All decisions of the RID Board of Directors are final and binding.

VII. Proposed Plans for Future Test Updates

RID will continue to perform a regular audit of its testing system seeking recommendations from an industry-recognized psychometrician on the further strengthening of the system. A "test" is actually an ongoing process, evolving and improving over time, and for this reason the test is continually changing to appropriately reflect the changes in the profession.

Testing industry standards recommend that all testing entities undergo a review and revision process every five years to determine what updates need to be instituted. This is standard practice and is not indicative of any major problems within the testing system, but rather it speaks to the entity's commitment to appropriate testing. RID has taken a good, hard, and expensive look at its test, and in conjunction with the RID psychometrician, proposes the following activities:

- Undertake Angoff Study (a passing score study on the written test)
- Establish Core Scoring Units for the Performance Tests (planned as the first major project after the 1993 Convention)
- Review and Update Written and Performance Test Blueprints (the Written test Blueprint has been completed, the Performance test Blueprint revision is planned for fall of 1993)
- Develop new written test questions (in addition to the 25 currently being field-tested. In Process.)
- Develop a new version of the RID Written Test (In Process)
- Review the rater training process
- Calculate Intra-and inter-rater reliability quotients
- Offer re-training to raters not performing well
- Retire those raters, who after re-training, still do not perform well
- Conduct rater training sessions in each of the five RID regions (an effort to broaden the diversity of the rater pool)
- Develop an LTA Training Videotape (to further standardize test administration)

VIII. Plans For Future Testing

A. Three new tests for certification are in development.

1. CDI--Certified Deaf Interpreter (tentative name for this certificate)--is designed to replace the RSC, formerly offered by RID, for the professional interpreter who is deaf or hard-of-hearing. A task force has been established and has begun the process of test development. Progress to date will be discussed during the RID convention in August of 1993

2. Legal Certification--RID is developing a new test specifically designed to assess the special skills required of the interpreter working in the legal setting. Interpreters wishing to obtain this certification must hold a generalist certificate from RID and complete a formal course of training before standing for this test. Currently, the one approved program, "Interpreting in the American Judicial System: ASL and English" is offered through California State University at Northridge. Graduates of this program are issued two-year permits, enabling them to begin their work as a legal interpreter until such time as the legal test has been implemented. The task force developing the examination has completed the specifications for the written portion of the exam and will soon focus on the development of the performance portion. First administration of the exam is tentatively slated for the fall of 1993 or early 1994.

3. Oral Certification--RID will again be certifying oral interpreters and has formed a task force to begin the design of this new test. The task force has completed specifications for the written portion of the examination and will soon turn attention to the development of the performance portion. The first administration of the examination is slated for July 1994 during the Alexander Graham Bell Association's annual convention.

All tests will be developed in conjunction with a psychometrician and designed to meet testing industry standards for both validity and reliability.

VIV. The Complete Certification System

A certification system is not complete without providing an opportunity for consumers of the service provided to grieve or complain about the individual service of a certified practitioner, or without some sort of avenue through which the certifying body assures continued competency. To this end RID developed, in conjunction with appropriate legal and psychometric counsel, the Ethical Practices System and the proposed Certification Maintenance Program (CMP).

A. The Ethical Practices System

This system allows any individual to file a complaint against a certified interpreter based on an alleged breach of the RID Code of Ethics. Complete guidelines for the Ethical Practices System are available upon request for the RID national office.

B. The Certification Maintenance Program

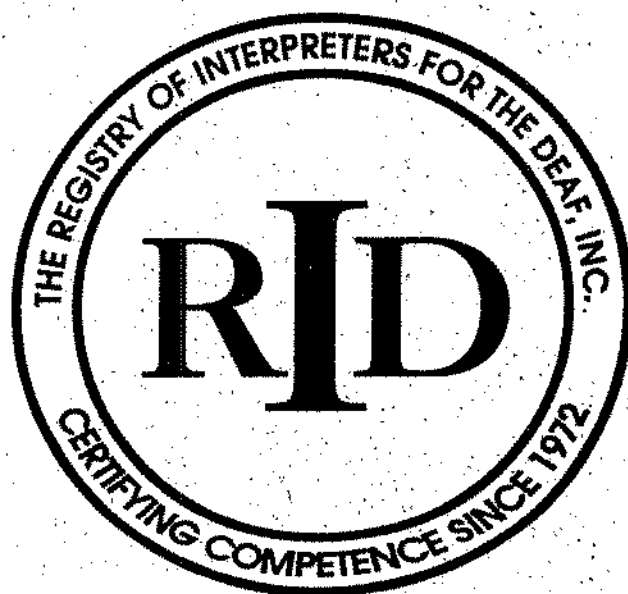
In keeping with trends in the testing industry, RID no longer requires re-testing of its certified members. In lieu, a Certification Maintenance Program (CMP) has been proposed. This is a comprehensive, continuing education unit (CEU) program which provides consumers of interpreting/transliterating services with some assurance that certified practitioners are keeping abreast of advances in the field of interpretation, in addition to the constant improvement or maintenance of the skill level required of a certified interpreter. This program is slated for membership vote in August, 1993 and if approved will begin a faze-in immediately thereafter.

VIV. General Statistics

- 85% of previously credentialed interpreters (certified under the former RID system) taking one or both of the current performance tests, pass.
- The pass rate for first-time performance test takers is 48% for the CT and 46% for the CI.
- The pass rate for the Written Test is 68% with an 57% pass rate on re-takes.
- 90% of candidates taking one or both performance tests express written appreciation of the testing materials and format, the fairness of the test, and stress that this test is a vast improvement over the former test.
- Only 5% of RID performance test-takers appeal their final result.
- Other Performance-based examinations average a passing rate between 60% - 80% (Knapp and Associates) with significantly lower passing rates on exam re-takes.

Introduction to the National Testing System

Generalist Certification (CI and CT) Examination Information Bulletin



© 1995

RID Publications

8630 Fenton Street, Suite 324

Silver Spring, MD 20910

301/608-0050 (v/tty)

301/608-0508 (fax)

RIDNTS@AOL.com

Mission Statement

It is the mission of the RID, Inc. to provide international, national, regional, state, and local forums and an organizational structure for the continued growth and development of the professions of interpretation and transliteration of American Sign Language and English.

Philosophy Statement

The philosophy of RID is that excellence in the delivery of interpretation and transliteration services among people who are Deaf or Hard of Hearing and people who are hearing will ensure effective communication. As the professional association for interpreters and transliterators, the RID serves as an essential arena for its members in their pursuit of excellence.

Non-discrimination Statement

The RID shall not discriminate in matters of certification testing or membership on the basis of age, color, creed, disability, ethnicity, hearing status, national origin, race, religion, gender or sexual orientation.

Copyright Statement

This manual is copyrighted by the Registry of Interpreters for the Deaf, Inc. All rights reserved. No part of this publication may be reproduced in whole or in part, by printing, duplication, mimeographing, photocopying, by electronic or any other means, nor may it be stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means without prior written permission from the publisher.

Table of Contents

I. History and Background 1

II. NTS Process 2

 A. Internal Organizational Commitment 2

 B. About the Tests 2

III. Raters 3

IV. Local Test Administrators 3

V. Test Dates and Sites 3

VI. Generalist Written Test 4

 A. Applying for the Written Test 4

 B. Notification of Testing 4

 C. At the Test Site 4

 D. Test Format 5

 E. Results and Retakes 5

 F. Appeal Process 6

VII. Generalist Performance Test 7

 A. Applying for the Performance Test 7

 B. Notification of Testing 7

 C. At the Site 8

 D. Test Formats 8

 E. The Rating Process 9

 F. Results and Retakes 10

 G. Appeal Process 10

VIII. Appendices 11

 A. Sample Written Test Questions 11

 B. Suggested Reference Materials for Written Test 13

 C. Examination Outline 14

 D. Acceptable Emergency Situations 16

 E. Test Development Committees and Consultants 17

History and Background

One of the first formal tasks which RID set for itself in 1964 was the design and implementation of a national certification system to test the skills, ethics, and professional behavior of its practitioners. The Association initiated and has maintained a testing and certification system in support of its mission to further the growth and development of the profession of interpretation and transliteration of American Sign Language and English.

Since 1972, RID has offered certificates in general sign language interpreting (CSC, IC, TC, et. al.) as well as specialty certificates (i.e. SC:L, SC:PA). RID has also offered certification in oral interpreting (OIC).

The Association recognized the need to revise and upgrade the system of testing and certification and thereby created the National Evaluation System Study Committee (NESSC) in 1983. The NESSC developed and presented recommendations for improving the testing and certification system. These recommendations were endorsed by the certified membership at the 1985 and 1987 RID conventions and became the basis for the development of the Generalist Written and the CI and CT, both of which are full generalist certificates.

Again, in 1992 the Association formulated a second blue-ribbon committee to conduct a national job analysis. The job analysis was confirmed by approximately 2,000 working interpreters/translitterators and became the basis for the 1995 revision of the generalist written exam.

National Testing System (NTS) Development Process

Internal/Organizational Commitment

- The RID Bylaws stipulate that only certified members have control over decisions regarding certification.
- Certified members, during the 1987 convention in St. Paul, set the level of interpreting/transliterating performance necessary to be awarded RID certification.
- Certified members surveyed during the 1985 and 1987 conventions determined the scenarios upon which to base the performance tests.
- In 1992, the RID Blueprint Committee was appointed to define the skills and knowledge necessary for an entry level sign language interpreter to practice safely and competently. This became the national job analysis.
- Certified members of the RID validated the national job analysis.

About the Test

- The written test was composed, field tested and revised in accordance with generally accepted test development procedures. It is also monitored for validity and reliability.
- A modified Angoff study was conducted according to appropriate psychometric procedures to determine a passing score for the generalist written test.
- An ongoing psychometric analysis is performed on the written and performance tests to assure that both remain valid and reliable instruments for measuring an interpreter's abilities.
- Raters for the generalist performance test are trained to identify skills which meet or exceed the minimum standards.
- Psychometric procedures have been established to monitor rater reliability.
- Mechanisms are in place so that all candidates are treated fairly and without regard to age, color, creed, disability, ethnicity, hearing status, national origin, race, religion, sex or sexual orientation.

Raters

The selection and training of raters for the performance tests are conducted in accordance with the criteria determined by the National Testing Board (NTB). Raters represent various geographic, cultural and linguistic backgrounds. They are agents of the Association and are therefore compensated for their services.

Local Test Administrators (LTAs)

LTAs are RID certified members in good standing (92.02) who are hired as agents of the Association. The LTA is bound by a contract which includes clear admonitions about the safekeeping of all materials and the penalties which may ensue should the contract be breached. LTAs are trained in RID test administration protocol.

Test Dates and Sites

Regional Testing Centers (RTCs) have been established around the country. These sites are under contract and are reevaluated periodically. Each RTC has a site coordinator who oversees the logistics of the testing room facilities and equipment.

Performance test dates are set annually and printed in the VIEWS. The NTS Coordinator communicates with the LTAs and site coordinators to determine which dates will best meet the needs of that location. Each site generally offers three performance tests annually. The National Office does not determine the local performance test schedule, but requires that test dates be advertised at least twice in the VIEWS.

The Generalist Written Exam is conducted following standardized administration dates. The Written Exam is offered on the last Saturday of March and the first Saturday of December every year. Locations for these exams are published in the VIEWS.

Applicants/candidates may also schedule to take any of the RID test in the National Office during regular RID business hours provided all associated fees are paid and all eligibility requirements have been satisfied. Testing slots are assigned on a first-come, first-served basis, depending on availability. Fees must be received in the national office two weeks in advance of the test to confirm the appointment.

THE GENERALIST WRITTEN TEST

A. Applying for the Written Test

To apply for the RID generalist written test, a person must complete and send an application form with payment of appropriate fees to the National Office six weeks in advance of published test date. Preference for testing location(s) (city/state) must be indicated on the form. Any request for special accommodation must be noted on the application and supporting documentation attached to the application. NTS staff will notify applicants by mail of test availability in their preferred location(s).

Individuals who join RID when they apply for the written test may pay the member rate for test fees. One need not be a member to apply for the test, however, one of the benefits of RID membership is lower testing fees.

Applications and test fees must be received in the National Office at least six weeks prior to the preferred date for the test. 94.39

B. Notification of Testing

Approximately four weeks prior to the test date, applicants will receive a letter confirming the date, time, and location of the test. The name and phone number of the LTA proctoring the test will also be included. The LTA should be contacted for directions to the site only. All other questions should be directed to the national office.

If the applicant is unable to attend the test session as indicated on the letter of confirmation, s/he must notify the NTS coordinator prior to the scheduled exam. Failure to notify the NTS Coordinator will result in the applicant's forfeiture of all application and test fees.

Failure to notify the NTS Coordinator will result in the applicant's forfeiture of all application and test fees.

Cancellation due to a documented emergency situation as outlined within RID's policy (see Appendix D) will be given special consideration. Upon receipt of documentation and approval by the NTS Coordinator, application and test fees will carry over to the next available test date. Notification of the emergency cancellation must be made to the national office on the business day following the documented emergency.

Application fees for both the written and performance tests are non-refundable under any circumstance.

Individuals who have paid the application and test fees and decide that they no longer wish to take the written test will be reimbursed only their test fees. Requests for reimbursement must be made in writing to the NTS Coordinator.

C. At the Site

Applicants must register at least 15 minutes prior to the scheduled start time of the test. They must bring two #2 lead pencils, a photo ID, and their confirmation letter to the test. During registration, applicants will be required to sign in, show a photo ID, verify personal information as indicated on the test roster, and sign confidentiality forms. Demographic information forms will also be available for self-disclosure.

All testing materials -- test booklet, Scantron answer sheet, and note paper if needed -- will be provided by the LTA. Once an examination has begun, there is absolutely no talking, signing, gesturing or any communication permitted in the room. LTAs will collect the test booklet and answer sheet from anyone violating this rule and file a formal written report with the NTS Coordinator.

Applicants are allowed a maximum of three hours to complete the test. All test-related material and the final portion of the demographics survey must be returned to the LTA before leaving.

Comment forms will be provided for applicant feedback about the test, test administration or site conditions; these forms may be completed later and mailed to the RID National Office or completed at the site and given to the LTA.

D. Test Format

The test consists of 150 multiple choice questions covering the five domains listed below. Applicants are encouraged to answer all questions; unanswered questions will be marked wrong. The expanded outline of the five domains can be found in Appendix B.

- I. General Socio-Cultural Systems
- II. Language/Language Use
- III. Socio-Political Context Interpreting
- IV. Interpreting
- V. Professional Issues

E. Results and Retakes

After the written test session, the LTA is required to immediately send all test material to the National Office. Result notification letters are generally issued within ten business days after the tests are received from the test site. Applicants passing the written test are considered "Candidates for Certification" and are eligible to take one or both generalist performance tests (CI or CT).

If the applicant does not pass the written test, s/he should send in another application form and the appropriate payment in order to register for another written test. No application fee will be charged for a retake of a failed written test. The applicant who fails the test will receive notification indicating their score in each of the five domains. Those failing the written test must wait six months from the date of test administration before they may retake the test.

No application fee is charged for a retake of a failed written test.

The Candidate is required to take and pass at least one generalist test (the CI or CT) within five years of the date of notification of achieving candidacy status. Failure to achieve certification within the five year time limit will result in the loss of candidacy status. As a result, the applicant will need to retake the generalist written test. (90.01)

If a candidate has not achieved certification within five years, s/he may schedule and pay for a performance test before the expiration of candidacy status. In so doing, s/he will be granted an automatic 45 day extension of candidacy status during which time s/he **must** take the performance test. It is the candidate's responsibility to secure an available test slot at one of the RID Regional Testing Centers or the National Office within the 45 day extension.

F. Appeal Process

Applicants may file a written request for hand scoring of their test within 90 days of the test date. Written requests must be sent by certified mail to the NTS Coordinator at the RID National Office.

The National Certification Board (NCB) will review appeals related to the administration of the test, such as violations of proper procedure and/or deviation from National Testing System policy. Appeals must be sent in writing by certified mail to the NTS Coordinator at the RID National Office. An appeal must be filed within 90 days from the date of notification of test results.

Appeals received after the 90 day limit will
not be reviewed.

If an appeal is upheld by the National Certification Board, the test retake must be completed within one year of the date of notification by the NCB. If the test retake is not completed within the year, the applicant will be responsible for the reapplication process and fees.

THE GENERALIST PERFORMANCE TEST

A. Applying for the Performance Test

To apply for the RID performance test, one must complete and send an application form with payment of appropriate fees to the National Office. Preference for testing location(s) (city/state) must be indicated on the application form. The NTS staff will notify applicants by mail of test availability in their preferred location(s).

Individuals who join the RID at the same time as they apply for the performance test may pay the member rate for test fees. One need not be a member to apply for the test, however, one of the benefits of RID membership is lower testing fees.

Application and test fees must be received in the National Office of least six weeks in advance of the requested test date

Persons eligible to take the performance test are Candidates for Certification and present holders of valid RID sign language interpreting certificates (i.e. CSC, IC, TC, EIC, ETC). Candidates for Certification have five years from the date they passed the written test in which to take and pass at least one of the performance tests. If a candidate fails to take and pass at least one of the performance tests within the five-year time frame, s/he will be required to reapply for the written test and pay all related fees.

Candidates are encouraged to register for preferred test location(s) well in advance, but must register a minimum of six weeks in advance of the published date. Testing slots are assigned on a first-come, first-served basis and some sites fill quickly.

B. Notification of Testing

Approximately four weeks prior to the test date, candidates will receive a letter indicating their placement on the priority list and confirming the date, time and location of the performance test. The name and phone number of the LTA proctoring the test will also be included.

Upon receipt of the letter, candidates **MUST** notify the NTS Coordinator to check the status of their placement and to confirm their availability to take the test, regardless of their ranking. Four (4) candidates are generally tested in a day; each candidate requires one hour and fifteen minutes to warm up and an hour and fifteen minutes to be tested. Space is in high demand and testing slots are assigned on a first-come, first-served basis.

The priority list is determined, for the most part, on when an individual's application and payment are received in the National Office. Other factors – such as rescheduled tests, upheld appeals, changes in test site preferences and natural disasters – may affect a candidate's standing on the priority list.

Once a candidate has confirmed with the NTS Office and has been scheduled into a test slot, failure to appear on the confirmed test date will result in forfeiture of all test and application fees.

Cancellation due to a documented emergency situation as outlined within RID's policy (Appendix D) will be given special consideration. Upon receipt of documentation and approval by the NTS Coordinator, application and test fees will carry over to the next available test date. Notification of the emergency cancellation must be made on the business day following the documented emergency.

Application fees for both the written and performance tests are non-refundable under any circumstance

Individuals who have paid the application and test fees and then decide that they no longer wish to take the performance test will be reimbursed only their test fees. Requests for reimbursement must be made in writing to the NTS Coordinator.

C. At the Site

1. Administration

Candidates should arrive in professional attire, which is appropriately color-contrasted to skin tone. Candidates should not wear whites or reds, as these colors cause problems for color video equipment. Candidates will be asked to sign forms indicating agreement to maintain confidentiality in regard to testing materials and show a valid photo I.D. This same form allows RID to publish name and certification level in the annual membership directory and to use the test tape as a rater monitoring device.

2. Warm-up Room

Each candidate is scheduled for one hour and fifteen minutes in the warm-up room. This period is primarily used by the candidate to view the various selection of speakers, make their choices, and practice with those speakers until it is time to enter the testing room. Speakers viewed in the "warm-up" room are the same people who will appear on the stimulus material during the test.

There will be six (6) tapes in the warm-up room. Since testing of transliteration and interpretation is usually done on different days, the six tapes will be either for the CI or the CI. Each of the three test segments – sign-to-voice, interview and voice-to-sign – has two options, A and B; there is one videotape for each segment option. One of the tapes is marked "View this Tape First." The candidate should view that tape first as it contains an explanation of the testing process followed by a segment option. S/he then reviews each of the other tapes and chooses one option (either A or B) for each segment. The candidate will then review and practice with these three tapes. While the models on the warm-up tapes are the same as those on the test materials, the topics may differ.

Prior to entering the testing room, the candidate will indicate both the segment options and the order in which s/he would prefer to take the test. The candidate is then allowed up to fifteen minutes between the warm-up period and the start of the test. This is an opportunity to use the restroom, get some water, or just to take a break.

3. Testing Room

All blank tapes are supplied by the RID. At the beginning of each videotape, candidates will be filmed voicing and fingerspelling their social security/insurance number twice. **Candidates do not give their names.** Names or other personal information are not provided to the raters.

As candidates proceed through the exam, they should pause the test stimulus material if needed to correct environmental disturbances (i.e., loud fan that unexpectedly turns on, noises from outside the test room, etc.). The candidate may not turn off the camera but may pause the test tape and immediately get the LTA so that the environmental problem can be corrected or so noted on the verification form. Any interruption in test procedure must be noted on the appropriate form.

D. Performance Test Format

1. Stimulus Materials

One of the goals of the RID testing system is to incorporate materials which accurately reflect the real world of interpreters and transliterators. Certified members surveyed during national conventions determined the scenarios from which to base the performance tests. All stimulus materials are unscripted. Every person, whether Deaf/hard-of-hearing, or hearing, was authentically a doctor, lawyer, teacher, insurance broker, realtor, association president, medical technician, computer programmer, house buyer, parent, etc. This adds realism and face validity to the test.

The test materials were filmed from the interpreter's perspective. Deaf and Hard-of-Hearing lecturers were captured from the point of view of a working voice interpreter/transliterator. The camera looks at the Deaf person slightly from below and favoring the open dominant hand. Hearing persons were taped as seen from the interpreter's perspective, i.e., the hearing speaker is seen in profile and slightly forward of the interpreter.

Every candidate's performance is recorded on videotape and available for rating, for any subsequent appeal or review, and for use by RID as a rater monitoring device.

2. Segments on the Test

There are three components to each of the performance tests:

Voice-to-Sign: Candidates will provide a simultaneous rendering in the target language. CI candidates will interpret the text into ASL. CT candidates will transliterate the text into English-like signing.

Sign-to-Voice: Candidates for both tests will provide a simultaneous rendering in spoken English.

Interview (one-to-one): Here the candidate will view the scene as it most often occurs in interpreted interviews, being seated next to and slightly behind the hearing person. The candidate will sign the spoken message in the target language and voice the signed message. Sufficient process time is built in to allow for accurate interpretation/transliteration.

E. The Rating Process

The test is holistic in nature and not designed as a diagnostic instrument. Raters for the performance test are trained to identify interpreting and transliterating which meet or exceed the minimum standards. Those candidates whose performances are at or exceed the minimum standard are awarded certification.

There are three categories of raters. Deaf/Hard-of-Hearing raters rate the voice-to-sign portions of the test for English-like signing (for the CT) or ASL skills (for the CI); hearing raters rate the spoken English portions of the test; certified interpreters/ transliterators rate the overall performance of the candidate.

The candidate's test tape is simultaneously sent to one rater in each of the three rater categories. A candidate must receive a "pass" from each rater category in order to receive certification. If a tape receives a "fail" in any category, it is immediately sent to a second rater in that category. If the tape is also failed by the second rater, the candidate is notified that s/he did not meet the minimum standard. If the second rater passes the tape, the tape is then sent to a third rater in that category for a "tie break" decision. This is an automatic appeal which RID files on behalf of every candidate who receives a fail rating.

Rater's judgements of a candidate's performance are unbiased and based on the minimum standard of acceptable performance. They are not, in any way, influenced by an RID committee or board.

F. Results and Retakes

After the performance test session, the LTA is required to immediately send the videotapes to the National Office. Candidates will be apprised of the status of their results in approximately 90 days.

Those persons whose performance did not meet or exceed the standard set by the membership are allowed to retake the test after a waiting period of six (6) months from the date they took the performance test and upon completion of the reapplication process. This process consists of submitting a completed RID/NTS application form and paying only the test fee.

Candidates who hold valid sign language interpreting certificates from the National RID (i.e. CSC, IC, TC, EIC, ETC) do not place their present certificate in jeopardy by taking the performance test. These certificates remain valid as long as the holder continues active membership in RID and meets all other requirements stipulated by the RID.

G. Appeals

The National Certification Board (NCB) will review appeals related to the administration of the test, such as violations of proper procedure and/or deviation from National Testing System policy. Appeals must be sent in writing by certified mail to the NTS Coordinator at the RID National Office. An appeal must be filed within 90 days from the date of notification of test results.

Appeals received after the 90 day limit will
not be reviewed.

If an appeal is upheld by the National Certification Board, the test retake must be completed within one year of the date of notification by the NCB (94.47). If the test retake is not completed within the year, the applicant will be responsible for the reapplication process and fees.

Appendix A

Sample Items for the Generalist Written Exam

The asterick (*) indicates the key, or correct answer.

1. The primary purpose of the RID Code of Ethics is to
 - A. standardize business practices in the field
 - B. provide on-the-job monitoring of an individual's performance
 - C. establish a framework from which to judge appropriate behavior
 - *D. protect the interests of consumers and practitioners

2. Which of the following is the LEAST likely assumption an interpreter can make about transliterating for a Deaf speaker in a lecture setting?
 - A. He/she may be asked to stay after the lecture for comments
 - *B. He/she will work from the back of a large room
 - C. He/she will switch with a team interpreter after about twenty minutes
 - D. He/she will be seated where he/she can see the Deaf person clearly

3. When transliterating in a religious setting, the transliterator should preferably
 - A. be conversant with all forms of ecclesiastical nomenclature
 - B. be located in a position where he/she does not distract the service
 - C. ask a priest, rabbi, or minister for religious signs used by the Deaf/hard of hearing people in the congregation
 - *D. be of the same religious conviction as the congregation

4. Of the following, a Deaf/hard of hearing audience is most likely to perceive an interpreter's lack of facial expression as a sign of
 - A. impartiality
 - B. formality
 - C. misunderstanding
 - *D. boredom

5. An interpreter is working from English to ASL. The interpretation includes an English word that is carried forward in its original form which does not carry the speaker's meaning. This generally indicates a breakdown in
 - *A. analyzing
 - B. concentrating
 - C. restructuring
 - D. planning

6. When an interpreter knows that a person has given incorrect information during an assignment, the interpreter should
 - A. stop interpreting and provide the correct information
 - B. wait until the end of the assignment to provide the correct information
 - C. lookup the information later to check its accuracy and inform the parties of the accurate information
 - *D. continue interpreting, because the interpreter is not responsible for the content of the information

7. A police officer is interviewing a Deaf/hard of hearing person about an accident that the Deaf person witnessed. The police officer leaves the interview feeling that he couldn't stop talking, while the Deaf person leaves feeling that the officer did not want all the details of the accident. This is probably due to

- *A. linguistic differences between ASL and English
- B. the officer's oppressive views toward Deaf people
- C. cultural differences in perception of time
- D. the officer's impatience in working with interpreters

8. Historically, most Deaf children receive the greatest exposure to ASL from which of the following?

- A. Deaf parents
- *B. Deaf students
- C. Deaf teacher
- D. Deaf sibling

9. The main reason why many Deaf people prefer to use the term TTY instead of TDD is that

- A. Deaf people are reluctant to accept new words
- B. The TTY is an older term than TDD
- C. Deaf people prefer the old Teletype machines
- *D. The term TTY comes from within the Deaf community

10. Which of the following is true of the clinical/pathological view of Deaf people?

- A. It is no longer subscribed to by medical or educational professionals
- *B. It promotes paternalism and dependency
- C. It is primarily objected to by members of the medical profession
- D. It originated within residential schools for the Deaf

Appendix B

RID Generalist Written Examination--Suggested Reference Materials

The following is a list of references that may be helpful in reviewing for the Generalist Written Examination. This listing is intended for use as a study aid only. RID does not intend the list to imply endorsement of these specific references, nor are test items necessarily taken directly from these sources.

- RID National Testing System Candidate Bulletin. RID Publications
- The RID Code of Ethics. RID Publications
- The RID Bylaws. RID Publications
- Sign Language Interpreting: A Basic Resource Guide, by Sharon Neumann-Solow, NAD Publication (available through RID) Chapters 1-8 and Appendix A
- Deaf in America/Voices from a Culture. Padden and Humphries. Harvard University Press.
- Interpreting: The Art of Cross-Cultural Mediation, Proceedings of the 1985 RID Convention, RID Publications
- Interpreting for International Conferences, by Danica Seleskovitch. RID Publications
- Interpreting: An Introduction, by Nancy Frishberg. RID Publications

Additional References

- Interpreters on Interpreting (videotape series available through Sign Media, Incorporated)
- So You Want to Be an Interpreter, Humphrey & Alcorn 1994. Available through Sign Enhancers

Appendix C

Generalist Written Examination Outline Registry of Interpreters for the Deaf, Inc.

The following is a detailed outline of the five major content areas of the examination, with an indication (in parentheses) of the approximate percentages devoted to each area.

I. General Socio-Cultural Systems (10%)

- A. Types of communities
- B. Differences between culture and community
- C. Characteristics of minority culture
- D. Elements of culture
- E. Theories/models of conflict resolution
- F. Dynamics of cross-cultural interaction

II. Language/Language Use (20%)

Aspects of English Language

- A. Structural properties
- B. Socio-linguistic factors

Aspects of American Sign Language

- C. Structural properties
- D. Socio-linguistic factors
- E. Socio-linguistic factors affecting language use
- F. Differences and similarities between signed and spoken languages
- G. Scope and function of different level of discourse
- H. Language registers
- I. Nonverbal communications
- J. The effect of cross-cultural interaction on language use
- K. Effects of socio-linguistic factors on communication processes

III. Socio-Political Context Interpreting (15%)

- A. Politics of interpreting
- B. Socio-political issues involving interpreting versus transliterating
- C. Sources and manifestations of cultural conflict
- D. Effect of Manually Coded English sign system on the D/deaf community
- E. Ways in which interactions between Deaf and hearing people affect language use
- F. English in the Deaf community

IV. Interpreting (35%)

- A. Theories of interpretation and their application
- B. Models of interpreting service
- C. Principles, protocol and technical knowledge associated with specific types of settings
- D. Knowledge of cognitive processing associated with interpreting
- E. Identification of persons with limited ASL or English competence
- F. Resources and referral strategies for interpreters working with persons with limited ASL or English competence

Advantages and disadvantages of, guidelines for usage:

- G. Team interpretation
- H. Simultaneous interpretation
- I. Consecutive interpretation
- J. Factors that may interfere with and facilitate the interpreting process
- K. Cues from clients indicating whether or not message has been comprehended
- L. Techniques for promoting effective turn taking
- M. Specialized types of services
- N. Principles and protocol associated with specific types of formats
- O. Strategies for handling misinterpretations
- P. Differences between interpreting and transliterating

V. Professional Issues (25%)

- A. Organizations related to the interpreting profession
- B. Agencies and institutions serving D/deaf people
- C. State legislation regarding interpreters
- D. PL 94-142
- E. Section 504 of the Rehabilitation Act of 1973
- F. Americans with Disabilities Act
- G. Business practices for working interpreters
- H. RID Code of Ethics
- I. RID Certification system
- J. RID as an organization

Appendix D

Acceptable Emergency Situations

Once an applicant has confirmed his/her intent to take the test, failure to appear on the test date confirmed, or cancellation which occurs less than 14 days prior to the exam, will result in the applicant's forfeiture of all test and application fees. Special consideration will be made in the event of a documented emergency situation which falls within RID's policy.

Acceptable emergency situations:

- death of an immediate family member,
- doctor's verification of accident, illness, or hospitalization, or
- a natural disaster

An individual can appeal denials of acceptable emergency situations through the established appeal procedure if they disagree with the decision regarding their inability to take the tests.

Appendix E

Test Development Consultants

Dr. Joan Knapp, Knapp and Associates

Knapp and Associates is a research and development firm that specializes in the conceptualization, planning and development of assessment procedures and programs designed to measure professional competence.

Joan E. Knapp, President, has a Ph.D. in educational and psychological measurement and research, with 20 years experience in the development of programs to assess professional competence. Dr. Knapp was formerly the Executive Director of Health Credentialing Programs at Educational Testing Service. She has worked with over 30 professional agencies, organizations and boards in a variety of projects concerned with accreditation, program evaluation, certification and licensure.

Test Development Committees

1. National Evaluation System Study Committee (NESSC) Members (1985-1987)

- Barbara Brasel (CT)
- Betty Colonomos (MD), Chair
- Dennis Cokley (MD)
- Norma Lewis (KY)
- Mark Wambach (NY)

Consultants:

- Sandra Maronde (MN)
- Etilvia Arjona (CA)

2. Blueprint Committee Members (1992-1995)

- Anna Witter-Merithew (NC)
- Mary Darragh MacLean (MA)
- Jo Linda Greenfield (MD)
- Kenneth Fenton (NY)
- Betty Colonomos (MD)
- Richard Laurion (MN)
- Gary Johnson (MD)
- Maureen Fitzgerald (CA)
- Carol Tipton (MD)

APÊNDICE 3

TEXTO UTILIZADO NAS GRAVAÇÕES

"Receitas de Alegria"

Revista da Folha (5 de novembro de 1995)

1 "Uma pesquisa do Instituto Gallup em 18 países apurou
2 que os islandeses formam a população mais alegre. Chega a
3 82% a parcela dos habitantes daquele país que se considera
4 feliz da vida. Os americanos ocupam o quinto lugar na
5 escala da felicidade, com 72%.

6 "Os mais insatisfeitos são húngaros e mexicanos, povos
7 em que o número de infelizes ultrapassa em muito o dos
8 contentes. O Japão tem eficiência educacional e disciplina,
9 mas só 42% de índice de felicidade.

10 "A população da Islândia é de 266.786 pessoas. No
11 inverno, o país tem apenas de três a quatro horas de luz
12 solar por dia. É uma ilha varrida pelo vento e assolada
13 pela neve.

14 "Esse lugar tem uma das maiores rendas per capita do
15 mundo e desconhece o analfabetismo desde o último ano do
16 século 18. Lá, é fácil falar com o presidente. Em março
17 passado, a inflação na Islândia foi de -0,2%, ou seja,
18 houve deflação.

19 "Só recentemente a Islândia passou a ter televisão
20 diária, durante três horas - ainda que no verão passado
21 (corresponde ao inverno brasileiro) as emissões tenham sido
22 interrompidas por um mês, para que os funcionários da TV
23 gozassem férias."

APÉNDICE 4

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 1

Text of Proposition "Uma pesquisa do Instituto Gallup em 18 países apurou"

1 estudo GALOP (dact.) 18 lugares somar

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

estudo/lugares
Substitutions 3 Additions / Omissions 1 instituto
somar Articulation Error /

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 4 = 6

3. Cultural Adjustment

~~Substitutions~~ ~~Additions~~ ~~Omissions~~

~~Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)~~

~~POINTS:~~

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 1 erro

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 2

Text of Proposition "Uma pesquisa do Instituto Gallup em 18 países apurou"

1 pesquisa fazer casa trabalhar nome GALUP
(dact) somar 18 país resolver

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate Modified Inaccurate Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

resolver
Substitutions 1 Additions 5 Omissions 1 Articulation Error 1
fazer/casa/trabalhar
nome/somar

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: $10 - 6 = 4$

3. Cultural Adjustment

~~Substitutions _____ Additions _____ Omissions _____~~
~~Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)~~
~~POINTS: _____~~

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/English English Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 1 erro

*SUBSTITUIR:
ASL = LIBRAS
ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 3

Text of Proposition "Uma pesquisa do Instituto Gallup em 18 países apurou"

1 estudo I (dact) INSTITUTO (labial) estudo
pesquisa estudo 18 país ver

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

ver Substitutions 1 Additions 3 Omissions 1 Articulation Error 1
estudo (3 vezes) instituições*

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: $10 - 5 = 5$

3. Cultural Adjustment

Substitutions _____ Additions _____ Omissions _____

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS: _____

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/English English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 1 p/inicializacas

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS
ENGLISH = PORTUGUÊS

* O formulário não considera art. labial.

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 4

Text of Proposition "Uma pesquisa do Instituto Gallup em 18 países apurou"

1 povo estudo muito microscópio 18 país
diferente ver

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

estudo Substitutions 2 diferente Additions 4 instituto Omissions 2 gallup Articulation Error _____
ver povo/muito/microscópio

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 8 = 2

3. Cultural Adjustment

Substitutions _____ Additions _____ Omissions _____

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS: _____

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: _____

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 1

Text of Proposition "os islandeses formam a população mais alegre"

IRLANDEZ (dact.) pessoa povo muito alegre

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

much Substitutions 1 Additions 1 Omissions // Articulation Error //

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: $10 - 2 = 8$

3. Cultural Adjustment

~~Substitutions~~ ~~Additions~~ ~~Omissions~~

~~Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)~~

~~POINTS: _____~~

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/English English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 1 of error

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 2

Text of Proposition "os islandeses formam a população mais alegre"

ISLANDIA (dact) pessoa ter povo mais alegre

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate Modified Inaccurate Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

ter
Substitutions 1 Additions 1 Omissions // Articulation Error //
pessoa

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 2 = 8

3. Cultural Adjustment

~~Substitutions Additions Omissions~~

~~Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)~~

~~POINTS: _____~~

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/English English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 1

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS
ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 3

Text of Proposition "os islandeses formam a população mais alegre"

personas moram país ISRLANDIA (dact) tem povo
mais alegre

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

personas moram país Islândia
Substitutions 4 Additions 2 Omissions // Articulation Error //
⇒ islandeses tem/povo

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 6 = 4

3. Cultural Adjustment

Substitutions

Additions

Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 1 of erro

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 4

Text of Proposition "os islandeses formam a população mais alegre"

ter IRLANDES (dact) fazer pessoas mais
alegre

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions // Additions 2 Omissions // Articulation Error //

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: $10 - 2 = 8$

3. Cultural Adjustment

Substitutions Additions Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/English English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 1

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 1

Text of Proposition "esse lugar tem uma das maiores rendas per capita do mundo"

conhecer (negativo) bem dinheiro melhor

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate Modified Inaccurate Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

dinheiro Substitutions 1 Additions 1 Omissions 2 Articulation Error 0
conhecer esse lugar / tem mundo

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 6 = 4

3. Cultural Adjustment

~~Substitutions Additions Omissions~~

~~Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)~~

~~POINTS: _____~~

4. Target Language (Circle one)

ASL ASL/English English Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 0

*SUBSTITUIR:
ASL = LIBRAS
ENGLISH = PORTUGUÊS

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 2

Text of Proposition "esse lugar tem uma das maiores rendas per capita do mundo"

tambem esse lugar ter melhor o MELHOR (labial)
salário mundo

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

melhor Substitutions 2 tambem Additions 1 Omissions // Articulation Error //
salário

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 3 = 7

3. Cultural Adjustment

Substitutions Additions Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: //

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MITSubject No. 3

Text of Proposition "esse lugar tem uma das maiores rendas per capita do mundo"

lugar ter maior dinheiro pessoa mundo

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

dinheiro Substitutions 2 Pessoa Additions 1 Omissions // Articulation Error //

maior
Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 3 = 7

3. Cultural Adjustment

Substitutions Additions Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: //

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

Prop. n. 3

IAI MANUAL

APPENDIX A Sample Proposition Rating Form

Rater MTSubject No. 4

Text of Proposition "esse lugar tem uma das maiores rendas per capita do mundo"

lugar muito luxu

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions XAdditions XOmissions X

Articulation Error _____

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - ? = ?

3. Cultural Adjustment

Substitutions _____

Additions _____

Omissions _____

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS: _____

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: ==

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

Prop. n. 4

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating FormRater MTSubject No. 1

Text of Proposition "desconhece o analfabetismo desde o último ano do século 18"

escrever ler positivo negativo século 18
passado

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

último
ano
escrever ler Substitutions 4 Additions // Omissions 2 Articulation Error //
posit. neg.

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 6 = 4

3. Cultural Adjustment

Substitutions Additions Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: =

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MT

Subject No. 2

Text of Proposition "desconhece o analfabetismo desde o último ano do século 18"

lá nada não-ter pessoa negação ler saber
DESDE SÉCULO (labial) 18 ano passado

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

nao-ter Substitutions 5 lá/nada/ano Additions 3 desde século Omissions 2 Articulation Error 2 ano passado
pessoa neg. ler saber

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 12 = (?)

3. Cultural Adjustment

Substitutions

Additions

Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS:

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

* O formulário não considera a artic. labial.

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 3

Text of Proposition "desconhece o analfabetismo desde o último ano do século 18"

negação conhecer país, pessoa negação saber
ler

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

person neg. saber ler Substitutions 4 Additions // Omissions 4 *último/ano séc/18* Articulation Error //

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 8 = 2

3. Cultural Adjustment

Substitutions

Additions

Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS:

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 4

Text of Proposition "desconhece o analfabetismo desde o último ano do século 18"

não ter população mas saber mas-ter-cabeça
pouco não ter população inteligente.

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions X

Additions X

Omissions X

Articulation Error //

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10

(?)

= (?)

3. Cultural Adjustment

Substitutions _____

Additions _____

Omissions _____

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS: _____

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: ==

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MT

Subject No. 1

Text of Proposition "em março passado, a inflação na Islândia foi de -0,2%, ou seja, houve deflação"

MARÇO (dact) passado ano passado INFLAÇÃO (dact)
18 percentagem para baixo MENOS (labial) ter
dinheiro diminuir Queda (labial) DE (dact) FLAÇÃO (labial)

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions passado/18/para baixo

Additions 6

Omissions 4

Articulation Error menos*/zero/virgula/
dois

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 10 = 0

3. Cultural Adjustment

Substitutions _____

Additions _____

Omissions _____

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS: _____

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 3

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 2

Text of Proposition "em março passado, a inflação na Islândia foi de -0,2%, ou seja, houve deflação"

em março passado I (dact) INFLAÇÃO (labial) ir mais-ou-menos
MENOS (labial) menos zero vírgula dois percentagem mais-
ou-menos ter I (dact) INFLAÇÃO (labial) para baixo

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

ter Substitutions 5 Additions 2 Omissions 2 Articulation Error ///
It inflação/para/baixo mais-ou-menos (2 vezes) inflação (2 vezes)

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 9 = 1

3. Cultural Adjustment

Substitutions

Additions

Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 2

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

* O formulário não considera art. labial.

IAI MANUAL

APPENDIX A
Sample Proposition Rating Form

Rater MH

Subject No. 3

Text of Proposition "em março passado, a inflação na Islândia foi de -0,2%, ou seja, houve deflação"

M (dact) mês MARÇO (dact) passado INFLAÇÃO (dact)
MENOS (labial) menos zero vírgula dois porcen-
tagem

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions // Additions 1 Omissions 2 Articulation Error //
deflação Islândia

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - 3 = 7

3. Cultural Adjustment

Substitutions Additions Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 3

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

Prop. n. 5

IAI MANUAL

APPENDIX A Sample Proposition Rating Form

Rater MHSubject No. 4

Text of Proposition "em março passado, a inflação na Islândia foi de -0,2%, ou seja, houve deflação"

I (dact) ISLÂNDIA (labial) não ter problema para cima
para baixo problema sempre alto I (dact) INFLAÇÃO
(labial) não ter

1. Accuracy of Proposition (Circle one)

Accurate

Modified

Inaccurate

* Missing

2. Type of Modification (Use only if modified is circled above)

Substitutions XAdditions XOmissions XArticulation Error Islândia inflação

Score (Ten points if accurate; zero if inaccurate or missing; subtract one point for each modification)

POINTS: 10 - ? = (?)

3. Cultural Adjustment

Substitutions Additions Omissions

Score for Cultural Adjustment (Add number of adjustments)

POINTS:

4. Target Language (Circle one)

ASL

ASL/English

English

Score (ASL=2, ASL/English=1, English=0)

POINTS: 1

5. Fingerspelling (For voicing, enter number of errors; for signing, enter number of words spelled)

POINTS: 2

*SUBSTITUIR:

ASL = LIBRAS

ENGLISH = PORTUGUÊS

* O formulário não
considera a art. labial.

APÊNDICE 5

TRANSCRIÇÃO DAS TRADUÇÕES**TLS N.1: MARI CARMEN FERNANDES**

(Muita expressão corporal e facial e pouca articulação labial)

sinal numeral 1/ sinal estudo/ dact: GALOP (sic)/ sinal numeral 18/ sinal lugares/ sinal somar/ dact: IRLANDEZ (sic)/ sinal pessoa+povo/ sinal muito/ sinal alegre/ sinal numeral 82+% (repetição do sinal do numeral)/ sinal partes/ sinal ter/ sinal muito/ sinal feliz/ sinal vida/ sinal já/ sinal Estados Unidos (labial: americanos)/ sinal ter/ sinal quinta colocação/ sinal lugar/ sinal muito/ sinal feliz/ sinal negação/ sinal numeral 72+%/ (pausa) sinal bom/ sinal agora/ sinal mais/ sinal triste/ sinal é/ dact: HÚNGAR (labial: ROS)/ sinal é/ sinal também/ sinal México/ sinal grupo/ dact: POVOS/ sinal grupo/ sinal passar/ sinal grupo/ sinal negação/ sinal alegre/ sinal Japão/ sinal ter/ sinal estudo/ sinal inteligência/ sinal educação/ sinal mas/ sinal somente/ sinal numeral 42+%/ sinal muito/ sinal feliz/ (pausa) sinal agora/ sinal cidade/ sinal grupo/ sinal mora/ dact: ISLÂNDIA/ sinal é/ sinal numerais 2,1 (correção) 2,1,6 sinal ponto/ sinal cidade/ sinal +labial inverno/ sinal somente/ sinal ter/ sinal numeral 4/ dact: A/ sinal numeral 4/ sinal hora/ sinal sol + labial LUZ/ exp.facial de intensidade/ sinal vento/ sinal muito/ sinal neve+exp.facial de intensidade/ sinal ter/ sinal dinheiro/ sinal lucro/ sinal dinheiro/ (pausa) sinal conhecer + movimento de negação com a cabeça/ sinal bem/ sinal dinheiro/ sinal melhor/ sinal escrever/ sinal ler/ sinal com polegar "positivo"/ sinal com polegar "negativo" / sinal século/ sinal numeral 18/ sinal de passado/ (pausa)/ sinal lá/ sinal fácil/ sinal conversar/ sinal bater papo/ sinal governo/ dact: MARÇO/ sinal passado/ sinal ano/ sinal passado/ dact: INFLAÇÃO/ sinal numeral 18+%/ sinal para baixo + labial MENOS / sinal ter/ sinal dinheiro/ sinal diminuir + labial QUEDA/ dact: DE + labial FLAÇÃO/ sinal somente/ dact: ISLÂNDIA/ sinal ter/ sinal sol/ sinal numeral 1 + sinal dia/ sinal verão/ sinal ano/ sinal passado/ sinal também/ sinal aqui/ sinal Brasil/ sinal televisão/ sinal coisas/ sinal corta/ sinal numeral 1/ sinal mês/ sinal ver/ sinal bem/ sinal numeral 1/ sinal mês/ sinal trabalhar/ sinal grupo/ sinal trabalhar/ sinal férias/ sinal "como" (quase exclamação)/ sinal televisão/ sinal sol/ sinal negação/ sinal ter/ sinal televisão

.....

TLS N.2: DAMIÃO V.F. TORRES LOUREIRO

(Pouca expressão corporal e facial e muita articulação labial. Faz concordâncias e coloca os verbos nos tempos e na pessoa do texto original através da articulação labial.)

sinal numeral 1/ sinal pesquisa/ sinal fazer/ sinal casa/
sinal trabalhar/ sinal nome/ dact: GALUP/ sinal somar/
sinal numeral 18/ sinal país/ sinal resolver/ dact:
ISLÂNDIA/ sinal pessoa/ sinal ter/ sinal povo/ sinal mais/
sinal alegre/ sinal mais ou menos/ sinal numeral 82+%/
sinal grupo/ sinal povo/ sinal vida/ sinal lá/ sinal país/
sinal acha/ sinal lá/ sinal é/ sinal pessoa/ sinal alegre +
labial FELIZ/ sinal outro/ sinal comparar/ sinal pessoa/
sinal Estados Unidos + labial americanos/ sinal estar/
sinais numerais 1,2,3,4,5/ sinal numeral 5 + labial QUINTO
LUGAR/ sinal mais ou menos/ sinal numeral 72 + %/ (pausa)
sinal bom/ sinal agora/ sinal pessoa/ sinal mais/ sinal
contente/ sinal alegre/ sinal é/ dact: HÚNGAROS/ sinal
México + labial mexicano/ sinal lá/ sinal povo/ sinal ter/
sinal grupo/ sinal pessoa/ sinal menos/ sinal triste/ sinal
pouco/ sinal comparar/ sinal Japão/ sinal lá/ sinal é/
sinal muito/ sinal bom/ sinal lá/ sinal mais ou menos/
sinal numeral 42+%/ sinal pessoa/ sinal alegre + labial
FELIZES/ (pausa) sinal povo + labial POPULAÇÃO/ sinal país/
sinal nome/ dact: ISLÂNDIA/ sinal é/ sinais numerais 2,7,6
+ sinal ponto + labial MIL/ sinal pessoa/ sinal mais ou
menos/ sinal mês/ sinal neve + labial INVERNO/ sinal país/
sinal ter/ sinal mais ou menos/ sinal numeral 3/ sinal
numeral 4/ sinal hora/ sinal sol + labial LUZ/ sinal lá/
sinal ter/ sinal ilha/ sinal ter/ sinal muito/ sinal vento/
sinal neve/ sinal também/ sinal esse/ sinal lugar/ sinal
ter/ sinal melhor + labial O MELHOR/ sinal salário/ sinal
mundo/ sinal lá/ sinal nada/ sinal não ter/ sinal pessoa/
sinal negação/ sinal ler/ sinal saber/ labial DESDE SÉCULO/
sinal numeral 18/ sinal ano/ sinal passado/ (pausa) sinal
lá/ sinal é/ sinal fácil/ sinal conversar/ sinal com/ sinal
presidente/ sinal mês/ sinal março/ sinal passado/
inicialização: i + labial INFLAÇÃO/ sinal ir/ sinal mais ou
menos/ labial MENOS + sinal menos (matemática) + sinal
numeral 0 + sinal vírgula + sinal numeral 2 + %/ sinal mais
ou menos/ sinal ter/ inicialização: i + labial INFLAÇÃO/
sinal para baixo/ sinal somente/ sinal agora/ dact:
ISLÂNDIA/ sinal país/ sinal ter/ sinal televisão/ sinal
somente/ sinal agora/ sinal mais ou menos/ sinal numeral 3/
sinal hora/ sinal todo dia/ sinal verão/ sinal passado/
sinal comparar/ sinal aqui/ sinal Brasil/ sinal inverno/
(pausa) sinal lá/ sinal não ter/ sinal televisão/ sinal
mais ou menos/ sinal numeral 1/ sinal mês/ sinal ver/ sinal
bem/ sinal numeral 1/ sinal mês/ sinal pessoa/ sinal
trabalha/ sinal televisão/ sinal ficar/ sinal férias

.....

TLS N.3: ELIZABETH A. ANDRADE SILVA

(Expressão corporal e facial e articulação labial em quantidade regular. Realiza sinais de numerais na ordem inversa da sua visão.)

sinal numeral 1/ sinal estudo/ inicialização: i + labial INSTITUTO + sinal estudo/ sinal pesquisa/ sinal estudo/ sinal numeral 18/ sinal país/ sinal ver/ sinal pessoa/ sinal morar/ sinal país/ dact: ISRLÂNDIA (sic)/ sinal ter/ sinal povo/ sinal mais/ sinal alegre/ sinal mais ou menos/ sinal numeral 82 + %/ sinal mostrar/ sinal povo/ sinal país/ inicialização: i + labial I/ sinal parecer/ sinal é/ sinal feliz/ (pausa) sinal já/ sinal Estados Unidos + labial AMERICANOS/ sinal mais ou menos/ sinal relação/ sinal numeral 5/ sinal lista/ sinal feliz/ sinal mais ou menos/ sinal numeral 7/ sinal numeral 2 + %/ (pausa) sinal agora/ sinal mais/ sinal triste (sinal realizado incorretamente) sinal é/ dact: HUGAROS (sic)/ sinal México (sinal realizado incorretamente) + labial MEXICANO/ sinal país/ sinal povo + labial FELIZ/ sinal número/ sinal pessoa/ sinal povo/ sinal número/ sinal pessoas/ sinal triste/ sinal ultrapassar/ sinal pessoa/ sinal alegre + labial FELIZ/ (pausa) sinal Japão/ sinal estudo/ sinal educação/ sinal somente/ sinal numeral 4/ sinal numeral 2 + %/ sinal pessoa sinal triste/ (pausa) sinal povo + labial POPULAÇÃO/ dact: ISLANDIA/ sinal é/ sinal numeral 172.000/ sinal pessoa/ sinal inverno + labial FRIO/ sinal país/ sinal ter/ sinal mais ou menos/ sinal numeral 3/ sinal numeral 4/ sinal hora/ sinal sol + labial LUZ/ sinal todo dia/ labial PAÍS + sinal ilha/ sinal muito/ sinal vento/ sinal ter/ sinal muito/ sinal neve/ sinal frio/ sinal neve/ sinal lugar/ sinal ter/ sinal maior/ sinal dinheiro/ sinal pessoa/ sinal mundo/ sinal negação/ sinal conhecer/ sinal país/ sinal pessoa/ sinal negação/ sinal saber/ sinal ler/ (pausa) sinal lá/ sinal lugar/ sinal fácil/ sinal conversar/ sinal presidente/ dact: M + sinal mês/ dact: MARÇO/ sinal passado/ dact: INFLAÇÃO/ labial MENOS + sinal menos (matemática) + sinal numeral 0 + sinal vírgula + sinal numeral 2 + %/ sinal somente/ sinal agora/ sinal país/ inicialização: i / sinal ter/ sinal pessoa/ sinal televisão/ labial DIÁRIA + sinal lugares/ sinal mais ou menos/ sinal numeral 3/ sinal hora/ sinal todo dia/ sinal verão + labial CALOR/ sinal passado/ sinal aqui/ sinal Brasil/ dact: i/ sinal inverno/ (sinal indevido: eleição)/ sinal parar/ sinal esperar/ sinal numeral 1/ sinal mês/ sinal depois/ sinal pessoa/ sinal trabalhar/ sinal televisão/ sinal verbo poder/ sinal ter/ sinal férias

.....

TLS N.4: GEILDA F. SOUZA

(Muita expressão corporal e facial e pouca articulação labial.)

sinal numeral 1/ sinal povo/ sinal estudo/ sinal muito/
 sinal microscópio/ sinal numeral 18/ sinal país/ sinal
 diferente/ sinal ver/ sinal ter/ dact: IRLANDES/ sinal
 fazer/ sinal pessoas/ sinal mais/ sinal alegre/ sinal até/
 sinal numeral 82 + %/ sinal população/ sinal ter/ sinal
 morar/ sinal país/ sinal vida/ sinal alegre + labial FELIZ/
 sinal mas/ sinal população/ sinal Estados Unidos + labial
 AMERICANOS/ sinal ter/ sinal numeral 50 + %/ sinal relação/
 sinal quinto/ sinal lugar + labial LUGAR/ sinal mais do
 que/ sinal alegre/ sinal mas/ sinal população/ sinal mais/
 sinal triste/ sinal população/ dact: HUNGARAS/ sinal
 também/ sinal população/ DACT: mexicanas/ sinal muito/
 sinal triste/ sinal também/ sinal ter/ sinal Japão/ sinal
 ter/ sinal população/ sinal problema/ sinal com/ sinal
 educação/ sinal mas/ sinal somente/ sinal numeral 42 + % /
 sinal população/ sinal pouco/ sinal triste/ sinal
 população/ sinal país/ dact: ISLANDIA + labial ISLANDIA/
 sinal ter/ sinal muito/ sinal vento/ sinal problema/ sinal
 neve/ sinal não ter/ sinal sol/ sinal somente/ sinal mais
 ou menos/ sinal numeral 4/ sinal hora/ sinal sol/ sinal
 todo dia/ sinal pensar-bem/ sinal muito/ sinal neve/ sinal
 muito/ sinal vento/ sinal lugar/ sinal muito/ sinal luxo /
 sinal não-ter/ sinal população/ sinal não saber/ sinal não-
 ter-cabeça + pouco/ sinal não ter/ sinal população/ sinal
 inteligente/ sinal muito/ sinal fácil/ sinal encontrar/
 sinal presidente/ sinal conversar/ inicialização: i +
 labial ISLANDIA/ sinal não ter/ sinal problema/ gesto
 graduação para o alto e para baixo/ sinal problema/ sinal
 sempre/ sinal alto/ inicialização: i + labial INFLAÇÃO/
 sinal não ter/ sinal agora/ sinal perto/ sinal mais ou
 menos/ sinal perto/ inicialização: i + labial ISLANDIA/
 sinal ter/ sinal televisão/ sinal todo dia/ sinal ano/
 sinal passado/ sinal coisas/ sinal mostrar/ sinal
 televisão/ sinal acabar/ sinal mais ou menos/ sinal numeral
 1/ sinal mês/ sinal ficar/ sinal população/ sinal
 trabalhar/ sinal televisão/ sinal ter/ sinal férias